

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**HELDER SILVA LIMA**

**TEMPO E HISTORICIDADE EM OS *SERTÕES* DE EUCLIDES DA CUNHA**

**CURITIBA  
2013**

**HELDER SILVA LIMA**

**TEMPO E HISTORICIDADE EM OS *SERTÕES* DE EUCLIDES DA CUNHA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História, Curso de Pós-Graduação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.  
Orientador: Prof. Dr. Renato Lopes Leite

**CURITIBA  
2013**

Catálogo na publicação

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Lima, Helder Silva

Tempo e historicidade em *Os Sertões* de Euclides da Cunha /  
Helder Silva Lima– Curitiba, 2013.

122 f.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Renato Lopes Leite

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas,  
Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1. Cunha, Euclides da, 1866-1909. *Os Sertões* - Crítica e  
interpretação. 2. História e crítica - Teoria, etc. Título.

CDD B869.33



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.


**E-mail:** cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br


### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Helder Silva Lima**, intitulada: **Tempo e Historicidade, em Os Sertões de Euclides da Cunha**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, dois de setembro de dois mil e treze.

  
Prof. Dr. Renato Lopes Leite (Orientador)  
Presidente da Banca Examinadora

  
Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva (UFG)  
1º Examinador

  
Prof. Dr. José Roberto Braga Portella (UFPR)  
2º Examinador

*À velhas árvores*

## AGRADECIMENTOS

Ao professor Renato Lopes Leite, pela orientação durante todo um longo trajeto. Sem as aulas primeiras de teoria da história pós-moderna, nossa memória jamais teria resistido à morte, à ressurreição, e à esperança do ontem. O futuro passado é coisa de muita monta, houvesse se não quem daí tenha dúvida, averigüe. A graça de ter sido, só num filme mesmo, desses da lembrança que ficam a girar eternamente lá nas bandas do sertão.

A professora Helenice Rodrigues da Silva, por durante todos os anos de convivência em aulas e seminários, a confiança e incentivo para a ousadia e para o sonho da história – do futuro que por nós tanto passou, fossem outros que não a fome das feras os fados a se requerer do mar.

Um agradecimento aos professores do departamento de História da Universidade Federal do Paraná, pelo seu esforço no ensino e na historiografia. Ao professor José Braga Portella, pelas aulas de Teoria da História IV, por participar da banca de qualificação, comandando tudo, e da banca de defesa. Ao professor Carlos Lima, por conversas grandes, amplas e vastas.

Ao professor Paolo Soethe pela atenta leitura e precisa crítica do relatório desse trabalho.

Ao professor Luiz Sergio Duarte e o pessoal da UFG pelo detonal. Escola detonal serialista dodecafônica de teoria da história de Goiás.

A Capes pela bolsa de estudos, permitindo a pesquisa empírica de como ser um dândi do final do século XIX. Mais do que isso, a realização desse trabalho.

Em Canudos, a todos, em especial a hospitaleira Dona Clô, e seus netos, teatro e estilingues na Guerra; ao seu Mário Serandim, profeta e estudante da história do mundo. Ao Frederico Tavares, grande e profundo é o cangaço, forte é o sol. Em Buíque, ao seu Carlos, sempre na guarda da paróquia, e grande entendedor de circo. Em Salvador, ao professor Raimundo Nonato e os alunos da UFBA. Em Recife, aos estudantes da Universidade Rural de Pernambuco e aos membros da mesa redôndula; a conclusão, naquele dia, que a rumo da História hermenêutica leva ao campo de concentração clariô. Raphael Guilherme de Carvalho, por ter me revelado o segredo da umbanda, da sua ligação com a sentido hermenêutico do mundo, e com a personalidade autoritária.

Jefferson de Oliveira, grande mão com as mudanças, desde o Admirável Mundo Novo, anos atrás, e muito antes até, sempre. E todos os seus, tios e tias, primos.

Dona Pamela F. Beltramin, de muitas receitas e muitas grandes ideias, a maior delas para as grandes teses brasileiras, relaxar faz-se mister, o mister é relaxar.

Seu Felipe (valeu pela quinta edição de *Os Sertões*), Seu Dom Caio, Seu Paolo Balãozinho, o futuro buda do Tibet que é o Alto da XV, e Seu Antônio. Na lida do centro de Curitiba, Reitoria. (ou onde se roubam as botas mas se vendem as botinas).

Gabriela Kreutz Binko. Onde tudo é errante, mesmo passageiro, motorista e cobrador. Só poderei escrever as notas do sobressolo, quiçá depois de percorrer os arranha-céus de Stalingrado. Está no tarô cigano e no zodíaco online, o misterioso oráculo astral diz apenas à Tchekov o que é de Tchekov, à Joyce o que é de Joyce, ao Pequeno Príncipe o que é do Pequeno Príncipe. Essas traduções embaralham tudo; eu mesmo só sei jogar a velha canastra. E à quem perguntar ao guarda pela direção, ao Um Dia Daqueles o que é do Um Dia Daqueles.

José Adil Blanco de Lima, que quando precisar caçar uns lobisomens, mulas-sem-cabeça, bestas furiosas do cinco mares, ou chamar o técnico do elevador, e outros monstros e monstregos barrocos, sabei que sou bom na espingarda, fura-bucho, e ferro frio, todas armas bentas e benzidas. Se descobirmos que essas não funcionam com os mal-assombrados das trevas, será a hora de usar das armas secretas da história com esses excomungados: *Ê pai véio, esse charuto tá me pondo tonto, pai véio*, também conhecido como a sutra sagrado do Era uma Vez, revelado por Dongshan Shouchu, conforme encontrado no “Registro do rochedo azul”, pasta 12.

Franciele do Couto Grabowski, por partilhar dos rastros perdidos do caminho esquecido, colheita de muita sustância para os vivos, doloridos e famintos. Modernidade, melancolia, alegria. E um monte de outras coisas que ficaram de fora dessa história. La fora, onde o vento faz a curva e não a curva faz o vento. Na cidade, o metrô vai virar trem, e o trem virar biarticulado. Uma história antiga, cantiga, memória.

*Para que chova  
Sobre terras de ninguém  
Vazias vastidões  
de homem nenhum.*

Jó.

## RESUMO

Este estudo investiga a relação que se expõe no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, entre tempo e a historicidade atribuída ao sertão e ao sertanejo. Nesta obra, lançada em 1902, que se apresenta como um estudo da Campanha de Canudos postula-se, desde o início, uma distância temporal entre o narrador letrado e os tipos populares, que foram observados na ocasião da guerra. Conforme o autor, os sertanejos figurariam como pertencentes ao passado, espécimes do atavismo histórico, preservados no interior que logo seriam suplantados pela marcha da civilização. Portanto, desde cedo o autor demonstra uma consciência histórica, a qual o permite discorrer sobre a historicidade dos habitantes do sertão. Destarte, representa o mundo rural em oposição ao mundo urbano, e sobretudo o tempo passado em oposição ao tempo presente. Existe, pois, uma articulação da consciência histórica, pela qual Euclides da Cunha, projeta o sertão e seu homem para o passado, mesmo que presentes. Põe-se em causa, nesta pesquisa, o propósito de tal consciência histórica, a qual define uma historicidade própria ao narrador e a sua matéria narrada. A percepção do tempo é responsável pela maneira como Euclides representa o seu sertão. Com o suporte teórico da teoria da história de Jörn Rüsen, a historicidade, manifesta no livro de Euclides da Cunha pode ser explicada.

Palavras-Chave: História Intelectual; Teoria da História; Consciência histórica.

## ABSTRACT

This study sought to investigate the relationship between time and history in the book *Rebellion in the Backland*, by Euclides da Cunha. In this work published in 1902, which pretend to be an essay about the Canudos' Campaign, he asseverates since the beginning a temporal distance between the literary narrator and the popular folks, which were seem in the occasion of the war. As the author says the *sertanejos* were types of the past, representing the historical atavism that had preserved in the backlands, where the march of the civilization would supplant them by force. Hence, the author demonstrates a historical consciousness that permits him to write about the historicity of the habitants of the backlands. Thus, he represents the rural world in opposition to the urban world, and above all the past time in opposition to the present time. A use of the historical consciousness projects the backlands and its folks to the past present. This research questions this historical consciousness, which defines a historicity to the narrator and another to the narrated. The perception of the experience of time must be the responsible of the means by which Euclides da Cunha represent the backlands. With the support of Jörn Rüsen's theory of history the historicity of the book can be explained.

Keywords: Intellectual history, Theory of History, Historical Consciousness.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 - MODERNIDADE COMO CONTINGÊNCIA TEMPORAL .....	25
POSIÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA NO CONTEXTO DA I REPÚBLICA.....	27
O MODERNO.....	53
CAPÍTULO 2 - PERSPECTIVAS SOBRE A HISTÓRIA. SERTÃO E CANUDOS.....	60
O SERTÃO .....	61
A NOSSA VENDÉIA .....	72
CAPÍTULO 3 - O SERTÃO ARCAICO - NARRATIVA, TEMPO E HISTÓRIA.....	78
POSIÇÃO DO NARRADOR.....	79
HISTÓRIA E TEMPO .....	88
CONCLUSÃO .....	103
OBRAS DE EUCLIDES DA CUNHA CONSULTADAS:.....	109
BIBLIOGRAFIA.....	111

## INTRODUÇÃO

Este estudo é sobre o livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, tomado em suas características de forma e de função, com que se elabora a consciência histórica nele encontrada. Isto é, a princípio não trata diretamente do sertão, mas de um autor e de um livro que tratam do sertão. A pergunta básica que motiva esse estudo, portanto, levanta um tema que será tratado em diálogo com a teoria da história. Os fios condutores desta análise são a experiência do tempo e sua humanização em uma narrativa histórica.

Não pretende-se fixar ou sugerir uma interpretação de *Os Sertões*, como quem dissesse: este é o sentido do livro. Lançado no mercado editorial em 1902, este procedimento foi, desde então, feito e refeito pela crítica especializada e amadora. Em geral, essas interpretações caracterizam-se por interessarem-se pela questão nacional, isto é, o sentido do livro estaria intimamente ligado ao sentido do desenvolvimento do estado e da identidade nacional brasileira.<sup>1</sup> Diversamente, nesta dissertação, procede-se metodicamente com o recorte e a seleção de trechos que respondem às diretrizes de investigação formuladas por uma pergunta teórica. Tal pergunta originou-se do campo de debate da teoria da história, concernente ao papel da história e da linguagem na organização da experiência temporal. Mais do que a solução de uma questão, o objetivo principal é construir um problema e encontrar possíveis vias de soluções. Passo a seguir, a formular o problema, cujo o corpo da dissertação tentará responder.

A primeira edição de *Os Sertões* foi publicada em 1902. A narrativa da Campanha de Canudos feita por Euclides da Cunha tem muito do contexto da viragem do século XIX para o XX. O livro foi dedicado aos “futuros historiadores”, que pudessem olhar para o caso da guerra de Canudos não apenas como arrolado de fatos sem alma mas que encontrassem ali, no texto que Euclides oferecia, “os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil”. O livro esboçava mesmo que palidamente, e com alguma timidez declarada do autor, um ensaio narrativo-histórico sobre os sertões brasileiros.

Em um livro que se quer mais que um simples relato dos acontecimentos, mas um estudo da formação das pessoas que viviam na terra afastada das cidades do litoral, uma das

---

<sup>1</sup> Acerca desse debate, cf. LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro : Revan : IUPERJ, UCAM, 1999.

grandes caracterizações da peculiaridade que o espaço sertanejo apresenta é definido pela sua posição no tempo. Ao longo do livro, na descrição e na narração dos fatos relacionados com as populações sertanejas, encontra-se forte caracterização temporal dessas como pertencentes ao tempo passado.

Desde a “Nota Introdutória” do livro, o autor expõe seus pressupostos quanto as gentes do sertão. Nas paragens isoladas da costa habitavam os tipos populares sertanejos, “o jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório”.<sup>2</sup> A justificativa para o “esboço” seria que ante o inevitável triunfo da civilização o “próximo desaparecimento” daquelas populações sertanejas era certo e sua existência “efêmera”.<sup>3</sup> Importava, logo, o registro das características sertanejas, pois o autor antevia sua desaparecimento eminente. Ele acreditava que elas seriam suplantadas pelo avanço civilizatório do progresso. Logo, ele apresenta o sertão e o homem que o habita como traços de um mundo evanescente, que sobrevivia apenas por estar escondido no interior. Aqui a questão temporal se manifesta de forma clara. Após elencar os tipos sertanejos na Nota Introdutória de *Os Sertões*, Euclides afirma:

Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado<sup>4</sup>.

Mais do que a distância geográfica, todavia superada pela viagem, a maior distância que Euclides apontava entre os civilizados modernos e os populares sertanejos era uma coordenada histórica. O travessão indica a peculiaridade da coordenada histórica em causa, o tempo. Ao longo do livro, de fato, encontramos a definição dos sertanejos que pelejaram contra as tropas do Exército da I República como refratários à marcha da História, e de Antônio Conselheiro como um herege da Idade Média fora de sua época.

O que permite a Euclides da Cunha estabelecer essa distância temporal, tomando a civilização como pertencente ao presente e ao futuro e encarar o sertanejo como passado?

A questão evidencia uma complexidade. Pois, cronologicamente, ambos, narrador-observador e sertanejo-observado, são simultâneos. No entanto, Euclides revela uma

---

<sup>2</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo : Brasiliense, 1985. [1902]. p. 85

<sup>3</sup> *Idem*.

<sup>4</sup> *Ibidem*. p.86

consciência histórica que o faz tomar o sertão como lugar do passado. De outra forma, encontramos durante a leitura do livro imagens de deserto e solidão que contrastam com imagens da civilização e da cidade. Cabe perguntar, que espécie utopia ao avesso é esta, que se projeta em uma fuga – não para o futuro – mas para o passado, como não para uma sociedade melhor mas para o deserto. Analisando como o tempo é configurado em sua narrativa, formando o sentido para a história, pode-se desvelar a consciência histórica de Euclides da Cunha.<sup>5</sup> Embora trate-se de um autor e sua obra, essa operação analítica relaciona-se com um problema de cultura, pois por seu meio podemos entender como uma época lida e quais problemas coloca à história. Assim, além do livro em causa, optou-se por considerar os escritos do autor como um bloco de sentido, que se define com o contexto do final do século XIX e a primeira década do século XX.

Quando em 1902 Euclides da Cunha lança no mercado sua narrativa histórica sobre a Campanha militar da guerra de Canudos, ocorrida entre 1896 e 1897, o título de *Os Sertões* evocava o imaginário já então bem estabelecido quanto ao espaço do interior. Pode-se entendê-lo como o ponto culminante de toda a literatura sobre o sertão, elaborada com os traços românticos desde a segunda metade do século, afora a referência aos autores coloniais, nos tratados de terras e gentes e nas descrições de viagem.<sup>6</sup> Ponto culminante, pois, após sua publicação, ele persistirá como uma sombra ou fundo de tudo o que se falou desde então sobre o sertão. Não apenas na criação literária, mas no pensamento sobre os problemas sociais do país, que se costuma nomear pensamento social brasileiro.<sup>7</sup>

Há um debate quanto a sua categoria, se seria um livro de antropologia, sociologia, história, ou literatura. Luiz Costa Lima demonstrou como sua recepção na época de lançamento o considerou sobre duplo aspecto, tanto científico quanto literário, sem indicar nenhum problema quanto ao misto de ciência e arte.<sup>8</sup> Posteriormente, partindo de oficiais do exército veio a crítica de que Euclides da Cunha teria “poetizado” e assim desvirtuado a verdade dos fatos da guerra, não podendo, portanto, ser considerado dignamente um livro

---

<sup>5</sup> A noção de hermenêutica da consciência histórica, baseada nas categorias temporais, surge do trabalho do historiador alemão Reinhart Koselleck. Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, Puc Ed-Rio, 2006.

<sup>6</sup> BONATO, Tiago. **O sertão, Os sertões**: a construção da região Nordeste do Brasil a partir da interface entre história e literatura IN: *História: Debates e Tendências* – v. 8, n. 1, jan./jul. 2008, publ. no 1o sem. 2009. pp. 195-214.

<sup>7</sup> SCOVILLE, André Luiz Martins Lopes de. **Literatura das Secas: Ficção e História**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2011. pp. 55 – 100.

<sup>8</sup> LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**. A construção de Os Sertões. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997.

científico, mas apenas literatura. Neste trabalho, considera-se *Os Sertões* dentro da categoria de ensaio e do ensaísmo latino-americano, cujas características são a liberdade de composição garantidas pela forma livre. Nesse sentido, o ensaio permite múltiplas vias de significação, e também de leitura. Seu sentido nunca é fechado, mas aberto às possibilidades de exploração, tanto quanto sua composição permite ao autor a possibilidade de explorar e integrar os aspectos contraditórios de sua cultura. Isto é, na América Latina, entre a civilização europeia e a cultura colonial, o ensaísta lida com mundos híbridos, que se refletem em seu texto.<sup>9</sup>

Euclides da Cunha é autor que se revela cheio de paradoxos. Esses paradoxos são interessantes para sua leitura. Era um autor comprometido com o cientificismo de sua época, ao mesmo tempo em que, espaçadamente, em sua obra, encontramos questionamentos da validade da própria ciência. Republicano exaltado na sua juventude, crente na ideia do progresso e do caráter redentor da civilização, acabaria criticando os rumos tomados pelo governo. Entre adepto da modernização e antimodernista que chora a destruição do arcaico trazido pelo progresso, surgem rompantes utópicos – necessidade de esperança – que o autor busca satisfazer escrevendo. Euclides tinha um ideal ilustrado de humanidade, provindo da sua leitura da revolução francesa feita pelo romantismo – Victor Hugo, Carlyle, Guizot.

Na recente produção crítica sobre a obra de Euclides da Cunha, existem alguns comentários sobre a relação de *Os Sertões* com a história. Ronald Machado faz um ensaio em que aplica a poética da história de Hayden White à análise do livro de Euclides da Cunha. O resultado da análise presa pelos aspectos linguísticos de configuração da narrativa enquanto arte de composição do enredo. Segundo Ronald Machado, o texto euclidiano apresenta um “enredo trágico”, de explicação “mecanicista”, para o conflito de Canudos. Sua posição política, de acordo com as categorias de White, se mostraria como “conservadora”, pois segundo Machado, o processo de mudança temporal no texto euclidiano é tido como “natural e necessário, concebendo a evolução histórica como o aperfeiçoamento progressivo da sociedade vigente”<sup>10</sup>. O tropo predominante no livro seria a “metonímia”. Formando uma sequência, nas categorias de White, da seguinte maneira: poética metonímica, modo verbal trágico, forma mecanicista e ideologia conservadora. No entanto, segundo Ronald Machado, o

---

<sup>9</sup> Cf. WEINBERG, Liliana. **El ensayo, entre el paraíso y el infierno**. México : Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo de Cultura Económica, 2001.

<sup>10</sup> MACHADO, Ronald. A narrativa da história em *Os Sertões*. In: GOMES, Gínia Maria. **Euclides da Cunha: literatura e história**. Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2005. p.100.

caráter literário do livro modularia essa estrutura, fazendo com que o texto acabasse por fugir dela, tendendo a se manifestar como uma composição mais complexa.<sup>11</sup> Entraria no decorrer da narrativa de Euclides o elemento irônico, sinalizando com isto, o autor, uma “descrença, simultaneamente explícita e implícita, na verdade de seus próprios enunciados.”<sup>12</sup>

O efeito dessa ironia seria construir argumento narrativo “autocrítico com respeito as suas próprias convicções”<sup>13</sup>. Logo, Ronald Machado conclui que as categorias de construção meta-históricas do livro não são restritas a uma regra combinatória única. O texto, assim, é considerado “híbrido, polissêmico, caleidoscópico”.<sup>14</sup> A ironia autocrítica redundaria na desconfiança quanto a seus próprios enunciados, conjugando a elaboração linguística à conhecida crítica social pertinente ao conteúdo sociológico do livro. Isto é, o texto espelharia, quanto a si mesmo, a crítica social dirigida aos rumos da Primeira República e atuação criminal do exército nacional na guerra.<sup>15</sup>

Já para Marília Papaléo Fitchner, *Os Sertões* mergulharia no “âmago de nós mesmos, no âmago de nossa *Terra ignota*, que não é outra coisa do que o espaço de representação mental chamado memória”<sup>16</sup> Portanto, esta análise concebe o livro como uma viagem de autodescoberta, para o interior de “nossos medos”, “nossas imagens reprimidas e monstruosas”, que se manifesta quando nos deparamos com o *outro*, o sertanejo. Memória, aqui, é tratada como uma espécie de “alucinação” que sofreu o apagamento. O sertão esquecido é revivido, pois, pela narrativa de Euclides da Cunha.<sup>17</sup> O livro, traria, desta forma, a imagem do mar extinto, figura da memória perdida, resgatando uma dimensão que a autora do ensaio não sabe explicar senão dizendo ser “o inconsciente”, “o subterrâneo a nossa dimensão cultural”.<sup>18</sup>

---

<sup>11</sup> *Ibidem*. p. 101.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 105.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 106.

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp. 104 - 105.

<sup>16</sup> FITCHNER Marília Papaléo. *Os Sertões*: memória, imagem, representação visual. In: GOMES, M.G. *Op. Cit.*, p. 252.

<sup>17</sup> *Idem*.

<sup>18</sup> *Idem*.

O enigmático dessa dimensão permanece nas explicações da autora. Ao longo do livro, apresentados à vida sertaneja, “no meio de tanta secura e dor, vamos decodificando simultaneamente, dentro dessa teratologia, a narração de coisas maravilhosas, maravilhosas mas perdidas, quem sabe?, para sempre...”.<sup>19</sup> A autora finalmente identifica a narrativa histórica de Euclides como uma visão da história que seria a da “evolução regressiva”.<sup>20</sup> O rumo evolucionário seria o rumo da memória esquecida, do passado perdido, da imagem do sertão que alucina e faz ver no meio da seca a ilusão do mar que um dia aquele lugar teria sido.<sup>21</sup>

Para o crítico e tradutor alemão Berthold Zilly, Euclides da Cunha apresenta uma concepção trágica mas alentadora da história. “O sertanejo morreu na realidade, (...) morreu também no livro de Euclides, mas neste, e só neste, ele também revive, sendo ressuscitado e imortalizado como utopia e mito.”<sup>22</sup> Percebemos, portanto, que o texto cumpriria uma função histórica de memória, mito e esperança. De fato, para Zilly, o livro seria expressão da violência da colonização, segundo o ponto de vista de um autor latino-americano. O embate de Canudos assume essa dimensão, que eleva o conflito ao ponto fulminante de toda história brasileira. Em seu aspecto mais importante, Zilly considera que Euclides faz a “crítica da razão colonialista”.<sup>23</sup> Sua história da guerra de Canudos projetou e perpetuou “um flagrante dessa *performance* fugaz do sertanejo no palco da História”.<sup>24</sup> Registro e memória, seriam a função que a narrativa cumpriria, “ao nível da observação subjetiva e da configuração estética.”<sup>25</sup> “Ele não tem à disposição uma ciência social que possa ser ferramenta de análise e compreensão da população sertaneja, de modo que a literatura, a poética e retórica, apoiadas

---

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 253.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 254.

<sup>21</sup> Os comentários da autora sobre esse aspecto da alucinação do mar se baseiam no trecho de *Os Sertões* chamado *Fantasia de Geólogo*, cujo tema é exatamente a existência no sertão do norte de um mar na era terciária. A autora do ensaio discutido sugere uma curiosa interpretação: “o relato de Euclides encarna um choque de mentalidades e de civilizações que produz mais metáforas do que argumentos racionais. Então, para não enlouquecer, acho que ele acabou enlouquecendo o mestiço” *Ibidem*, p. 255.

<sup>22</sup> ZILLY, Berthold. Um patriota na era do imperialismo: o brilho cambiante de *Os sertões* In: GOMES, M.G. *Op. Cit.*, p. 46.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>25</sup> *Ibidem* p. 36.

pela história e mitologia do Velho Mundo”<sup>26</sup> se tornam o meio mais apropriado para representar o sertão.

Já para Luís Fernando Valente, *Os Sertões* situa-se “entre a história e a memória, no sentido que lhe empresta Piere Nora”<sup>27</sup>. Este comentador empresta de Nora a reflexão sobre os lugares da memória, para interpretar *Os Sertões* como um livro memória que escreve a história brasileira em face do evento da Guerra de Canudos. O autor vê, assim, o livro de Euclides como uma suma instituidora de uma identidade nacional. Não considera a “literalidade ou ficcionalidade” do texto euclidiano como impedimentos da “participação do livro na escrita da história”.<sup>28</sup> No que concerne ao tempo, o autor do comentário assinala em *Os Sertões* “uma utopia, restaurada da continuidade entre o passado – isto é, as nossas origens – o presente e o futuro”<sup>29</sup>. O autor parece referir-se ao entrelaçamento das três dimensões temporais que compõe a dimensão histórica do livro. A utopia designaria, desta maneira, simplesmente a superação dos problemas identificados por Euclides da Cunha na sociedade brasileira do final do século XIX.

Por sua vez, Francisco Foot Hardman denomina a estética histórica de Euclides da Cunha de “poética das ruínas”.<sup>30</sup> Tal denominação origina-se da recorrente referência às ruínas, encontrada nos textos euclidianos. O gosto do autor pelo passado derruído, preservado porém decadente, indicaria, para Hardman, a influência da obra do iluminista francês Volney *Les ruines, ou meditation sur les revolutions des empires*, de 1791<sup>31</sup>. Não se encontra nos

---

<sup>26</sup> *Idem.*

<sup>27</sup> VALENTE, Luiz Fernando. *Os Sertões: Entre a memória e a história*. In: BERNUCCI, L.M. (org.) **Discurso, Ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: EdUSP, 2008. p. 160.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 169.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>30</sup> HARDMAN, Francisco Foot. A poética das ruínas n’*Os Sertões*. In: BERNUCCI, L.M. (org.) **Discurso, Ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: EdUSP, 2008. pp. 117 - 124.

<sup>31</sup> Também conhecido como as Ruínas de Palmira. *As Ruínas ou Meditação sobre a Revolução dos Impérios*, no título traduzido por Pedro Ciriaco da Silva, de acordo com a edição portuguesa de 1822. Note-se, contudo, que esta edição portuguesa foi “livremente traduzida”. Cf. VOLNEY, C. F.C de. **As Ruínas ou Meditação sobre a Revolução dos Impérios**. Typografia de Diziderio Marques Leão Lisboa : 1822. Disponível em: [www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br). O professor Hardman faz um comentário interessante sobre a difusão de Volney: “Domingo Sarmiento, em *Facundo o civilización y barbarie* (1845) constrói uma paisagem arruinada e oriental em torno dos pampas, inspirada diretamente em Volney. Taunay cita Volney no elenco de suas leituras: este e outros aspectos da relação entre história, memorialismo e ficção na obra do autor de *Inocência* vêm sendo pesquisados por Maria Lídia Maretti, orientanda do programa de doutorado em teoria literária do IEL/Unicamp. Se em *A retirada da Laguna*, há traços evidentes do binômio história-ruína, na sua narrativa histórica *A cidade do ouro e das ruínas*, cuja primeira edição data de 1891, contando o episódio da morte do pintor e tio Adrien Taunay no rio Guaporé, numa Vila Bela já decadente do ciclo aurífero, durante a malfadada expedição

textos de Euclides da Cunha uma referência direta à Volney, mas Hardman insiste que o tema teria chegado ao autor brasileiro diluído pelas obras de “historiadores como Buckle, ideólogos como Chateaubriand, poetas como Byron, Wordsworth, Victor Hugo”<sup>32</sup>. A presença dos léxicos mais recorrentes em *Os Sertões* “para designar essa atmosfera geral de desgaste e desolação”<sup>33</sup> são: "atraso"; "retardatário"; "tardio"; "serôdio"; "ruinaria"; "ruína"; "ruiniforme"; "restos"; "destroços"; "decaído"; e "destruição”.<sup>34</sup> O que essa estética ou poética das ruínas indicaria, seria, de acordo com Hardman “um romantismo de base, de matriz hugoniana, que provoca em sua prosa e poesia uma interessante combinação entre estética do sublime, dramatização da natureza e da história e discurso socialmente empenhado.” Todavia, Hardman prefere designar o tema das ruínas à Volney, e esquece de mencionar a Bíblia, como fonte de imagens poderosas de ruínas e destruição.

Seguindo outro viés, Raimundo Nonato Pereira Moreira demonstrou, em sua tese de doutorado, a influência dos historiadores franceses românticos, como Michelet, Thiers, Thierry, Quinet, Guizot, na construção narrativa de *Os Sertões*. Assim, o romantismo francês seria a grande matriz de concepção da história para Euclides da Cunha. Raimundo Nonato, partindo de uma interessante questão, não que literatura se assemelha à história, mas que influência a historiografia tem sobre a literatura (considerando *Os Sertões*, como “narrativa”, sem disso advir maiores consequências), buscou nos registros dos livros lidos por Euclides da Cunha aqueles de historiografia. A grande influência historiográfica teria sido a consolidação de uma imagem da Revolução francesa, que foi operacionalizada na referência de Canudos como a Vendéia brasileira.<sup>35</sup> Raimundo Nonato identifica essa imagem como sobretudo dependente do livro *História de França Popular e Ilustrada*, do historiador Henri Martin, numa edição portuguesa lida por Euclides da Cunha em 1884.<sup>36</sup> Outra importante influência historiográfica foram os livros de Thomas Carlyle e Hippolite Taine, com *The French Revolution, On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History*, do primeiro; e *Essai sur*

---

Langsdorff, as afinidades com a linhagem de Volney são profundas.” HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. In: **Estudos Avançados**, 10 (26). 1996. P. 308.

<sup>32</sup> HARDMAN, Francisco Foot. A poética das ruínas n’*Os Sertões*. In: *Op. Cit.* p. 118.

<sup>33</sup> HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. In: **Estudos Avançados**, 10 (26). 1996. P. 307.

<sup>34</sup> *Idem.*

<sup>35</sup> Trato dessa identificação no Capítulo 2 da dissertação, como primeira interpretação e constituição histórica se sentido atribuído à Canudos por Euclides da Cunha.

<sup>36</sup> MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **E Canudos era a Vendéia... O imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões**. São Paulo : Annablume, 2009. p. 255.

*Tite-Live, Le positivisme anglais: étude sur Stuart Mill, Page Choisis, Les Origines de la France contemporaine*, do segundo.<sup>37</sup> Embora a prática da citação e indicação da referência da informação sejam raras vezes encontradas nos escritos de Euclides da Cunha, podemos supor que constelação dos eventos históricos que o autor dispunha em sua bagagem advinha dessas obras. Segundo Raimundo Nonato, isso é certo para imagem da Revolução Francesa que Euclides se valia em sua narrativa.<sup>38</sup>

Isso leva a discussão para o lado do estatuto discursivo de *Os Sertões*. Assim, Luiz Costa Lima parte de uma indeterminação para explorar a questão se o texto de Euclides seria científico ou ficcional.<sup>39</sup> Conclui optando pelo científico, onde o ficcional entra como adorno retórico. Porém, o mais interessante do estudo que consagra a este problema, é ter notado que o texto pertence a era anterior da consolidação da historiografia como ciência, no qual prevaleciam ainda uma velha concepção retórica da história, herdada, em último caso, pelo idioma português, da península ibérica.<sup>40</sup>

Portanto, segundo Luiz Costa Lima, *Os Sertões* se inscreveria como uma obra sobre um duplo caráter, científico e literário.<sup>41</sup> “Euclides seria pois cientista por sua fidelidade factual, historiador por sua fidelidade aos fatos e romancista pelo tom épico-trágico que empresta sobretudo a ‘A Luta’”.<sup>42</sup> O crítico defende que tal duplo caráter pode ser identificado na construção das frases euclidianas, sendo o núcleo destas o fato positivo,

---

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 262. Raimundo Nonato reconstrói, além disso, um quadro das possíveis leituras de Euclides, de acordo com as edições disponíveis no mercado durante a elaboração de *Os Sertões*. Segue a lista encontrada: *Dix ans d'études historiques*, de Thierry; *Histoire de la Révolution française*, de Thiers; *Histoire de la Révolution française*, de Mignet; *Histoire de la civilisation en France e Essais sur l'histoire de France*, de Guizot; *Histoire de France Populaire*, de Henri Martin; *Histoire parlementaire de la Révolution française*, de Philippe Buchez; *Histoire de Girondins*, de Lamartine; *Histoire de la Revolution Française*, e *Histoire de France*, de Michelet; *Histoire de la Revolution*, de Louis Blanc; *L'Ancien Regime et la Révolution*, de Tocqueville; *La Revolution*, de Edgar Quinet. A pesquisa de Raimundo Nonato foi balizada pelo tema da história da França e da Revolução Francesa, e não pretende ser um levantamento exaustivo das respectivas obras historiográficas. Indicam, contudo, o grande interesse no mercado editorial brasileiro pela história francesa. Era esta historiografia que orientava o passo em que estava o centro da civilização. Cf. *Ibidem*. pp. 254-255.

<sup>38</sup> *Idem*.

<sup>39</sup> LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**. A construção de *Os Sertões*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 17; pp. 213 – 238.

<sup>41</sup> Tal dupla inscrição corresponderia, ademais, ao próprio modo pelo qual o livro foi recebido em sua época. “Sobre o caráter de dupla inscrição da obra então se levantara que ela parece indicar que nossos críticos do começo do século não distinguiam entre a concepção retórica das belas-letas, que, não levando em conta o trabalho dos antiquários, incluía a história entre os seus objetos, e a concepção romântica de literatura, diferenciada enquanto expressão e exploração do infinito individual.” *Ibidem*, p. 128. Ou seja, não havia maiores problemas, entre os críticos que resenharam a obra, no momento de seu lançamento, com o amálgama da pretensão científica com a construção literária. Essa questão, portanto, teria surgido na crítica posteriormente, no decorrer do século XX.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p, 132.

adornado, logo depois, pela construção literária, cumprindo a função de borda ou contorno poético.<sup>43</sup> Luiz Costa Lima aproxima, corretamente, esse amalgama entre ciência e arte dos propósitos do naturalista Alexander von Humboldt, cujos escritos buscavam exatamente a descrição científica porém dotada de função estética.<sup>44</sup>

Estas são, entre as obras críticas mais recentes, as que se relacionam de algum modo com a temática explorada neste trabalho. Nota-se que embora tragam comentários instigantes e elucidativos, pouco ou não relacionam o tema da história, narrativa e tempo de *Os Sertões* de forma integrada. Os comentários sobre a memória, por exemplo, ficam como que pairando no ar, sem esclarecer qual sua função para uma compreensão dos elementos em jogo na construção cultural do passado. De igual modo, lançam uma oblíqua luz à questão aqui construída, sobre a projeção de um tempo retrógrado em cima dos sertanejos.

Neste trabalho a teoria da história deve ser usada como instrumento heurístico de crítica e interpretação. Sua capacidade de explicitar os procedimentos constitutivos do pensamento histórico moderno pode ser empregada para a leitura de textos literários e históricos.<sup>45</sup> Com a matriz disciplinar do pensamento histórico elaborado por Jörn Rüsen, na qual são elucidadas as etapas e funções da orientação da vida humana no tempo, pode-se pensar o problema aqui levantando acerca do livro *Os Sertões*.

Segundo Rüsen, histórias cumprem sua função ao orientarem temporalmente o agir da vida prática. Elas são dependentes, todavia, de uma carência fundamental: a necessidade de dar sentido para a ação e paixão sofridas no tempo. O agir e sofrimento humanos que ocorrem no tempo precisam ser inteligíveis para serem empreendidos e suportados. Isso significa que a experiência do tempo necessita ser elaborada culturalmente de alguma forma. Linguisticamente a experiência da passagem do tempo é elaborada por uma narrativa histórica. O tempo assim é humanizado, o passado retomado e o futuro esperado pelo

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 137.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 143. Sobre Alexander von Humboldt e a união entre ciência e estética, com propósito romântico de reunificar o homem com a natureza, Laura Dassow Walls explica: “For the Humboldtian scientist, the doing of science combined rigorous and exacting labor with the joy of poetic creation and an almost spiritual sense of revelation, as if nature borrowed the mind and hand of the scientist to describe its own most beautiful laws and structures”. WALLS, Laura Dassow. **The Passage to Cosmos**. Alexander von Humboldt and the Shaping of America. Chigago, London : The University of Chicago Press, 2009. p. 8.

<sup>45</sup> Com resultados positivos, ela já foi testada, entre outros, por ASSIS, Arthur. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 59, 2010. p. 91-120. e PEREIRA, Ana Carolina B. **Que objetividade para a Ciência da História?** : o índio brasileiro e a revolução francesa à luz da teoria da história, de Rüsen a Hayden White. Dissertação (mestrado)—Universidade de Brasília, Departamento de História, 2007.

presente. A consciência da mudança temporal elaborada por uma história é chamada de consciência histórica. Para Rüsen,

o homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorear-se dele de forma tal que possa realizar as intenções do seu agir. (...) A consciência histórica é, assim, o modo pelo qual a relação dinâmica entre a experiência do tempo e intenção no tempo se realiza no processo da vida humana.<sup>46</sup>

Pode-se também entender a consciência histórica como “constituição de sentido da experiência do tempo”.<sup>47</sup> Com histórias, o sentido da experiência do tempo é elaborado narrativamente. Ou seja, a narrativa é o modo linguístico pelo qual se domina a contingência de viver no tempo, transformando o agir e sofrer em histórias com sentido. O caráter de um enunciado, de uma articulação ou manifestação de sentido, é histórico se o sentido intencionado abrange um contexto narrável entre o passado, o presente e (tendencialmente) também o futuro, sentido esse no qual a experiência do passado é interpretada de forma que o presente possa ser entendido e o futuro esperado.

Assim, o sentido histórico necessita formalmente de uma estrutura narrativa, cujo conteúdo deve vir da experiência do passado, e precisa cumprir sua função de orientar a vida humana nas demandas de seu presente. Uma história narra o passar do tempo, e supre com sentido as transformações ocorridas. Conceitos, perspectivas, categorias, métodos e procedimentos com que se olha e investiga o passado encontram formas de representação do passado.

Pode-se estabelecer a relação entre texto e contexto também mediante a teoria da história. Histórias nascem da carência de se orientar temporalmente a vida. A dimensão temporal de toda experiência é articulada pela história. O mundo da vida é perpassado pelas relações interpessoais, e signos e sentidos são compartilhados pela cultura. Isso significa que as carências de orientação são elaboradas a partir dos elementos de sentidos de uma cultura, e logo passam pela mediação social. Pode-se referir a isto com a noção de cultura histórica. Com o conceito de cultura histórica, a consciência histórica é remetida a um âmbito maior.

---

<sup>46</sup> RÜSEN, Jörn. **Razão Histórica**. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: Ed. UNB, 2001. p.58

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 59

Passa a referir a cultura, que assim pode ser localizada tanto geográfica como temporalmente, e desta forma particularizada.

O conceito de cultura histórica tem função de categorizar fenômenos distintos e múltiplos que envolvem a memória histórica na esfera pública. Explora e denomina um amplo campo de processos que entrecem as relações sociais com a cultura, no modo particular do pensamento histórico. O conceito refere-se a prática cultural orientada historicamente para o agir, isto é, ação com sentido orientada temporalmente entre passado presente e futuro. Ele tem assim a estimativa de ligar o pensamento histórico de uma sociedade com a ação concreta dos indivíduos, mostrando que a história influi neles com sua função de orientação temporal da vida. Cultura histórica seria a consciência histórica de uma sociedade, isto é, sua maneira de entender-se e reproduzir-se a partir de uma consciência cultural orientada historicamente. Como a define Rusen: “Assim a cultura histórica pode ser definida como a articulação prática e operativa da consciência histórica na vida de uma sociedade”<sup>48</sup>

Com o instrumento heurístico fornecido pela teoria da história, pode-se abordar o problema do tempo e da historicidade no livro de Euclides da Cunha.<sup>49</sup>

*Os Sertões* foi publicado em contexto de rápidas mudanças, vividas tanto no plano político quanto no social com a modernização e advento da indústria. O Capítulo 1 desta dissertação situa o lugar de enunciação de Euclides da Cunha em sua época. Um autor que tomou posição nos assuntos políticos e assumiu a tarefa da civilização como engenheiro. O Capítulo 2 trata do tema do sertão como contraposição à civilização. É fundamental para entender a urdidura da concepção de história do Brasil que se encontra em *Os Sertões*. É além disso, crucial como elaboração da situação apontada no capítulo 1, a modernidade, se refletindo em uma orientação histórica que toma a contrarrevolução de Vendéia como parâmetro de interpretação. O presente do autor propôs problemas para os quais ele buscou na história uma resposta. O Capítulo 3 finalmente entra no livro *Os Sertões*, procurando desvendar o sentido histórico atribuído ao sertão e ao sertanejo. O pensamento histórico aqui é conscientemente elaborado por um autor, que se via como um escritor de ensaios que

---

<sup>48</sup> RÜSEN, Jörn. **¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia.** Disponível em: « [http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura\\_historica.pdf](http://www.culturahistorica.es/ruesen/cultura_historica.pdf) » Acesso em: 09/10/2011.

<sup>49</sup> Além de Rüsen e Koselleck, cf. Cf. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas, SP.: Ed. Unicamp, 2008. ANKERSMIT, Frank. **Truth in Literature and History.** Cultura Histórica, 2009. disponível em « [http://www.culturahistorica.es/ankersmit/truth\\_in\\_literature\\_and\\_history.pdf](http://www.culturahistorica.es/ankersmit/truth_in_literature_and_history.pdf) » Acesso em 31/03/2012.

misturavam a ciência, em concepção positiva e racional, com arte, em concepção subjetiva e fantasista. Depois de que a situação e a concepção de história do autor foram elucidadas, ficará mais claro porque sua representação do sertão como lugar do passado. Se o objetivo for cumprido, o texto agora deve retornar ao contexto e o contexto iluminar texto.

## CAPÍTULO 1 - MODERNIDADE COMO CONTINGÊNCIA TEMPORAL

Para Euclides da Cunha a civilização é o caminho percorrido pela humanidade. Segui-lo é a tarefa da sua época, encontrar na civilização o fim dos injustos problemas do homem. A ciência e a razão triunfavam com a II Revolução Industrial, seus êxitos técnicos obtidos no século XIX provavam ser possível uma grande transformação do mundo, capaz de ser moldado palmo a palmo pela engenharia do homem. O engenheiro é o homem por excelência que domina a ciência determinada à obtenção de fins pela manipulação de seus meios - a técnica. Eram os engenheiros desde o começo do século XIX os responsáveis por construir e administrar os novos meios técnicos da Revolução Industrial. Erigiam redes de telegráfo, pontes metálicas, estradas de ferro, ruas e projetos que atendiam à modernização da sociedade. Enquanto escrevia *Os Sertões*, Euclides da Cunha trabalhava como engenheiro da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo. Entre o fim da Guerra de Canudos em 1897 e a publicação do livro em 1902, decorreu um período durante o qual o autor manteve-se no interior de São Paulo, em São José do Rio Pardo. Retirado da grande capital do Rio de Janeiro, e também do centro paulista, Euclides da Cunha escrevia sobre o interior afastado da costa litorânea, o sertão.

Não era uma novidade. Nem literária, pois Bernardo Guimarães já iniciara em 1865 com *O Ermitão de Muquém* o romance histórico sobre os sertões brasileiros, nem científica, pois tanto os institutos de ciência, geográficos e históricos, como o governo mantinham seus interesse por uma terra desconhecida, nos modelos administrativos modernos. A região de Canudos já havia sido percorrida e parcialmente estudada pela comissão da qual fizera parte Teodoro Sampaio, outro engenheiro público.<sup>50</sup> Capistrano de Abreu já publicara artigos sobre a história das entradas, rumo dos bandeirantes de penetração da terra por veias fluviais, cuja audácia nos primeiros tempos da colônia

---

<sup>50</sup> SAMPAIO, Theodoro. **O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina**: trechos de um diário de viagem (1879-80). São Paulo : Escolas Profissionais Salesianas, 1905.

tinham garantido a posse portuguesa.<sup>51</sup> Euclides da Cunha fazia de *Os Sertões* um livro libelo, era a denúncia dos crimes humanitários cometidos pela República em uma guerra civil nos confins da Bahia. Embora compartilhasse de teses raciais e de determinismos do meio sobre a ação dos homens, seguindo a linha narrativa do livros, a medida que se avança nos acontecimentos da guerra, o autor vai perdendo seu primeiro entusiasmo com a civilização, para uma cada vez maior postura de desconfiança em relação ao prometido sonho civilizatório.

O interior do país era objeto de interesse desde que uma tese sobre a história brasileira foi lançada. Com o processo de Independência, interrogou-se o passado para fins de provir o sentido ao agrupamento político. Sob o Império, tal tarefa foi coordenada especialmente pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. A monografia de Karl Friedrich Von Martius, *Como se deve escrever a história do Brasil*<sup>52</sup>, definia as diretrizes para uma historiografia cuja tarefa era explicar a formação da nação brasileira. Nesse escrito, fixava-se um padrão que se veria consagrado: vias de penetração do território pelos rios eram o caminho da colonização, empresa que proporcionara o encontro e cruzamento de três raças – o português, o africano e o indígena da terra. Desse encontro embalado pela aventura da expansão ultramarina portuguesa dava-se a experiência que constituía o Brasil, das três raças miscigenadas originava-se o brasileiro.<sup>53</sup>

A preocupação com a essência da nacionalidade foi clara na América a partir dos processos e lutas de Independência. Incorporando da Europa as matrizes, necessidade de definição nacional e os meios para tanto, foi desenvolvida uma literatura – romance e história – que localizava, resgatava, definia os tipos, os costumes, e particularidades de cada região, e da região prosseguiam, por analogia, à identificação

---

<sup>51</sup> ABREU, João Capistrano de. **Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. [1899] In: PAIM, Antonio (org.) Capistrano de Abreu. *Descobrimto do Brasil e Povoamento*. [s.l.] : Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro [s.d] Disponível em « [http://www.cdpb.org.br/capistrano\\_de\\_abreu%5B1%5D.pdf](http://www.cdpb.org.br/capistrano_de_abreu%5B1%5D.pdf) » Acesso em 02/05/2012.

<sup>52</sup> MARTIUS, Karl Friedrich Von. Como se deve escrever a Historia do Brasil. In: **Revista de História de América**, No. 42 (Dec., 1956), pp. 433-458. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20137096>. Acesso em 10/06/2012.

<sup>53</sup>Cf. GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma história nacional. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. n. 1, 1988. pp.5-27.

do ser nacional. Constituição simbólica do estado nacional, que devia transpor a unidade política à unidade cultural.<sup>54</sup>

Um historicismo romântico de base, considerado em amplo sentido, com a instituição da história como provedora de sentido da experiência do coletivo singular – a nação – constituía o modelo para a busca da excentricidade, a peculiaridade, o típico, a síntese dos costumes da terra, amoldurados pela experiência do passado sedimentada através dos séculos e vividas na maneira de ser das pessoas da terra no presente e futuro. Contava-se através da escrita o que era a identidade cultural, formando um conjunto de símbolos e signos, intersubjetivamente partilhados, do Estado nacional. *Os Sertões* de Euclides da Cunha mantinha ainda, no contexto da viragem do século XIX para o XX, as preocupações sobre a nação, que se encontravam nos escritores americanos.

## **POSIÇÃO DE EUCLIDES DA CUNHA NO CONTEXTO DA I REPÚBLICA.**

O contexto histórico em que Euclides da Cunha viveu foi um período de grande desestabilização, com uma série de crises políticas e econômicas que acompanham a queda da monarquia e o reajustamento da ordem sob o regime republicano.

Euclides da Cunha situava-se no seio da efervescência política, contribuindo com o movimento de ideias e confabulando para um novo regime político. Era cadete do exército, como aluno do curso de engenharia, da Escola Militar da Praia Vermelha, quando o golpe de 15 de Novembro de 1889 foi proclamado. Nos dias anteriores a proclamação, Euclides escrevia para a imprensa, colaborando com artigos para a

---

<sup>54</sup> Otto Maria Carpeaux aponta a ironia dos nacionalismos que se difundiram desde o romantismo. Embora buscassem definir a unidade nacional, foram basicamente os mesmos princípios que serviram a todos: A literatura romântica, que tantas vezes se gabava de ser mais nacional e mais nacionalista do que o classicismo, constituiu, no entanto, o movimento literário mais internacional de quantos a Europa até então tinha visto. [...] O romance histórico à maneira de Scott, o poema narrativo à maneira de Byron, o teatro à maneira de Hugo, aboliram todas as fronteiras literárias. E aqueles elementos nacionais combinaram-se, criando os tipos da literatura romântica internacional. CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. V. 4. Rio de Janeiro : Edições O Cruzeiro, 1962.p.1652.

*Província de São Paulo*, periódico da linha republicana, nos quais atacava a instituição monárquica e previa as glórias de uma república. Desde esta época, quando ainda era um jovem estudante, formava-se como um homem de letras, um escritor que fazia da palavra a voz de uma causa social. O modelo acompanhava, a seu modo, a formação, na Europa, do homem letrado que engaja-se no debate público, em nome da verdade e do humanismo universalista – o intelectual.<sup>55</sup>

Euclides nascera no interior do Rio de Janeiro, na fazenda chamada Saudade, no distrito de Cantagalo. Seu pai, Manuel Pimenta da Cunha, era guarda-livros, empregado nas fazendas de café do Vale do Paraíba. Sua mãe, Eudoxia da Cunha, morrera quando Euclides tinha três, deixando o menino aos cuidados das tias. Os biógrafos de Euclides, Olímpio de Souza Andrade e Roberto Ventura, atribuem à infância passada na fazenda, o ambiente rural serrano do Rio de Janeiro, a melancolia frente à natureza rural que o autor expressaria nos seus escritos na vida adulta.

Para Olímpio de Sousa Andrade, Euclides da Cunha era filho da roça, tocado pela natureza quando viveu no Vale do Paraíba. Do tempo vivido entre fazendas, Euclides da Cunha levaria o gosto pela vida do campo. Segundo Andrade, “dos quatorze aos vinte anos, já no rio de Janeiro, lembrou muito esse tempo perdido, ao rabiscar o primeiro artigo para um jornal de estudantes e ao escrever versos que valem como documentos”.<sup>56</sup> Sua posição concorda com a de Roberto Ventura. Segundo Ventura, as serras fluminenses marcaram a infância do futuro escritor. De Teresópolis, cidadezinha atravessada pelo riozinho Paquequer e cercada pelas serras e neblina nas manhãs e tardes, guardou a lembrança de infância mais remota. Seria a terra sagrada onde passara o seus mais verdes anos, como confessava, em carta a Lucio Mendonça, o cenário mais

---

<sup>55</sup> De fato, Emile Zola era um autor atual no Brasil no fim do século XIX, era acompanhado e debatido nas resenhas do círculo letrado. O Caso Dreyfus foi noticiado na imprensa local, e para Euclides era um modelo do homem que lutava no campo das ideias. “O caso Dreyfus teve grande repercussão no Brasil. Vários jornais, dentre eles o *Estado*, publicaram os artigos de Zola, que transformou a imprensa em tribuna de acusação ao Exército e à Terceira República franceses. O tom inflamado de Zola teve ecos em Euclides, que morava nesta época em São José do Rio Pardo, onde escreveu grande parte de *Os Sertões*.” VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003. pp. 189-190.

<sup>56</sup> ANDRADE, Olímpio de Souza. **Historia e Interpretação de Os Sertões**. 4.ed. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2002. p. 20.

longínquo de suas recordações e suas saudades.<sup>57</sup> Euclides “lembrava-se das paisagens vistas na infância com serras envoltas na cerração, rochedos banhados por filetes de água, visões do sol entre as montanhas”<sup>58</sup>, quando remetia epistolas a seus amigos. Ademais, para Roberto Ventura, Euclides “voltava-se para a natureza para se consolar da morte da mãe e da difícil instabilidade de sua infância e juventude, em que teve de trocar, por inúmeras vezes, de casa e colégio.”<sup>59</sup> O menino mudava-se frequentemente, pois viveu a infância entre Teresópolis, São Fidélis, Rio de Janeiro, Salvador, e Rio de Janeiro.

A percepção dos biógrafos é valiosa, Euclides da Cunha nascera no meio rural, e viveu sua fase adulta na cidade. A diferença entre o campo, a fazenda, a serra e a rua, a vitrine da mercadoria, a cidade é drástica. Seguindo os biógrafos, seria uma fase infantil que retornaria como lembrança longínqua de uma amena natureza, que se contraporía à turbamulta urbana e a dureza da vida adulta. Mais do que um dado biográfico é a indicação de uma condição social. Em um país de população rural, o processo de modernização impulsionado desde meados do século XIX incentivava a transformação da sociedade, sendo fato significativo o crescimento da vida urbana. Revelava uma condição social, um escritor engenheiro, cuja profissão e atividade letrada estava intimamente associada com a vida cidadina, dependente da instauração da civilização industrial e da circulação de ideias por meio do papel no círculo literário formado por revistas e jornais. No entanto, nascera e vivera a infância no campo, em um país que herdava do meio rural sua mais forte característica cultural.

Em um cartão postal à Machado de Assis, que encontrava-se na ocasião em Nova Friburgo, Euclides da Cunha dizia:

O sr. Está numa cidade que eu vi na mais remota juventude, e bem perto do pequeníssimo vilarejo onde nasci – Santa Rita do Rio Negro. Não a conheço mais. Mesmo dessa encantadora Nova Friburgo tenho uma impressão exagerada. Foi a primeira cidade eu vi; e conservo-lhe neste rever na idade

---

<sup>57</sup> Roberto Ventura afirma o fato com base na mencionada carta a Lúcio Mendonça. Para o biógrafo, é importante fixar a cena da infância para desvendar a personalidade do escritor Euclides da Cunha. Cf. VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* p. 37.

<sup>58</sup> *Ibidem* p. 38.

<sup>59</sup> *Idem.*

viril, uma impressão de criança, a imagem desmesurada de uma quase Babilônia...<sup>60</sup>

A impressão de uma quase Babilônia frente a uma cidade do interior é simbólica, enuncia o impacto causado pela urbana em um menino da fazenda. O sentido desmesurado dado no postal à cidade – uma imperial Babilônia – revela o choque, que pode ser considerado em amplo sentido social, vivido pela transformação do país na direção da urbanidade, da civilização e das técnicas da sociedade industrial, como o telegrafo e a linha de ferro.

Na época do colégio, Euclides da Cunha lia os autores românticos. Segundo Roberto Ventura, ele admirava sobretudo Fagundes Varela. O modelo seguido pelos romantismo brasileiro era essencialmente francês. Tanto Varela como Castro Alves seguiam o modelo do negro nobre, vivificado pela literatura francesa, como o personagem Bug-Jargal de Victor Hugo. A causa abolicionista também tornava-se tema da poesia romântica, e o caráter social desta marcava nos estudantes a vontade de empregar a palavra em nome de uma causa pública. Euclides e seus colegas da escola empolgavam-se com a defesa social da abolição, influenciados por Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, André Rebouças e Luís Gama. Segundo Ventura, “a denuncia dos horrores do tráfico ou a exposição da crueldade dos senhores, comuns na poesia romântica, evocavam temas caros aos colegiais e estudantes: a perda de raízes, a nostalgia das origens e a ausência de liberdade.”<sup>61</sup>

Segundo seu biógrafo, o sentimento romântico incutira-se no futuro escritor. “Adotava uma postura romântica diante da vida e da história, com sentimentos que oscilavam entre a utopia e a melancolia.”<sup>62</sup> Formando-se um leitor dos autores românticos, brasileiros, portugueses e franceses principalmente, Euclides da Cunha absorvia do romantismo um *ethos*. Entre os autores que mais influenciaram Euclides, encontram-se Victor Hugo no romance; Carlyle, Guizot, Thiers, Thierry, Lamartine, Michelet, na historiografia, Alexander von Humboldt na literatura de viagem. Estes proveram ao jovem estudante o ideal da justiça social, matizada por uma história magna

---

<sup>60</sup>. CUNHA, Euclides da. A Machado de Assis. Santos, 15 de fevereiro de 1904. In: **Obra Completa**: volume 2. Organizado por Paulo Roberto Pereira, 2ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. p. 920.

<sup>61</sup> VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* . P. 43

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 47

da Revolução Francesa como passo decisivo no avanço ao futuro da humanidade, guiada pela ciência.<sup>63</sup>

Havia, entretanto, um inconveniente que acompanhava o desenvolvimento civilizatório. De fato, escrevera para o historiador Oliveira Lima, em 1908: “Reivindico o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários” A progressão do mundo técnico, com o avanço das novas tecnologias e de um novo sentimento de estar no mundo, refletido nas artes no final do século XIX, nas variadas correntes de vanguarda, que geralmente consideravam-se modernas ou modernistas, era também sentido por Euclides da Cunha.

Euclides após o ginásio tornara-se cadete, como aluno da Escola Militar. Cursava a carreira de engenharia, em uma instituição que seguia um modelo francês de ensino, ilustrado, advindo da Escola Politécnica fundada em 1794 durante a Revolução. O objetivo da implantação desse modelo de escola era prover quadros civis e militares para o Estado, formar técnicos, treinados nas funções doravante requisitadas. Coincidia, tanto no caso da Politécnica francesa como no caso brasileiro da Real Academia Militar, fundada por D. João VI, com o advento do mundo industrial e com a formalização de um incipiente estado nacional.<sup>64</sup>

Euclides da Cunha entrava na Escola Militar da Praia Vermelha no bojo da movimentação republicana, quando o exercito, em vias de profissionalização, tornava-se um ator social cuja ação repercutiria efeitos fundamentais. Recebera, na Escola, aulas com Benjamin Constant de Botelho Magalhães, seguidor do positivismo de Auguste Comte e defensor de uma república baseada no modelo da III Republica francesa de 1870. Euclides deixou-se influenciar por seu professor, como atestam os biógrafos, absorvendo o positivismo, Comte, Spencer, e partilhava do ideal de ciência como provedora da verdade e ordenadora do mundo.<sup>65</sup> Como membro do exercito, mesmo como jovem aluno, seguia a disciplina militar, com sua ordem de formação, exercícios e treinos. Tal aspecto é importante, pois mais tarde em sua vida, quando escreveu *Os*

---

<sup>63</sup> Cf. MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **E Canudos era a Vendéia... O imaginário da Revolução Francesa na construção narrativa de Os Sertões**. São Paulo : Annablume, 2009.

<sup>64</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides e a Escola Militar. In: **Euclidiana**. Ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, pp. 99-133

<sup>65</sup> ARMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: Uma Odisséia nos Trópicos**. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2009. pp. 65-67.

*Sertões*, sua crítica aos desmandos e crimes de guerra se assomam a uma ironia frente a ordem militar, suas regras e táticas, importadas do exercito francês e prussiano.

Como aluno, Euclides engajara-se junto com os cadetes na movimentação republicana. Um ato seu ganhou notoriedade. Enquanto o ministro da Guerra da monarquia, em visita a Escola, passava em revista os alunos formados, Euclides da Cunha sai de formação dirigindo-se ao ministro, dá vivas à republica, tenta quebrar sem sucesso seu sabre no joelho, e termina o atirando ao chão. O ato de protesto solitário era parte de um suposto plano estabelecido entre os alunos, que previa a sublevação contra o ministro da guerra, sua prisão na Escola, donde o levante seguiria para derrubar a monarquia. Como apenas Euclides aderiu ao plano na última hora, o mesmo foi preso, levado ao hospital, e expulso da Escola. Posteriormente, depois do proclamação de 15 de Novembro de 1889, seu antigo professor, Benjamin Constant de Botelhos Magalhães assume o ministério da guerra, e reincorpora Euclides à Escola.

Devido ao ato, foi convidado por Júlio Mesquita, então diretor do jornal *A província de São Paulo*, órgão de imprensa que apoiava o republicanismo pondo-se ao lado do partido republicano paulista, a colaborar no jornal. Escreve uma série de artigos atacando a monarquia, nos quais se destaca a linguagem que utiliza para qualifica-la. Era uma instituição retrógrada, não condizente com a marcha do progresso e da civilização, era o descompasso brasileiro frente aos outros povos de primeira linha. Propagava o republicanismo como uma mudança no curso da história brasileira, encarando a implantação de um novo regime como o meio de se retirar o Brasil atraso e pô-lo nos devidos trilhos da história.

A retórica utilizava-se de exemplos e tentava seguir uma lógica histórica. Seu pressuposto era a Revolução Francesa, como marco da época. Tinha sido a grande Revolução que dera inícios aos tempos modernos vividos pelas nações do mundo, e sua bandeira de justiça social era assumida como um dever humanitário por Euclides. Servia-se também do positivismo, como doutrina que embasaria cientificamente o grande sentido dado à história desde a Revolução de 1789. As fases de evolução humana prognosticavam, com certeza, um futuro realizado, época de uma humanidade plenamente satisfeita, auxiliada pelo domínio científico da natureza, pela técnica, e organização racional da sociedade. Era uma linha evolutiva traçada, desde as

concepções rudimentares da humanidade, o misticismo, a religião, a metafísica, às conquistas do século XIX, que indicavam a idade da ciência, e baseado nela, prometiam, solucionar os problemas sociais e prover a humanidade de bem-estar. Essa utopia positivista cultuava a razão, e colocava-se ao lado da verdade, cientificamente alcançável. A ciência sempre foi um ideal para Euclides, mesmo em sua fase mais tardia, quando recuava do positivismo estrito para formas híbridas mais sutis de sociologia e literatura.<sup>66</sup>

Frente aos bacharéis em direito, e aos médicos, situava-se como um letrado nos assuntos científicos e técnicos. Desde a sociologia, passando pela geografia, geologia, botânica, conquistas da técnica industrial, e mais tudo que se pudesse contar numa linguagem científica, cabia a pena do escritor engenheiro. Interferia como um mediador, entre o conhecimento técnico-científico e o público leigo. Assim, sua posição era a de um comentador qualificado, a explicar e discorrer para um público amplo, porém instruído, sobre a situação, o progresso do conhecimento, o estado do saber da humanidade, e as valias que se poderiam ter com os fatos. Como comentador de assuntos sociais, investia-se da autoridade do sociólogo, homem dos fatos e métodos corretos com que se interpretar os eventos caóticos da sociedade, dando-lhe correta feição e significação, com a certeza de uma verdade positiva. Segundo José Carlos de Barreto Santana, mediante seus trabalhos como escritor, “o conteúdo científico é exposto a um público mais amplo que o normalmente associado ao que consumiria o conteúdo veiculado pelos livros e periódicos específicos das ciências”.<sup>67</sup> Donde a autoridade de seus juízos, não do reles mundo das opiniões, mas do reino exato de uma ciência, pois falava como especialista.

O noviciado de Euclides da Cunha na imprensa adere, assim, ao contexto da história da Primeira República brasileira e as mudanças sociais pelas quais passam o país entre o final do século XIX e as primeiras décadas dos século XX. Interferindo no debate público por meio dos seus artigos para os jornais, Euclides da Cunha tornava-se

---

<sup>66</sup> Em especial nos escritos amazônicos, sobretudo na crônica Judas Ashverus, o caráter literário parece predominar sobre as considerações sociológicas. Cf. HATOUM, Milton. *Expatriados em sua própria pátria*. In: CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Vol. 1. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. pp. CLV-CLXXII.

<sup>67</sup> SANTANA, José Carlos Barreto. **Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais**. São Paulo : Hucitec, Feira de Santana : Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001. p.35.

um dos incipientes escritores que, no dizer de Nicolau Sevcenko, tentavam fazer de sua palavra escrita a valia de uma causa pública.<sup>68</sup>

Mais que mero articulista que comentava os fatos políticos da sua época, Euclides da Cunha manteve-se muito próximo das mudanças por que passava o Brasil. Fazia parte, como aluno-cadete, do exercito, confabulando junto com seus colegas a favor do republicanismo. Como articulista, publicara na imprensa de São Paulo e Rio de Janeiro, centro da opinião publica que girava em torno da capital federal. Como engenheiro, participava da linhagem de André Rebouças e Teodoro Sampaio, em uma profissão que era requisitada pela modernização do país.<sup>69</sup> Ainda, foi colega, na escola militar, de Alberto Rangel, Lauro Müller, Tasso Fragoso e Cândido Rondon. O nome de Rondon é exemplar da turma de técnicos-militares que achavam nos quadros burocráticos da Nova Republica uma função importante. Carregava como técnico, em nome do governo, o desenvolvimento para o interior do país com linhas de telégrafo, símbolo da integração do território nos modernos quadros de funcionalidade e administração.<sup>70</sup>

Conforme César Guilhermino sustenta, a preocupação com o espaço interior relata-se à conjuntura que envolve a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), o movimento abolicionista, a propaganda republicana, as ondas imigratórias e os projetos de expansão da malha ferroviária e navegação fluvial para as zonas rurais, numa preocupação de afirmar e garantir os limites do território nacional.<sup>71</sup> Projeto de construção de nação moderna, de civilização, que necessitava tanto do empreendimento da engenharia quanto uma engenharia simbólica, que construísse a identidade da nação.<sup>72</sup>

Euclides da Cunha forma-se em 8 de janeiro de 1892, concluindo o curso de Estado-Maior e engenharia militar, da então Escola Superior de Guerra, sendo com isso promovido ao posto de tenente, o último de sua carreira militar. Recebe com a

---

<sup>68</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

<sup>69</sup> Sobre a modernização brasileira no período, cf. GRAHAM, Richard. **Britain and the onset of modernization in Brazil 1850-1914**. Cambridge: At the Univ. Press, 1968.

<sup>70</sup> Cf. CESAR, Guilhermino. A visão prospectiva de Euclides da Cunha. In: CESAR, Guilhermino; SCHULER, Donald; CHAVES, Flavio Loureiro. **Euclides da Cunha**. Porto Alegre: UFRS, 1966.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p.15

<sup>72</sup> GRAHAM, Richard. *Op. Cit.*

formatura o diploma de bacharel em matemática e ciências físicas e natural, de onde o vocativo de Doutor que iria sustentar ao longo da vida. Participa como engenheiro militar da Revolta da Armada, no Rio de Janeiro, em 1893, construindo trincheiras e fortificações na orla marítima. Permanece trabalhando como engenheiro para o exercito até 1895, quando obtém licença, abandonando a carreira militar com a qual se sentia desconfortável. Assume no mesmo ano o posto de engenheiro na Superintendência de Obras Públicas de São Paulo. Neste cargo, trabalhará supervisionando obras, viajando muito pelo interior do estado.<sup>73</sup> Dizia-se de si próprio nas cartas aos amigos um engenheiro errante, pois se sentia transeunte entre uma obra e outra, vagando pelas estradas do estado de São Paulo.<sup>74</sup>

Euclides da Cunha trabalhava como engenheiro quando irrompeu a o conflito em Canudos em 1896. Com a derrota da terceira expedição comandada pelo coronel Moreira Cesar, que morrera abatido por uma bala, o conflito toma proporções maiores, repercutindo na imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo. Com a mobilização de forças nacionais para a composição da quarta expedição, os periódicos passam a acompanhar o diário do campo de batalha.<sup>75</sup> Fervilhavam rumores sobre uma conspiração monarquista, por trás do grupo de Antônio Conselheiro. Era um boato que se espalhava, explicando a derrota das expedições enviadas e a resistência inflexível que encontrava a quarta expedição, a mais bem armada e provida de praças até então.

Nesse ambiente, Euclides publica em 14 de março e 17 de julho de 1897 um artigo em duas partes, em *O Estado de São Paulo*, intitulado “A nossa Vendéia”. Era seu primeiro pronunciamento público sobre a guerra que acontecia nos sertões da Bahia. Neles podemos ver o protótipo do livro que escreveria após o fim do conflito, entre 1897 e 1902. De fato, embora fossem escritos tendo à mão informações parcas, manter-se-á em *Os Sertões* a mesma postura discursiva, o mesmo interesse temático sobre a terra e o homem que nela habita, girando em torno do conflito que ocorreu, em uma semelhante tese histórica - Canudos entrava para a História, e o embate entre o *jagunço*

---

<sup>73</sup> VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* p. 290-291.

<sup>74</sup> CUNHA, Euclides da. Correspondência Ativa. 1890 – 1909. In: *Op. Cit.* v.II, 2009. pp. 771 – 1112.

<sup>75</sup> Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora**: a guerra de Canudos nos jornais: 4. Expedição. 3. ed. São Paulo: Atica, 1994.

e a República era o embate entre a barbárie e civilização. Em *Os Sertões*, contudo, mudar-se-ia o sentido narrativo, do triunfo para a tragédia da história.

Graças a esses dois artigos, e aos promissores conhecimentos que o engenheiro detinha quanto a natureza da terra a explicar a natureza da guerra, foi escalado por Júlio Mesquita, diretor de *O Estado de São Paulo*, para cobrir a 4ª expedição contra Canudos. É nomeado, para encarregar tal função, adido do Estado-Maior do ministro da Guerra, marechal Carlos Machado de Bittencourt, em 31 de julho de 1897. Parte do Rio de Janeiro no vapor *Espírito Santo* rumo a Salvador, onde observa a movimentação que a guerra provoca na cidade e escreve suas primeiras reportagens. Nelas vemos ainda o tom laudatório da República, arroubos de patriotismo e exaltação de um ideal que se representa numa heroicidade atribuída aos soldados convalescentes, sacrificados ao futuro da nação. “As grandes vítimas obscuras do dever”<sup>76</sup>, soldados mutilados que retornam da luta, anima-os, porém, heróis adventícios, o entusiasmo de se guerrear em nome da pátria, numa corrente de “mártires que chegam e de valentes que avançam”, em dias que lembram as lutas da Independência.<sup>77</sup> Nestas expressões reportava ao jornal as notícias da guerra. Euclides planejava, de antemão, recolher material para um livro com o título de *A nossa Vendéia*. O projeto que se tornaria *Os Sertões*. O conflito transmudava-se em um símbolo histórico, a significar o sentido assumido na história da constituição da nação. O engenheiro empolgava-se com o testemunho de tal processo, narrando ao jornal de São Paulo e seu leitores os fatos do grande acontecimento.<sup>78</sup>

De Salvador, parte após esperar a organização das tropas com as quais seguiria, para Monte Santo, em 30 de agosto; de Monte Santo segue em 13 de setembro a Canudos, aonde chega na tarde do dia 16 de setembro. Euclides passa 18 dias na frente de batalha, observando a última fase da guerra, quando o arraial de Canudos já estava parcialmente tomado, e os sertanejos ofereciam ainda resistência até o completo esgotamento. Ao observar a guerra acontecendo diante de seus olhos, em um povoado de casas de pau-a-pique e contra gente em extrema condição de miséria, presenciou a prática do exército republicano de degolar brutalmente os prisioneiros, num desenlace

---

<sup>76</sup> Reportagem enviada da Bahia em 12 de agosto de 1897. In: CUNHA, Euclides da. **Obra Completa**. V.II, 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. p. 511.

<sup>77</sup> Reportagem enviada da Bahia em 10 de agosto de 1897. In: CUNHA, Euclides da. *Op. Cit v. II*. pp. 507 - 508.

<sup>78</sup> CUNHA, Euclides da. Canudos Diário de uma Expedição. In: *Op. Cit, v. II*, 2009. pp. 495 - 602.

de barbárie pelos supostos civilizados portadores do grande ideal de uma república feliz. Nessas condições, vivenciando a guerra, entre explosões de granadas e estampidos de fuzis, Euclides da Cunha muda seu jeito de entender a guerra.

O momento que ocorre a mudança de um tom exclusivamente laudatório em favor do triunfo de uma República idealizada pelas vias da civilização para uma visão trágica que suspende seu otimismo na humanidade assumindo uma voz profética que anuncia a ruína de todos, pode ser observada na Caderneta de Campo de Euclides, diário pessoal, em que recolhia dados e anotava causos que se destinava a compor o futuro livro. No fulgor da batalha, escrevia em minutos de descanso Euclides sobre os fatos que conseguia compor em ordem. Dizia: “tudo é incompreensível nesta campanha: a batalha continuava, mais tenaz e mortífera, se é possível”.<sup>79</sup> As investidas do exército republicano eram resistidas pelos *jagunços*, criando uma situação que não era possível compreender - como tamanho poder destruidor mobilizado, em contas de canhões, baionetas e soldados, não arrasava Canudos de vez?. “Nesta ocasião três estampidos mais violentos que a explosão das granadas fizeram-se ouvir no ponto em que mais tenaz se mostrava a resistência do inimigo próximo a latada”<sup>80</sup>, contava Euclides na caderneta. Do seu posto de observação, vivenciava a luta, causando-lhe forte impressão, que se transferia para suas anotações: “Mais violenta, mais forte, mais mortífera, se é possível prosseguia a batalha”.<sup>81</sup> A história que alevantara a República à guerra era encarada frente à morte do homem, tolhido a bala. Observando a investida de um batalhão, atentou para o gesto de um capitão, que “ valente e dedicado tirou o chapéu alevantando um viva ardente e entusiástico à Republica!”<sup>82</sup> Donde extraia do ato uma consideração sobre o dispêndio da vida a favor da guerra: “e essa saudação custou-lhe a vida e a vida escapou-se-lhe do peito atravessado por uma bala precisamente no momento em que a sua alma sincera e nobilíssima ansiava pela existência eterna da República”<sup>83</sup>.

---

<sup>79</sup> CUNHA, Euclides da. Caderneta de Campo. In: *Op. Cit.*, v. II, 2009. p. 631.

<sup>80</sup> *Idem.*

<sup>81</sup> *Ibidem*, p. 632

<sup>82</sup> *Idem.*

<sup>83</sup> *Idem.*

Nesse ambiente, atravessado por soldados feridos, inimigos capturados e degolados entre o som de balas e estampidos de granadas, Euclides incorre numa reflexão sobre a guerra e seus horrores. Ponto, pois, de mutação e de reavaliação de seus ideais sobre a República e sua causa, em nome da qual e a favor da qual se disponibilizara como cronista da guerra, detrator dos bárbaros sertanejos, e homem de ciência, com que contribuiria para um futuro melhor. É, desta forma, notório o seguinte trecho, que por si descreve a sua visão, em aspecto tenebroso, inserindo a guerra em uma referência ao inferno de Dante:

Quando, à 1 hora da tarde, da porta da Farmácia contemplei o quadro comovedor e extraordinário achei pequeno o gênio sombrio e formidável de Dante. Porque há uma coisa que ele não soube pintar e que eu vi naquela sanga estreitíssima, abafada e ardente, mais lúgubre que o mais lúgubre vale do *Inferno*: a blasfêmia orvalhada de lágrimas, rugindo nas bocas simultaneamente com os gemidos de dor e os soluços extremos da morte...

Feridas de toda sorte, em todos os lugares, bizarras e extravagantes muitas, dolorosas todas, progredindo numa continuidade perfeita dos pontos apenas perceptíveis das Mannlichers aos círculos maiores deixados pelas Comblains<sup>84</sup>, aos rombos largos e profundo das balas grosseiras dos trabucos – Enchia o ar um coro sinistro de imprecações, gemidos, queixas e pedidos. Alguns contorciam-se sob o íntimo acúleo de dores profundas, arrastavam-se outros disputando um resto de sombra das barracas, quedavam-se outros, imóveis, as mãos cruzadas sobre a fronte, resguardando-a do sol, imóveis, num estoicismo heroico, numa indiferença mórbida pelo sofrimento e pela vida. No fundo das barracas, arrimados sobre os cotovelos os antigos doentes, os feridos de combates anteriores olhavam assustados para os novos companheiros de desdita, concorrentes às mesmas horas de desesperança e martírio. Ao fundo, deitados sobre o chão duro, francamente batidos pelo sol, alinhavam-se três cadáveres – o coronel Tupi, o major Queirós e o alferes Raposo.

Felizes os que não presenciaram nunca um tal quadro. Quando eu voltei, percorrendo lentamente, sob os ardores da canícula, o vale tortuoso e longo que leva ao acampamento, senti a mesma mágoa indefinível, o mesmo desapontamento que deve sentir um nababo opulento expulso bruscamente dos salões dourados em que nasceu e obrigado a pedir uma esmola na praça pública.

Quanto ideal ali deixei perdido, naquela sanga maldita e quanta aspiração lá ficou, morta, absolutamente extinta, compartilhando o mesmo destino dos que agonizavam cheios de poeira e sangue.<sup>85</sup>

De uma posição inicial como defensor dos atos praticados em nome do ideal de República, passa-se a outro, mais pessimista, em que o fato da guerra é situado numa reflexão dantesca sobre o destino da humanidade sobre a face da terra, tendo em

---

<sup>84</sup> *Mannlicher* – fuzil de fabricação alemã; *Comblain* – fuzil de fabricação belga. Armas modernas adquiridas pelo exercito brasileiro, empregadas na guerra.

<sup>85</sup> Caderneta de Campo. In: CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* v. I. p P.632-633.

consideração a omissão de um criador, num mundo regido pela lei do mais forte ou da arma mais poderosa.<sup>86</sup> Em *Os Sertões*, o narrador, pela palavra, assume os trajes de um pantomímico a copiar o narrador absoluto da existência, o demiurgo supremo da história chamada vida, e num rogo de perdão pela fatalidade de ser homem, a percorrer um longo vale de tormentos, com tarefa de contar a criação e a queda, dá vazão a uma esperança redentiva a ser alcançada no fim da história.<sup>87</sup>

Tal posição deve ser mantida em mente. Será analisada nos capítulos seguintes a maneira como se insere na narrativa de *Os Sertões* a reversão do triunfo para a decadência, crucial para entender o que Euclides nomeava de vingança, as vezes chamava justiça, que fazia com seu livro aos sertanejos de Canudos, estropiados pela força de um exercito racionalmente organizado pelo estado-nacional que seguia o caminho da História.

Antes da derrocada do arraial de Canudos, Euclides da Cunha retirou-se do campo de batalhas. O biografo Roberto Ventura acredita que por motivo de doença, que o forçou a voltar para Salvador, donde retornou ao Rio de Janeiro. Retirando-se do trabalho, por licença médica, instala-se na fazenda de seu pai, em Descalvado, interior de São Paulo. Nesse retiro interiorano inicia a escrita de *Os Sertões*, num trabalho que duraria até os fins de 1901, data com que subscreve a “Nota Introdutória” do livro. Durante a composição do livro, em 1898, o autor retornou ao trabalho como engenheiro na Superintendência de Obras Públicas. Sua tarefa era a reconstrução de um ponte metálica que havia caído, em São José do Rio Pardo, interior de São Paulo.<sup>88</sup>

---

<sup>86</sup> A referência a Hobbes na nota Introdutória de *Os Sertões* remete a frase “o homem é o lobo do homem”; Ludwig Gumplowicz, sociólogo judeu, que fez carreira na Áustria, entendia a luta entre raças, no qual o poder do mais forte prevalece, como móvel da história.

<sup>87</sup> Tanto Berthold Zilly como Roberto Ventura noticiam a concepção trágica que caracteriza a história para Euclides da Cunha – a narrativa histórica funciona como drama trágico, cujas cenas se apresentam como num teatro ou palco (Ventura), transfigurando o sertanejo de bandido a herói numa apoteose quase milagrosa (Zilly). Cf. VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha no Vale da Morte. In: FERNANDES, Rinaldo de. **O clarim e a Oração**. São Paulo : Geração Editorial, 2002. p. 451. ZILLY, Berthold. Um depoimento brasileiro para a História Universal: traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha. In: **Humboldt (Bonn)**, 72: 8-12, 1996. p.12. e ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo. A historia encenada em *Os Sertões*. In: **História, Ciências, Saúde: Manguinhos** (Rio de Janeiro), v. 1, 1: 13-37, 1997. Sobre o sertão em Euclides da Cunha, cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. Anseios de Amplidão. In: **Euclidiana**. Ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo Companhia das Letras, 2009. p.59

<sup>88</sup> VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* p. 292.

Segundo Roberto Ventura, as condições do trabalho de engenheiro durante a reconstrução da ponte incorporam-se na escrita do livro. Por exemplo, na questão geológica, enquanto Euclides perscrutava o leito do Rio Pardo para encontrar terreno granítico sólido, ao mesmo tempo descrevia o sertanejo como “rocha viva” da nacionalidade. Tal como a formação geológica de camadas sucessivas de material sedimentário a constituir a dura unidade rochosa, a formação de diferentes estratos raciais constituiria na arquitetura argumentativa de *Os Sertões* a unidade racial do tipo brasileiro por excelência, encontrado nos sertões do país. Tal como uma escavação técnica do solo, perscrutação do substrato profundo a fornecer alicerce para a construção, o estudo de *Os Sertões* procedia a decifração dos elementos constitutivos históricos e biológicos, encontrados no interior, no âmago do território, que garantiam ao país sua definição enquanto povo e seu futuro enquanto nação.<sup>89</sup>

O trabalho com metal, aço fundido e rebitado, técnica essencialmente provinda da revolução industrial, possibilita uma arquitetura nela baseada, que é empregada tanto em edifícios como em pontes e carrilhões, em um estilo típico dos meados do século XIX que encontraria na *belle époque* nas fachadas e interiores *art nouveau* sua grande expressão. Em São José do Rio Pardo, Euclides trabalhava uma ponte metálica instalada pela engenharia, exatamente desse tipo.<sup>90</sup>

Sua posição de técnico da ciência é marcada, ademais, pela utilização dos conhecimentos adquiridos pelo estudo de disciplinas variadas que integravam o amplo escopo do conhecimento do mundo natural, no qual se incluía também as sociedades humanas. Segundo o estudo de José Barreto de Santana, “para escrever *Os Sertões*, Euclides da Cunha realizou uma revisão dos seus conhecimentos, tentando superar deficiências que ele mesmo anotara em campos como a geologia e a botânica.”<sup>91</sup> O recurso a ciência natural é aliado à sociologia e à narrativa, no que bebia inspiração de uma literatura especializada em cada campo. Ainda segundo Santana,

O resultado de tais estudos foi a construção de um livro no qual os conhecimentos relacionados com as ciências naturais, apresentados principalmente no capítulo “A Terra”, ganham importância a ponto de

---

<sup>89</sup> *Ibidem*, pp. 186-187.

<sup>90</sup> Uma antropologia do moderno, cf. BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

<sup>91</sup> SANTANA, José Carlos Barreto. *Op. Cit.* p.187.

constituírem numa antecipação do que vai ser narrado a seguir, além de fonte para a elaboração de metáforas que pervadem todo o texto.<sup>92</sup>

Desta forma, Barreto de Santana o entende entre a carreira de engenheiro e a de escritor, numa posição dupla, “escritor, transitoriamente desgarrado na engenharia, ou escritor por acidente, com o espírito dedicado à observação da natureza”.<sup>93</sup> É significativo que com o sucesso de receptividade do livro *Os Sertões* seria consagrado como homem de ciências e como escritor de pena talentosa, propondo em suas próprias palavras, um consórcio entre ciência e arte.<sup>94</sup> Santana pode assim concluir, “se por um lado buscou [Euclides] o reconhecimento como escritor, o que significou um lugar ocupado entre ‘homens de letras’, por outro se viu como integrante da comunidade científica de sua época, co-participando deste espaço com ‘profissionais de ciencia’”.<sup>95</sup>

Embora a proclamação da República em 1889 fosse adornada com vários sonhos de melhora do país, inserção de seus quadros políticos e sociais na moderna civilização, os anos que se seguiram foram de crise política, social e econômica. Com o colapso do programa de encilhamento de Rui Barbosa, no final de 1891, a moeda perdeu valor e o país entrava em crise econômica, a que se juntava, agravando a situação, a crise política seguida da deposição do Marechal Deodoro e as guerras civis que irromperam em vários locais do país entre 1893 a 1916 – Revolução Federalista, a Revolta da Armada, a Guerra de Canudos, Revolta da Vacina, A Guerra do Contestado. Portanto, o período vivido por Euclides é de instabilidade. Entende-se que embora alimentasse fé no ideal republicano passado por mestres positivistas e pelo romantismo francês, a medida que se desenrolava os acontecimentos da República brasileira ele manifestava seu ceticismo e decepção. Roberto Ventura chamou de “ruína dos ideais de Euclides” a sua desilusão, que lhe conferia a temática de questionamento dos rumos que tomava o país. Segundo Ventura, tanto em seus ensaios políticos quanto nos escritos sobre Canudos e a Amazônia tem-se o desencanto com o regime instaurado. Em grande

---

<sup>92</sup> *Idem.*

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 189.

<sup>94</sup> Para Luiz Costa Lima, a construção de *Os Sertões* tem efeito com uma artimanha que combina ciência e literatura “a cena em *Os Sertões* se divide em uma parte central, movida por uma explicação científica, e uma borda, a ornamentação literária.” O núcleo, porém, é o dado científico positivo, capturado da realidade, que seria ornamentado com recursos literários. Cf. LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**. A construção de *Os Sertões*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997. p. 209.

<sup>95</sup> SANTANA, José Carlos Barreto. *Op. Cit.* p. 189.

parte, em seus livros e escritos, tratou “da ruína do sonho republicano convertido em amarga decepção e da busca de um novo rumo para o país”.<sup>96</sup>

Enquanto escrevia *Os Sertões*, dividindo seu tempo com a carreira de engenheiro de obras públicas, o país enfrentava um quadro crítico. Menos do que a uma atitude otimista frente a nação, que a posterior recepção da obra de Euclides enxergou, reservando-lhe lugar como um clássico daquilo que seria chamado de pensamento social brasileiro,<sup>97</sup> seus escritos, sobretudo, *Os Sertões*, nasce de um ambiente de questionamentos, incertezas, e problemas cujas soluções não facilmente se encontravam nos horizontes fornecidos pelo estado das coisas. O período do final do século mescla profundos bravos de triunfo da sociedade burguesa, nos rumos de uma sociedade capitalista e industrial, que se traduz na reorganização das cidades e do modo de vida de seus habitantes conforme o padrão de vida moderna ou *belle époque*, com o igualmente profundo senso de decadência do homem e da civilização; aquele relegado a uma espécie de inferno ou subsolo, e esta na falência de seus valores humanistas frente a sanha da conquista de mercados e atrocidades praticadas pelo Imperialismo.<sup>98</sup>

Os impasses e dúvidas de seu tempo transparecem, destarte, na elaboração de seu livro, em que faz do episódio da guerra de Canudos o sintoma de seu tempo, culminância do passado de conquista e povoamento do Brasil, e prognóstico dos rumos do futuro. Antes de tornar-se a narrativa épica de um país, a significar a vontade de modernização e posse do território nacional numa ação encarnada pelo estado, seja sob julgo republicano ou ditatorial, e cujo cume simbólico foi a construção de Brasília, *Os Sertões* levanta aspectos dúbios e ambíguos do encontro da civilização com regiões indomáveis.<sup>99</sup> Seu enredo liga uma leitura da terra, zonas de fronteira e incógnitas

---

<sup>96</sup> VENTURA, Roberto. *Op. Cit.*. p. 92. VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. In: **Estudos Avançados**. n.10, (26), 1996. pp. 275-291.

<sup>97</sup> Cf. LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro : Revan : IUPERJ, UCAM, 1999. ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro : Funarte : Rocco, 1998.

<sup>98</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.* SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siecle**: politica e cultura. Campinas, SP; São Paulo: Ed. da UNICAMP: Companhia das Letras, 1988. SCHORSKE, Carl E. **Thinking with History**. Explorations in the Passage to Modernism. Princeton, New Jersey : Princeton University Press. 1998.

<sup>99</sup> Cf. LIMA, Nísia Trindade. *Op. Cit.* SILVA , Luiz Sergio Duarte da. **A construção de Brasília**: modernidade e periferia. 2.ed. Goiânia : Editora UFG, 2010. Também a construção de Goiânia é significativa da junção de ideologia do progresso com o interior desolado. Cf. CHAUL, Nasr Nagib Fayad. Goiânia: a capital do sertão. A construção de Goiânia: a utopia do progresso na Marcha para o

geográficas, os sertões do Brasil, a uma leitura do homem, o louco, o místico, o fanático sertanejo, que são alcançados pelo desenrolar da História, em uma guerra cujas armas foram fornecidas pelos baluartes da civilização, a razão, a disciplina e a indústria europeia.

Com *Os Sertões* Euclides da Cunha insere-se entre os homens de letras, escritores, historiadores, filósofos, que tinham a sua frente essa situação do mundo contemporâneo que se moldava, e com suas obras tentavam responder qual o lugar do homem nesse mundo e o que fazer. Fazia-o Euclides pela via da história sobre a guerra de Canudos. Comparado ao seus pares escritores europeus, a posição de Euclides da Cunha tem a particularidade de sua condição de americano, isto é, enfrenta o problema de entender seu tempo a partir de sua localização na América, fronteira do mundo Europeu, que se vê, então, entre a assimilação da cultura e economia estrangeira e a administração de seus próprios quadros indígenas e populares.

Desde Faustino Sarmiento com *Facundo*, na América os escritores narraram a constituição da modernidade, embandeirada pelo estado-nação, como o conflito da civilização com a barbárie. Euclides não apenas conhecia a obra de Sarmiento, como fez de seu *Os Sertões*, também um livro narrativo do embate da civilização representada pelo Republica com a barbárie encarnada pelo sertanejo.<sup>100</sup> Permeada, entretanto, por uma antropologia, isto é, um discurso sobre o homem e seu lugar na terra - entre a cidade ordenada, e o deserto, zona de refúgio, isolamento, solidão – *Os Sertões* põem em causa o destino do homem, entre seu passado, pátria arcaica, e um futuro cujo fim é tanto desconhecido como temido. Como a metaforizar a própria vida, entre seu começo e seu fim, como uma travessia pelo caminho do exílio, cruzando o deserto sem onde possa achar morada, um homem fora de seu lugar, expulso ou pela própria vontade perdido, espera encontrar o retorno, a volta ao lar, ou aos *nostos*<sup>101</sup>, donde a nostalgia

---

Oeste. In: **Caminhos de Goiás**. Da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia : Editora UFG, 2010. pp. 221-264.

<sup>100</sup> Cf. GÁRATE, Miriam Viviana. **Civilização e barbárie n'Os Sertões**: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha. Campinas, SP; São Paulo: Mercado das Letras: FAPESP, 2001. PRÓ, Diego F. Sarmiento y el historicismo romántico. In: **Cuyo**, Anuario de Historia del Pensamiento Argentino, tomo VIII, Universidad Nacional de Cuyo, 1972.

<sup>101</sup> Do grego, lar; retorno; volta à casa; viagem. Cf. HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor. Excurso I. Ulisses ou Mito e Esclarecimento. In: **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 2006. p.59.

por um mundo perdido, que de repente, se encontra figurado, sua existência e sua ruína, nos confins do sertão.<sup>102</sup>

Assim, durante a narrativa, Canudos passa de uma urbes monstruosa<sup>103</sup>, erguida num esforço babilônico pela loucura e pelo fanatismo de rudes, à figura de um lugar onde talvez aquele que caminha pelo deserto fosse feliz... Invertem-se os polos da esperança, de início depositadas na civilização representada pela República, racional, moderna, democrática, progressista, ordenada, para no fim serem lamentadas no mundo deixado para trás, no passado perdido, pela própria ação do homem, faminto de continuar seu caminho como a que lhe alcançar o fim. A História, entendida como a marcha dos povos sobre a face da terra, grande narrativa da humanidade, afinal triunfa, e lhe resta ao narrador apenas a esperança de falar ao futuro para que compreendam o passado.

De fato, o livro é dedicado ao “olhar de futuros historiadores”<sup>104</sup>, e não aos homens de seu presente. Em suas cartas aos amigos, Euclides sublinhava seu lugar de elocução. Dedicava as gentes do futuro o que considerava sua vingança das gentes estropiadas pelo avanço da civilização nos sertões. Em carta a seu amigo Francisco Escobar, Euclides declarava “alenta-me a antiga convicção de que o futuro o lerá. Nem outra coisa quero. Serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida – o de advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde, sanguinária...”<sup>105</sup> Expunha a mesma posição ao crítico José Veríssimo, “está, assim, satisfeita uma aspiração que significa apenas o intuito de dizer a verdade sobre uma fase, ainda, da nossa história.”, no que contava como seu único mérito a sinceridade: “é o depoimento de uma testemunha e terá extraordinário valor se conseguir fornecer a

---

<sup>102</sup> Para Roberto Ventura a nostalgia de Euclides vem de seu desejo de reencontro com a infância: Esse desejo de fuga da cidade e de reencontro com a vida simples do interior tinha raízes na infância passada em fazendas no interior do estado do Rio, em Cantagalo, na fazenda Saudade em que seu pai trabalhava como contador, na casa de tia Rosinda em Teresópolis e na fazenda da tia Laura em São Fidélis. Buscou nos amplos espaços do sertão ou da selva, as paisagens e as emoções perdidas na infância, com bosqueses e matas, cercados por montanhas. (...) Expressou, em seu livro sobre Canudos e nos ensaios sobre a Amazônia, esse projeto de resgate das emoções da infância.” VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* pp. 111-112.

<sup>103</sup> Cf. VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, SÃO PAULO, USP, 1997, V. 40 nº1. pp 165-182.

<sup>104</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Campanha de Canudos. Ed. Crítica. Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 85.

<sup>105</sup> Carta a Francisco Escobar. Lorena, 21 de abril de 1902. In: *Op. Cit.* v.II. p. 865.

futuros historiadores uma página única – mas verídica e clara”.<sup>106</sup> E a Coelho Neto, ponderava, se o livro recebesse má acolhida por parte dos críticos, seus contemporâneos, restar-lhe-ia “nesse, caso, o consolo de haver feito por eles [“nossos admiráveis patrícios dos sertões”] o último sacrifício – e o recurso para apelar para as gentes do futuro para as quais especialmente está escrito aquele livro mau e implacável.”<sup>107</sup> Dedicava, assim, ao futuro o retrato de seu presente, na sua história da campanha de Canudos. Manifestava a Joaquim Nabuco essa intenção de capturar o aspecto de seu tempo, com alusão a Divina Comédia de Dante: “revele-me esta verdade, o Dante, para zurir os desmandos de Florença, idealizou o inferno; eu, não, para bater de frente alguns vícios do nosso singular momento histórico, copiei, copiei, copiei apenas, incorruptivelmente, um dos seus aspectos... e não tive um Virgílio a amparar-me ante o furor dos condenados!”<sup>108</sup>

Sua manifestação de piedade as gentes sertanejas ecoava o romantismo social de Victor Hugo. Juntava ao sentimento altruísta pelo desvanecido a vontade de combatente, cujas armas eram as letras. Desde jovem, alimentava o ensejo de fazer de sua palavra um instrumento político, a interferir no debate público, como se descrevia o poder da palavra desde a Revolução Francesa. Em notas datadas de 1883, em seus 17 anos, Euclides escrevia “Vemos quanto é forte essa alavanca – a palavra – que alevanta sociedades inteiras, derriba tiranias seculares...”<sup>109</sup> Seguido de uma grande exposição de paixão social intermediada pelo poder da palavra empenhada em causa justiceira:

Eu tenho um fanatismo tão insensato pela palavra, pela tribuna que, faça embora o que fizer de melhor para a sociedade, terei cumprido mal o meu destino se não tiver ocasião de, pelo menos uma vez, erguer a minha palavra sobre a frente de qualquer infeliz, abandonado de todos e aí impávido, altivo, audaz e insolente arriscar em prol de sua vida obscura todas as energias de meu cérebro, todos os meus ideais – a minha ilusão mais pura, o meu futuro e a vida mesmo!...<sup>110</sup>

Postura que adota, com efeito, em *Os Sertões*, e também em seus escritos posteriores, nos quais a expõe a situação de exploração dos seringueiros na Amazônia. Elencava-se, deste modo, entre os homens letrados, de sua geração de 1870 e a geração

---

<sup>106</sup> Carta a José Veríssimo. Lorena, 24 de dezembro de 1901. In: *Op. Cit.* v.II. p. 859.

<sup>107</sup> Carta a Coelho Neto. Lorena, 3 de dezembro de 1902. In: *Op. Cit.* v.II. p. 873.

<sup>108</sup> Carta a Joaquim Nabuco. Lorena, 18 de outubro de 1903. In: *Op. Cit.* v.II. p.910.

<sup>109</sup> Notas de Leitura. In: *Op. Cit.* v.I. p. 803.

<sup>110</sup> *Ibidem*, pp.803-804.

ainda sobrevivente, de Machado de Assis, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, que tinham, ambas, o caráter de fazerem da palavra um instrumento intervenção pública. Nicolau Sevcenko define o anseio dessa geração de escritores que acompanham a virada do século XIX para o XX no Brasil como o “impulso de colaborar para a composição de um acervo literário universal e interferir na ordenação de sua comunidade de origem”.<sup>111</sup> Na sua atuação como homens de letras, preocupavam-se com a construção da nação, reforma do Estado e da sociedade, remodelando-os nos parâmetros modernos absorvidos do exemplo europeu e norte-americano.<sup>112</sup> Cingidos pelas correntes liberais do século XIX, encontravam-se no final do século com a exaltação da ciência resultantes do progresso técnicos e conquistas da II Revolução Industrial. Portanto, os maculava um liberalismo progressista pintado com tons científicos, modelado pelas ciências naturais e médicas, que lhes garantiam a posição como homens instrumentalizados a dar o correto rumo aa sociedade, pelo exercício da palavra, com a crítica, o jornalismo, a literatura, a história, e a opinião científica.

Frustrados em suas altas aspirações, transpareciam o descontentamento, a desilusão, proporcionando no mesmo traço a exaltação do triunfo de sua época e sua decadência. Ainda segundo Sevcenko, “o triplo sentimento da derrota, humilhação e, mais doloroso, da inutilidade a que ficaram reduzidos sob a atmosfera da indiferença e da desconsideração geral, produziu um impulso autodestrutivo que é uma das características mais marcantes e mais atroztes dessa literatura.”<sup>113</sup> O historiador computa caraterísticas pessimistas dos escritores dessa geração, considerando sinais de personalidades “cruelmente dilaceradas e que por momento desesperam”, transparecendo em sua semântica: “anseio de morte, seguida da consumação material e da dissolução do ser nos elementos cósmicos, numa integração final íntima, infinita e inconsciente com o universo”.<sup>114</sup> Marca indelével de seu fracasso, em vez de entrarem para o reino da razão e do conhecimento, utopia alimentada pelos letrados que tinham em alta consideração a ilustração de si mesmo e do mundo por meio das ideias, viram-se reduzidos, como as demais instâncias da sociedade, ao mundo da mercadoria.

---

<sup>111</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.* p. 31

<sup>112</sup> *Ibidem* p. 103.

<sup>113</sup> *Ibidem* p. 116.

<sup>114</sup> *Idem.*

Capitalismo industrial, afinal, definia com o mercado o valor de troca como mediação social.<sup>115</sup>

Euclides comentava em sua correspondência pessoal certo desgosto, mesmo, com a vida social do Rio de Janeiro e de São Paulo. O fato é significativo, porque ao mesmo tempo em que deplora a futilidade da vida nos bulevares da cidade, manifesta seu desejo de fugir. “Sinto-me admiravelmente com o desquerer de tal gente; e agrada-me um isolamento, que é como o do *poraquê*, cheio de descargas entre os moluscos amazônicos.”<sup>116</sup> E vangloriava sua posição de engenheiro, capaz de assumir o ofício no interior, “a vantagem de isolar-me, refugindo ao contágio perigosíssimo de um meio irremediavelmente perdido. Vê como descambo a todo o momento para um desalentado pessimismo?” A seu amigo Francisco Escobar convidava-o para o Rio de Janeiro, após a reforma urbana e criação da Avenida Central em 1905, para contemplar as transformações e conversar: “conversaremos longamente – e então – monotonamente remascando velhas frases e um velho pessimismo, eu te diria do grande desprezo – crescente, assoberbador – que ando sentido pelas coisas deste país...”<sup>117</sup> Mais do que a situação política do parlamento ou desenrolar da ação governamental, são as mudanças sociais e seus impactos culturais que são notados, refletindo o autor seu desconforto perante seu mundo.

A vida entre nós mudou. Há um delírio de automóveis, de carros, de *corsos*, de banquetes, de recepções, de conferências, que me perturba – ou que me atrapalha, no meu *ursismo* incurável. Da vontade da gente representar a ridícula comédia da virtude, de Catão, saindo por estas ruas de sapatos novos, camisa em fiapos e cabelos despenteados. Que saudades da antiga simplicidade brasileira...<sup>118</sup>

Em sua correspondência temos o indício precioso de seu incômodo, pela naturalidade da confissão aos amigos. A reforma urbana do Rio de Janeiro, que representa simbolicamente sua inserção em padrões de comportamento europeu, especialmente parisiense, estruturados segundo a lógica do consumo, da mercadoria, da aparência, preparava o ambiente para *dandy* do começo do século XX.<sup>119</sup> No Brasil, a

---

<sup>115</sup> *Ibidem* p. 115.

<sup>116</sup> Carta a Francisco Escobar. Rio, 26 de dezembro de 1906. *Op. Cit.* v.II. p. 1023.

<sup>117</sup> Carta a Francisco Escobar. Rio, 13 de junho de 1904. *Op. Cit.* v.II. p. 1010.

<sup>118</sup> Carta a Domício da Gama. Rio, 16 de novembro de 1907. In: *Op. Cit.* v.II. p. 1040.

<sup>119</sup> BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo.** São Paulo : Brasiliense, 1991. pp.93-94.

capital do arrivismo de modas estrangeiras e padrões de comportamento ditados pela moda francesa foi o Rio de Janeiro. Delatava a capital fluminense a preocupação com o vestir e a exaltação das aparências, incorporada no ser *chic* ou *smart*,<sup>120</sup> representando o império da transformação do cotidiano urbano pela lógica das mercadorias, tantas inovadoras, sejam emplastos medicinais, tecidos ou invenções recentes do gênio humano como o automóvel e novas artes de decoração de fachadas e edifícios – *Art Nouveau*. A reação a essas transformações, autoconscientes para os indivíduos da época como chegada de costumes civilizados ao país, são sensíveis na correspondência de Euclides da Cunha. Ainda a seu amigo Escobar, Euclides dizia: “digo-te mais: a minha maior aspiração seria deixar de uma vez este meio deplorável, com as avenidas, os seus automóveis, os seus *smarts* e as suas fantasmagorias de civilização pestuada. Como é difícil estudar-se e pensar-se por aqui!”<sup>121</sup>

Sua solução, que mais lhe agradava ao repouso do espírito, era imaginar-se se embrenhando pelo interior, servindo-lhe a engenharia para lhe garantir uma posição em uma comissão técnica qualquer. Recusa do meio urbano, embora o frequentasse com asseio e irremediavelmente a seu contexto estivesse correlacionado, contrapunha-se a via do interior, para lhe acalmar do agito da cidade. “Além disto, não desejo Europa, o *boulevard*, os brilhos de uma posição, desejo o sertão, a picada malgradada, e a vida afanosa e triste de pioneiro. Nestes tempos de fragilidade já não é pouco.”<sup>122</sup> Sua inconstância quanto ao meio urbano, seu desejo de rumar para o desconhecido da terra, lançar-se a aventura no local longínquo, figurava-lhe como um romantismo, podendo dizer de si mesmo: “reivindico, assim, o belo título de último dos românticos, não já do Brasil apenas, mas do mundo todo, nestes tempos utilitários!”<sup>123</sup>

Essas confissões surgem em sua correspondência justamente no momento seguinte a sua consagração como o escritor, advinda do sucesso editorial de *Os Sertões*. Passava sua vida pela mais intensa incorporação à conjuntura do meio urbano, até então dispendida no ofício de engenharia pelo interior do estado de São Paulo. Com sua

---

<sup>120</sup> Designações do jornalismo na época do cidadão que se portava de acordo com as últimas exigências da civilização, tanto no que respeitava as suas ideias expressas em cafés e confeitarias, cuja frequência era em si um ato da moda, quanto no seu trajar elegante. Cf. Sevckenko, Nicolau. *Op. Cit.*

<sup>121</sup> Carta a Francisco Escobar. Rio, 8 de abril de 1908. In: *Op. Cit.* v.II. p.1054.

<sup>122</sup> Carta a José Veríssimo. Guarujá, 7 de julho de 1904. In: *Op. Cit.* v.II. p. 933.

<sup>123</sup> Carta a Oliveira Lima. Rio, 25 de maio de 1908. *Op. Cit.* v.II. p. 1058.

glorificação e aceitação dentro do círculo de sábios nacionais, passava a frequentar assiduamente a vida intelectual do Rio de Janeiro.

Desde a resenha favorável de José Veríssimo a seu livro sobre a guerra de Canudos, Euclides ganhou notoriedade e respeito de seus compatriotas. Acompanhou-lhe o sucesso editorial o sucesso como intelectual, isto é, autor que pensava o país e interferia publicamente por meio da escrita, ofertando ao público sua composição de ideais. Convidado e recebido como sócio no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sustentou ainda uma campanha para a Academia Brasileira de Letras fundada em 1897.<sup>124</sup> Nesta, assentou-se na cadeira de Castro Alves, e tornou-se coligado de Coelho Neto, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Araripe Jr, Arthur Azevedo, Silvio Romero, Oliveira Lima, Machado de Assis, entre outros.<sup>125</sup>

Euclides da Cunha entrou, assim para alto círculo de literatos e ensaístas da I República brasileira. Segundo Nicolau Sevcenko, esses eram homens letrados com pretensões intelectuais junto ao público, ao qual imaginavam guiar com suas ideias, atingindo o coletivo, o povo, interferindo com suas palavras no rumo da nação. Sustentavam, malgrados a diversidade de posições políticas individuais, a característica de uma geração, seu empenho em uma causa ética - a reforma da sociedade brasileira – para qual expunham os erros do passado colonial, o legado da escravidão e da monarquia, o infortúnio do presente, e demonstravam seus anseios por um país no modelo das mais avançadas sociedade europeias. Empenho, por fim, civilizatório, em que pesava a transformação do Brasil de um país agrário, escravocrata e monarquista em uma República democrática que marcasse passo, o quanto possível, com as sociedades avançadas.<sup>126</sup>

---

<sup>124</sup> Parecer de Afonso Celso a entrada de Euclides da Cunha para o IHGB considerava *Os Sertões* de valor científico, histórico, moral e literário. “Provém o valor científico dos amplos dados geológicos, etnológicos, geográficos, psicológicos, que reúne acerca de vasta zona do nosso país. O valor histórico está, em que constitui minuciosa e interessantíssima crônica das trágicas campanhas de Canudos. Quanto aos valor moral, que sobrepuja os mais, deriva da imparcialidade, da independência, da elevação com que são aí julgados homens e fatos, verberando-se temidos potentados, exaltando-se as vítimas obscuras”. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro.** Rio de Janeiro : Tomo LXVI, parte II. p. 131. Em si, é um pequeno documento que expõe os valores éticos-literários que importavam na época.

<sup>125</sup> VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* pp. 221 – 231.

<sup>126</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Op. Cit.*

Nesse ambiente, passado a virada do século, Euclides da Cunha adentra como engenheiro técnico os quadros do Itamaraty, após deixar seu trabalho na superintendência de obras públicas do Estado de São Paulo e uma breve estada como engenheiro-fiscal, em 1904, na Comissão de Saneamento de Santos. Entrementes, publicaria ainda artigos na imprensa, em *O Estado de São Paulo* e no periódico fluminense *O Rio*. Sob o regimento do Barão do Rio Branco, Euclides da Cunha assumia o cargo de chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, destinada à foz do rio Purus, na região fronteira ao Brasil e Peru. Sua função era o levantamento cartográfico do rio, para a posterior definição dos estreitos limites entre o território entre as duas nações. Trabalho, enfim, de precisão técnica, no que pesava, certamente, sua capacitação como engenheiro, além de homem de letras.<sup>127</sup>

Nessa missão, a qual encarava como sua segunda grande batida contra o deserto, sendo a primeira sua jornada a Canudos, partiu do Rio de Janeiro rumo a Manaus em 13 de dezembro de 1904, regressando ao Rio novamente em 5 de Janeiro de 1906. Com sua visita a Amazônia, enseja-lhe o desejo de escrever um segundo “livro vingador”, ao qual imaginava o título expressivo de *Um paraíso perdido*. Entretanto, não escreve a obra, deixando apenas ensaios sobre a Amazônia que foram reunidos pelo próprio autor, em um livro de título *A margem da História* (1909). Complementava seu outro livro, também uma reunião de artigos espalhados pela imprensa, *Contrastes e Confrontos* (1907). Entre suas obras, fora relatórios técnicos das comissões que participara como engenheiro, ainda redigira um comentário político sobre a diplomacia, em disputa de territórios, entre Bolívia e Peru, chamado *Peru versus Bolívia* que alcançou notoriedade entre a diplomacia latino-americana.

De fato, com sua nomeação para uma comissão do Itamaraty, é sensível um interesse demonstrado por assuntos do continente, indicando a ampliação de seus horizontes para um pensamento além dos limites nacionais, no qual ponderava a situação da América do Sul no contexto do mundo. A seu amigo Domício da Gama dizia: “ando a pensar num livro, essencialmente sul-americano, e preciso estudar muito;

---

<sup>127</sup> VENTURA, Roberto. *Op. Cit.* pp. 233 – 242.

e estou estudando muito.”<sup>128</sup> Em carta a seu amigo e discípulo Alberto Rangel, comentava a tradução de seu livro *Peru versus Bolívia*, em Buenos Aires por Eleodoro Villazon, que o levava a considerar a possibilidade de uma cátedra em Paris: “a este propósito, uma ideia: quem sabe se eu não poderia lecionar a história sul-americana em Paris? No momento em que a civilização visivelmente se desloca para o Novo Mundo, não é, talvez, um pensamento muito ousado, este.”<sup>129</sup> Nessa perspectiva de sua situação americana, Euclides escrevia a Agustín de Vedia, diplomata, político e historiador argentino, autor do livro que Euclides resenhara *Martin Garcia y la Jurisdicción del Plata*, prenunciando “a próxima solidariedade do pensamento sul-americano”. Afirmava, “não sei de mais elevada política do que essa de aproximação dos espíritos na América Latina. No dia em que nos conhecermos bem e as nossas inteligências se entrelaçarem, não haveria surpresas políticas que nos precipitem na guerra.”<sup>130</sup> Desprende-se de sua correspondência trocada com Agustín de Vedia, significativas referências nesse sentido.

Sou dos que pensam que as fronteiras do nosso belo e maravilhoso continente são mais expressadas geograficamente que históricas, subordinadas em seu estado físico à altitude cada vez mais dominante da consciência sul-americana que as avassala.

Chamo consciência sul-americana, na ordem política, o critério naturalmente elevado dos países como os nossos [Brasil e Argentina], que sendo jovens na história, sem a predisposição de se apropriarem dos melhores efeitos da cultura secular da Europa – sem os inconvenientes de velhos antagonismos que tanto separam ainda as nacionalidade de além-mar.

Assim a civilização tem, entre nós, uma arena mais desafogada. Nas nossas terras virgens está a pátria ideal dos espíritos que no Velho Mundo vivem incompreendidos ou veem as suas melhores teorias destruídas pelo próprio jogo das rivalidades tradicionais que se não podem remover de pronto.

Ora, esta faculdade eminente de podermos – nós, sul-americanos – aproveitarmos dos melhores frutos da evolução geral, sem carecermos de nos dobrar ao lastros de velhos erros ou preconceitos do passado, esta faculdade dá-nos uma capacidade maior de justiça, de paz e de liberdade <sup>131</sup>

Do trecho citado, nota-se particularmente dois pontos relevantes. Primeiro, sua posição como sul-americano, da qual dependia diretamente sua posição como escritor; vale dizer, um estado a margem da “cultura secular da Europa”, dispondo, como

---

<sup>128</sup> CUNHA, Euclides da. Carta a Domício da Gama. Rio, 15 de agosto de 1907. In: *Op. Cit.* v.II. 2009. p. 1035.

<sup>129</sup> CUNHA, Euclides da. Carta a Alberto Rangel. Rio, 20 de setembro de 1908. In: *Op. Cit.* v.II 2009. p. 1070.

<sup>130</sup> Carta a Agustín de Vedia. Rio, 3 de outubro de 1908. In: *Op. Cit.* v.II. p. 1071.

<sup>131</sup> Carta a Agustín de Vedia. Rio, 1 de setembro de 1908. In: *Op. Cit.* v.II. p. 1067.

vantagem, tanto não se constranger a história quanto a liberdade da novidade a ser construída pelo futuro. Segundo, o caminho da própria história nesse mundo novo - “arena mais desafogada” - a civilização; rumo por certo evolutivo, a ser trilhado para o alcance de “justiça, de paz e de liberdade”. Rumo, entretanto, calcado pelo estado-nação, no que tangia problemas de identidade e alteridade, mas ainda de regulação econômica, reserva de mercado e conquista, ponto, por fim, que só eclodiria com a Primeira Guerra Mundial em 1914.<sup>132</sup>

Em 1909 deixou Euclides da Cunha inconcluso seus projetos, sendo alcançado pela morte, em combate de extermínio contra o amante da esposa no qual pretendia lavar sua honra manchada. No último ano de vida, deixou o Itamaraty para assumir uma cadeira de lógica, como professor de filosofia no ginásio D. Pedro II no Rio de Janeiro. Obteve um cargo de professor, com que pensava poder afastar-se da engenharia, dedicando-se integralmente a carreira letrada. A imprensa tornou a sua morte um espetáculo, ajudando a consagrar-lhe como escritor e mártir, sobressaltando antes para seus memorialistas os aspectos de sua obra que convinham ideologicamente ao nacionalismo e o desvendamento da “raça brasileira”. Desde então, foi elevado a clássico por excelência do pensamento social brasileiro, influenciando em gerações subsequentes, de Gilberto Freyre até os dias atuais. A história de sua recepção foi estudada por Regina Abreu, em *O Enigma de Os Sertões*, que constata sua incorporação no cânone literário e sociológico brasileiro. A crítica, ao longo do século XX, salientou mais seus aspectos positivos, isto é, otimistas, num trato heroico, que serviam bem ao propósito de construção do estado e seu fortalecimento, seja pelos governos democráticos seja os ditaduras de Getúlio Vargas e o militar de 1964, todos comprometidos com a incorporação da população do território nacional para dentro da lógica de estado.<sup>133</sup>

Salvaguarda-se, entretanto, dessa leitura, a recuperação de seu contexto como momento de crise, das instituições, afinal, de herança monárquica, de passado colonial, da economia mundial e nacional, diplomática com a necessidade de definição das fronteiras, e crise também civil expressas nos movimentos populares de revolta. Crise que por fim passava a cultura, como desconforto diante da situação que se vivia, e era

---

<sup>132</sup> Cf. HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios: 1875-1914**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

<sup>133</sup> ABREU, Regina. *Op. Cit.*

expressa pela vanguarda estética modernista. Reavaliação da posição humana na terra, a interrogação da finalidade do homem passava pela investigação de sua origem e trajetória – a história. Conforme Carl Schorske, nunca Clio gozou de tanta proeminência como na aurora do modernismo do final do século XIX. Do passado provinham as roupas adequadas para se vestir a nudez do utilitarismo moderno. O historicismo, entendido em sentido lato, como culto do pensamento histórico, proveu os meios de se entender com a modernização ao recuperar o passado.<sup>134</sup>

## O MODERNO

Pode-se ver Euclides da Cunha como um autor no âmago da experiência moderna/modernista.<sup>135</sup> Isto é, não o modernismo formulado teoricamente pela semana de 1922, mas modernismo como tempo que contem o antegozo das coisas novas prometidas pela civilização industrial, a experiência e prenuncio da era da técnica.<sup>136</sup> A passagem do século XIX para o século XX tem todas as características que marcam a modernização dos sentidos.<sup>137</sup> Entre todos, se destacam: ascensão da sociedade industrial; tentativas de modernizar a estrutura política e reforma social; mutação de sensibilidade adaptando-se ao disperso, degenerado, dissoluto da vida contemporânea; brusca ruptura com a tradição, revolução e evolução; crise da cultura, senso de desorientação e pesadelo; pluralização de classes sociais e novos meios de

---

<sup>134</sup> O sentido histórico provinha as direções existenciais da experiência de fragmentação e esfacelamento da vida – constituía uma grande narrativa, afinal, o triunfo do mundo moderno. Cf. SCHORSKE, Carl. *Op. Cit.*, 1998.. p. 4.

<sup>135</sup> Cf. HARDMANN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: **Vingança Da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazonia e a literatura moderna. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

<sup>136</sup> Para Malcom Bradbury e James Mcfarlane, o modernismo serve a uma ampla descrição estilística, evoluindo várias correntes estéticas: “o modernismo é, pois, a arte da modernização” Cf. BRADBURY, Malcom; MCFARLANE, James Walter. (orgs.). **MODERNISMO**: guia geral, 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 19.

<sup>137</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo : Ed. 34, 1998.

comunicação; apoteose do historicismo, e revolta contra ele<sup>138</sup>; sensação que a modernidade é uma “consciência nova”, uma nova condição da vivência humana.<sup>139</sup>

Seguem-se trechos de Euclides em que ele conscientemente revela sua posição diante do mundo moderno. Indício de sua mais profunda experiência temporal – a modernidade. Essa é a condição de sua contingência, e por ela medimos sua experiência do tempo, para a qual elaborará, em seus escritos, inclusive *Os Sertões*, uma forma de narração que é sua resposta. O sertão lhe será um anteposto ao moderno, do qual era ele próprio, como engenheiro, seu engendrador.

Em artigo publicado no jornal *Democrata*, do Rio de Janeiro, em 18 de março de 1890, de uma série de artigos após a queda da monarquia, Euclides da Cunha precisava:

As grandes exigências impostas pela existência moderna, aos nossos cérebros e aos nossos corações, definindo-se de uma maneira geral pela mais robusta fortaleza de ideias, pela mais elevada manifestação de sentimentos, deixam-nos muitas vezes desiludidos, combatidos pelo mais deplorável desânimo, quando sentimos faltar à comunhão que nos rodeis não só consistência para suportar aquelas, como altitude para harmonizar-se a estas.<sup>140</sup>

Acompanhando seu raciocínio, Euclides ponderava que a nacionalidade exigia energias de um ideal, quase estoico, constantemente elevado para que pudesse ser invariável o “apelo à pureza de nossas convicções, à rijeza de nosso caráter e a abnegação da mais sólida – ainda que esta nos leve aos maiores sacrifícios pela honra e pela glória da grande existência histórica da pátria.”<sup>141</sup> Sob a experiência moderna, o caminho de associação natural era o estado-nação. A constituição da nacionalidade brasileira era, ademais, necessária frente ao concerto das nações mundiais. Frente ao imperialismo corrente das grandes nações europeias, ser nação forte era ato de necessidade, ou isto ou cair sob o julgo da conquista da nação estrangeira, a exemplo do que ocorria na África. A civilização era não apenas um desejo mas imposição das

---

<sup>138</sup> Carl Schorske define esse aspecto “to master modernity by thinking *with* history.to máster modernity by thinking *without* history.” Cf. Schorske, Carl. *Op. Cit.*, 1998. p. 5.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>140</sup> Sejamos Francos, publicado em *Democracia*, Rio de Janeiro, 18 mar. 1890.In: . In: *Op. Cit.* v.I, p. 722.

<sup>141</sup> *Ibidem*. p.723-724.

conjunturas. Assim, escrevia “nem parece que constituímos uma sociedade esforçando-se para adaptar-se a novas condições de existência.”<sup>142</sup>

Novas condições de existências eram dadas pela modernização. Como simbolizada pelo telégrafo, que “irradia pelo mundo inteiro a expansão profundamente sentimental de toda essa gente”.<sup>143</sup> Sua consolidação era, porém, um fato da História, seu resultado, seu horizonte: “na posição atual do homem moderno, posição que traduz um árduo e secular esforço de todas as sociedades do passado, compreende-se que as responsabilidades são extraordinárias.”<sup>144</sup> Ainda mais claro, declarava:

A consciência moderna, sintetiza o mais preciso legado de dois mil anos de um árduo e contínuo esforço e os que tentam adquiri-la podem permanecer impassíveis, ante os esforços mínimos dos que por aí realizam, jogralmente, a triste legenda de *Sísifo*, tentando sobrepor-lhe à deslumbrante altitude essas velhíssimas ficções, que se caracterizam como uma imensa difusão da mitologia na história...<sup>145</sup>

A existência moderna pressupunha um esforço de consciência, um ideal, uma perspectiva a lhe sustentar, segundo Euclides. Uma tarefa de *Sísifo*, a que o escritor, como veremos, ainda se referiria mais de uma vez. A literatura, a arte e a ciência cabiam dar sentido e fornecer a situação o norte e o rumo. Em um artigo em memória de Victor Hugo, pelos seis anos de sua morte, ocorrida em 22 de maio de 1885, Euclides o considera como “genial e extraordinário romântico” que soube dar forma literária aos ideais modernos:

A revolução ocidental, que é inegavelmente o melhor trabalho dos Enciclopedistas, pusera no seio de todos os povos os germens de regeneração política e, em todos os cérebros, os primeiros elementos de regeneração filosófica.

Era preciso, porém, alguém que idealizasse essa existência moderna, que dela se derivou, alguém que, exagerando embora as verdades da filosofia e da política, as interpretasse à humanidade, sob a forma atraente de utopia e de ideais deslumbrantes.<sup>146</sup>

A concepção de que a revolução marca a entrada para o mundo moderno, que é o destino da civilização e, portanto, a meta almejada para o Brasil, será desde a

---

<sup>142</sup> Divagando. *Democracia*, 02 jun. 1890. In: *Op. Cit.* v.I, p. 733.

<sup>143</sup> Província de São Paulo, São Paulo, 23 jul. 1889. In: *Op. Cit.* v.I, p. 718.

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 719.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 724.

<sup>146</sup> 22 de maio de 1892. In: *Op. Cit.* v.I, p. 783. (Grifo meu.)

juventude de Euclides da Cunha até seus escritos de maturidade uma constante. Euclides entendeu o golpe que proclamou a República como a entrada atrasada do país na era da política moderna, marcada para ele, por grandes ideais republicanos e democráticos. Segundo Leopoldo Bernucci, Victor Hugo foi seu modelo de homem de letras, e sua influência sobre Euclides é muito palpável.<sup>147</sup> Portanto, podemos entender que quando Euclides fala na idealização da *existência moderna* como uma característica de Victor Hugo, ele está admitindo para si essa capacidade, que tentará, em seus escritos, colocar em prática. Afinal, é o problema do moderno que necessita ser solucionado.

A perspectiva de um futuro podia assim ser guiado. Expressava Euclides um prognóstico em 1892, “seguiremos para o século futuro, robustos e grandes; neste século, cuja deslumbrante grandeza escapa às mais ousadas deduções da sociologia, através das vitórias da ciência e da indústria,(...)”; esse futuro grandioso oferecia a chave para a leitura do passado: assim, “o Brasil redimir-se-ia seu passado de atraso, dado pela persistência das relações coloniais, e chegaria a assumir posição de “hegemonia das nações latinas...” Conquanto, concluía Euclides, “todo um século de inatividade será compensado em alguns anos de lutas civilizadoras – e um grande futuro será afinal a absolvição para um passado estéril.”<sup>148</sup>

Os progressos técnicos da indústria e o processo de modernização brasileiro geravam tensões sociais e culturais. Sensíveis as transformações da vida que o processo marcava, o engenheiro se dizia “arreatados, como todos, na impetuosa corrente dos ideais modernos que se aprestam, nesta agitada véspera do século XX, a todas as conquistas da atividade humana”<sup>149</sup>

Decididamente vai-se tornando indispensável uma locução nascida ontem e já velha pelo uso – esta maneira de designar *fin de siècle* a todas as extravagâncias mais ou menos espirituosas, mais ou menos elegantes que expluem de todas as sociedades, nesta extrema velhice do século mais fecundo e mais brilhante que tem havido.<sup>150</sup>

---

<sup>147</sup> Segundo Bernucci, “o sentimento de pátria e sobretudo o ‘consórcio final entre arte e filosofia’, como traços marcantes de Hugo, eram os que mais atraíam Euclides.” BERNUCCI, Leopoldo M. **A Imitação dos Sentidos**: Prógonos, Contemporâneos e Epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 27.

<sup>148</sup> *O Estado de São Paulo*, Dia a Dia. 5 de abril de 1892. In: *Op. Cit.* v.I. p. 758

<sup>149</sup> 7 de abril de 1892. In: *Op. Cit.* v.I. p. 760.

<sup>150</sup> 12 de junho de 1892. In: *Op. Cit.* v.I. p. 786.

A vivência do final do século entre o Rio de Janeiro e São Paulo, eixo de mais intenso processo modernizador do país na época, transparecia assim nas palavras do escritor. Mantidas espaçadas entre seus escritos, aparecem os sinais do tempo finisecular e a reflexão de seu significado: “não nos espantemos, pois, como o que por aí vai; a dispersão dos sentimentos é plenamente geral; o grande século, após viver como um pensador eminente, acaba como um boêmio desiludido; e, presas pela mesma vertigem, marchando sem norte, sem filosofias as sociedades de hoje”<sup>151</sup>

Toda a transformação que a modernização conduzia era clara para o engenheiro-escritor. Na conferência que pronunciou em 1906 sobre *Castro Alves e seu tempo*, Euclides da Cunha expunha os horizontes das mudanças e formava imagens de seu significado para a ordem cotidiana:

A cachoeira de Paulo Afonso em breve terá a sua potência formidável aritmeticamente reduzida a não sei quantos milhares de cavalos-vapor; e se transformará em luz, para aclarar as cidades; em movimento, abreviando as distâncias, avizinhandos os povos, e acordando o deserto com os silvos das locomotivas; em fluxo vital, para os territórios renascidos, transfundindo-se na inervação vibrátil dos telégrafos; em força inteligente, fazendo descansar, um pouco mais o braço proletário; e fazendo-nos sentir o espetáculo de uma mecânica ideal, de efeito a se estenderem pelos mais íntimos recessos da sociedade, no másculo lirismo da humanização de uma cega energia da natureza...<sup>152</sup>

As mudanças políticas que correspondiam ao processo de modernização brasileira eram também conscientes de Euclides da Cunha nos termos do elogio que fez do papel do Barão do Rio Branco no processo, nesta verdadeira súmula de transformações por que passara o país nos últimos decênios do século XIX:

Não nos maravilharíamos que o lúcido estadista houvesse de ser, a um tempo, demolidor e reconstrutor: de um lado, dirigindo o primeiro assalto contra a escravidão; entalhando, fundo, a ortodoxia católica; e eliminando a justiça reacionária do código russo de 1841; de outro lado, normalizando as atividades; aviventando o desenvolvimento econômico; nivelando-nos à ciência contemporânea, com a reforma das escolas; golpeando o deserto com as estradas de ferro de penetração; e dando à unificação de nossas ideias, tão enfraquecida pelo espalharem-se em território vastíssimo, a base prática dos telégrafos, que irradiaram pelas províncias, enfeixando-se no Rio de Janeiro, onde, em 1874, o primeiro cabo submarino, atravessando o Atlântico, nos permitiu contar os mesmos minutos que a civilização.<sup>153</sup>

---

<sup>151</sup> *Ibidem*, p. 787

<sup>152</sup> Castro Alves de Seu Tempo. Conferência no Centro XI de Agosto, Rio de Janeiro, em 1907. In: *Op. Cit.* v.I. p. 567.

<sup>153</sup> *Ibidem*, p. 573.

Mais do que mera mudança de fatos, a modernidade traz profundas mudanças de sociabilização que repercutem no âmago da cultura. Entender por que se tem interesse, esses homens urbanos, letrados, técnicos, no popular, no rude, no bárbaro, pode ser um caminho para a compreensão de uma de suas facetas, isto é, por que um engenheiro pinta o quadro de um ambiente sertanejo ruído, com penar de saudades pelo mundo perdido, pode esclarecer sobre a cultura de sua época. *Os Sertões* é um livro cheio de alusões á técnica e meios racionalizados de gerir os atos humanos, corporificados por princípio no exército da república, comandado por iguais homens de luzes, mesmo que militares, racionais, modernos e civilizados.<sup>154</sup> Há assim no livro ironias quanto a racionalidade técnica e o tipo de organização de sociedade que ela parece construir, ordem, progresso, sistema, centralização e exaltação da liderança, heroísmo das partes, e triunfo. O senso irônico faz da glória civilizatória a tragédia do destino histórico, a história da modernidade passa pela ruína de uma velha humanidade, ou da humanidade como tal; de seus escombros pode nascer o novo homem, capaz da nova existência. Mais incisivo é o feito de ter sido composto por um engenheiro, que vivia dia-a-dia, em seu ofício, a natureza da própria civilização moderna. Assim é de extraordinária relevância um trecho da carta de Euclides da Cunha para Coelho Neto, de 3 de dezembro de 1902, no qual fica patente o teor do problema. Referindo-se a cena da Recordação da Casa dos Mortos, de Dostoievski, pintava o seguinte quadro:

Nessa meia escravidão de engenheiro oficial a seguir e a voltar, a voltar e a seguir, as intermináveis viagens, para os mesmos pontos, tenho a miserável canseira de um Sísifo que é o fardo de si mesmo a rolar por essas estradas... ou então realizo cada dia aquela sombria tarefa siberiana de que nos fala Dostoievski, consistindo em abrir todos os dias desmesurada vala e reenchê-la, depois, todos os dias. Assim vou, no círculo vicioso de uma faina ingrata.

Entre cálculos e teoremas da ciência do século XIX, o autor de *Os Sertões* caminhava entre a positividade dos fatos regulados pela razão e a fantasia criadora assemelhada ao sonho. Vale a extensão da citação, ouvir de seu próprio punho uma

---

<sup>154</sup> Antonio de Gama Rodrigues em uma compilação dos ofícios redigidos por Euclides da Cunha enquanto engenheiro da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo, alocado em municípios do interior entre os anos de 1896 a 1904, faz um comentário quanto ao teor de uma documentação referente a reparos na balsa de travessia do “Bairro Alto”, da vila de Natividade: “haviã sido gastas 38 laudas de papel, consumidos 3 meses de tempo; haviã falado vários escriturários, sido ouvidos 2 chefes de seção, opinado 2 diretores, como o demonstram os autos ainda hoje existentes no Arquivo do Estado (Sala 4 – Maço 282 – auto n. 1.072) e aos quais fielmente me reporto... e o Paraitinga continua serenamente fluindo entre a vila de Natividade e a freguesia de Bairro-Alto. Que mais era necessário? Abençoada burocracia!”. RODRIGUES, Antonio da Gama. Euclides da Cunha. Engenheiro de Obras Públicas no Estado de São Paulo. (1896-1904). São Paulo : 1956.

espécie de síntese autobiográfica, onde vemos a matemática de sua engenharia reunir-se com o mistério do inefável.

Falo por mim. Eu fui um obscuro e pertinaz estudante de matemática. Quer dizer: precisamente quando mais adorável se nos mostra o quadro desta vida, e o seu vigor desponta da mesma ansiedade de viver, tive que contemplar o universo vazio e parado - apagadas todas as luzes, extingo todos os ruídos, desaparecidas todas as coisas, desaparecida a própria matéria – de sorte que nessa abstração, a aproximar-nos do caos, permaneçam, como atrativos únicos, a *forma* nos seus aspectos irredutíveis, e o *número* e sinais completamente inexpressivos. Pois bem; folheando, há pouco, os meus velhos cadernos de cálculo transcendente, onde se traçam as integrais secas e recurvas ao modo de caricaturas malfeitas, de esfinges, e onde o infinito, tão arrebatador no seu significado imaginoso, ou metafísico, se desenha, secamente, com um  $\infty$ , um oito deitado, um número que se abate, desenhando, de uma maneira visível, a fraqueza da nossa inteligência, a girar e a regirar numa tortura de encarcerada, pelas voltas sem princípio e sem fim daquele triste símbolo decaído – deletando aquelas páginas, salteiam-me singularíssimas surpresas. (...) Assim nos andávamos nós daqueles bons tempos: pela positividade em fora, e a tatear no sonho...<sup>155</sup>

Tal dubiedade, entre a razão e o sonho, que em *Os Sertões* podemos ver entre o moderno e o arcaico, entre o litoral e o sertão, parece ser dos mais interessantes pontos para entender o complexo de seu livro. Segundo Valentim Fiacoli, esta dubiedade guia o gênese da forma do livro, pois “o que parece ocorrer – bem difícil de dizer – é que há um momento de encontro do fundo irracionalista das ciências – panaceia com a realidade desconhecida e misteriosa; o sujeito fetichizado por essa dupla pressão, projeta-a sobre o objeto”, assim vem-lhe o delírio, a loucura, que lhe dá fluxo, “que é nesse processo seu modo verdadeiro de ser.”<sup>156</sup>

Ante o projeto de futuro do moderno, a civilização, é que Euclides tecerá sua representação dos sertões, traduzindo em dimensões temporais distancias mais que geográficas – entre o sertão e a cidade Euclides vislumbrará a distancia inalcançável do passado, sintoma do alheamento de seu presente. O narrador cumpre, desta forma, sua missão, resgatar o tempo de seu desaparecimento, esperando, pois, que o futuro o lerá.

---

<sup>155</sup> Castro Alves de Seu Tempo. Conferência no Centro XI de Agosto, Rio de Janeiro, em 1907. In: *Op. Cit.* v.I. pp. 573-574.

<sup>156</sup> FACIOLI, Valentim A. **Euclides da Cunha**: A Gênese da Forma. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1990. p. 147.

## CAPÍTULO 2 - PERSPECTIVAS SOBRE A HISTÓRIA. SERTÃO E CANUDOS

Situado no cerne da experiência de modernização do país, Euclides da Cunha vislumbrava seus rumos, a estrada de ferro, o telégrafo, o território integrado à nação. O caminho do progresso à civilização era a trilha da História. Vivendo no âmbito de transformações políticas e sociais, caracterizado por crises de sentido e reavaliações dos processos de ação, impunha-se a modernidade como fato irrefreável. “Estamos condenados a civilização – ou progredimos ou desaparecemos”, alertava o autor em *Os Sertões*.<sup>157</sup> As nações eram espremidas entre o avanço geopolítico das potências imperialistas europeias, cujo aparato técnico e saber científico traduziam poder de dominação. Neste contexto, não restava alternativa que não seguir os mesmos moldes de desenvolvimento. O sentido da história para Euclides da Cunha, como para seus contemporâneos, era a grande narrativa do progresso, a qual desenhava o destino do homem sobre a face da terra como uma marcha dos primórdios irracionais, a barbárie, até a realização do moderno, a civilização.<sup>158</sup> Sem poder fugir do futuro, ao presente cabia destituir o passado, desfazê-lo para a construção do novo. O processo de modernização era um fato, cuja realização era imposta pelos rumos da humanidade. Sem escolha possível, o homem tinha que acompanhar a História.

Vimos até agora como Euclides da Cunha se inseria, como engenheiro, na atividade de construção da modernidade. Seus escritos refletem sua consciência da situação de seu presente. Cabe agora entender as perspectivas e ideias com que olhou o passado. Além dos fatos políticos e sociais dos séculos passados que formavam a

---

<sup>157</sup> CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*: edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo : Brasiliense, 1985. p. 85.

<sup>158</sup> No que caracteriza as sociedades como especificamente modernas, encontra-se a consciência histórica, como explica Jörn Rüsen: “a categoria de progresso aparece como um conceito histórico básico da moderna consciência histórica. Esta categoria apresenta a gênese histórica da sociedade moderna como um desenvolvimento que merece ser endossado e ao qual se pode e deve dar continuidade. A luz desta orientação histórica o futuro aparece como superação da qualidade de vida já atingida, seja através do domínio sobre a natureza, da riqueza econômica, da participação política, da conscientização cultural.” RÜSEN, Jörn. Conscientização histórica frente a Pós-modernidade: a história na era da “Nova Intransparência”. In: *História: Questões & Debates*. Curitiba, 10 (18-19): Jun-Dez, 1989. Pp. 303-328.

matéria da História, ele, seguindo uma tradição romântica, encontrou o passado nos sertões. Neste capítulo, será analisada a representação do sertão e do sertanejo encontrada em seus escritos, particularmente nos artigos (intitulados *A nossa Vendéia*) que serviram de protótipo ao livro sobre a Guerra de Canudos. Desta forma, tenta-se relaciona-los com sua consciência da mudança temporal.

## O SERTÃO

Quando Euclides da Cunha transformou o nome de seu livro de *A nossa Vendéia* para *Os Sertões*, incorporou-se em uma corrente literária que desde o romantismo em meados do século XIX tematizava o interior do Brasil como terra de significação da nação e de seus tipos populares. Retraçadas suas linhas, encontramos o primeiro livro que representa a virada da temática indianista para a sertaneja. *O Ermitão de Muquém*, (1869), de Bernardo Guimarães. Sucedeu-se uma enorme produção sertanista, dentre os quais se destacam *O Índio Afonso* (1873), de B. Guimarães; *O Sertanejo* (1875), *O Gaucho* (1870), de José de Alencar; *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *Cenas de Viagem* (1868) e *Inocência* (1876), de Visconde de Taunay; *O Sertão* (1896), de Coelho Neto; *Pelo Sertão* (1898), de Afonso Arinos; e, finalmente, *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. Seu título evocava, desta forma, uma família literária, na qual, por conseguinte, se inseria. Embora seu relato não fosse ficcional, mas um ensaio histórico-sociológico, compartilhava com a produção anterior características paradigmáticas.<sup>159</sup>

A etimologia da palavra sertão é incerta. Segundo o prof. Vasco Botelho de Amaral, a palavra tem duas possíveis proveniências. A primeira seria uma variação de “desertão”, isto é, um deserto grande, com que portugueses pelo menos desde o século XII empregavam a palavra referindo-se a áreas longínquas de Portugal, e a partir do

---

<sup>159</sup> Cf. CRISTÓVÃO, Fernando. “A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A Divina Comédia do Sertão)”. **Revista da USP**, nº 20, dez./jan./fev. 1993-1994.

século XV utilizada para designar espaços desconhecidos dentro das terras recém descobertas com a expansão ultramarina. A segunda postula uma derivação do latim clássico *sertus*, particípio de *sero*, que significa entrelaçar, enredar; donde *serere*, *sertanum*, e *desertum* (o desertor, aquele que escapa dos laços), *desertanum* (o esconderijo para onde foi o desertor), *desertus* (sítio abandonado, solitário, que está fora dos laços do grupo societário).<sup>160</sup> Para Gilberto Mendonça Teles, além da origem indo-européia, outra possibilidade seria uma derivação da língua *bunda* dos bantos de Angola, de *mi-tijhu e mi-mutjhu*, derivando de *muchitum* ou *m'chitum* para o português como *mulcetão*, então corrompido para *celtão*, *certão*. Mantém, porém, nessa acepção, seu significado de sítio longe da costa, o mato interior. No século XVI encontra-se comumente a grafia de *sertão* ou *certão*, justamente para designar as terras desconhecidas das áreas reclamadas para o domínio português.<sup>161</sup>

Segundo o historiador Dawid Danilo Bartelt, do período colonial até o século XIX, “a ideia de sertão foi dominada por uma semântica de *fronteiras*. Essa ideia atuava sobretudo de modo vetorial, isto é, referindo-se prioritariamente a um espaço ainda não formado, a ser ainda conquistado, protegido, ocupado, povoado e configurado futuramente de acordo com as normas importadas”. Mais do que um espaço geográfico, a palavra sertão designava “um espaço sacionormativo e essencialmente ‘simbólico’”.<sup>162</sup> Isto significa que não se trata de coordenadas geográficas precisas que definem uma região no mapa, mas, antes, de uma simbolização do espaço.<sup>163</sup> O sertão carrega imagens simbólicas quanto a paisagem interiorana do Brasil, agregando à sua história as crônicas da época colonial e a narrativa de viagens de cientistas naturalistas do século XIX. Segundo Bartelt, os viajantes do século XIX cristalizaram um *topoi* em suas descrições, assim se transformando em paradigmas discursivos que serão

---

<sup>160</sup> AMARAL, Vasco Botelho de. **Glossário Crítico de Dificuldades do Idioma Português**. Porto : Editorial Domingos Barreira, 1947. pp. 476-481. AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. p. 145-151. MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *Terra Ignota: sertão, memória e oralidade na obra de Euclides da Cunha*. In: **X encontro nacional de história oral**. Testemunhos: Histórica e Política, 2010.

<sup>161</sup> André Scoville fez um recenseamento bastante completo sobre o mesmo caso, aprofundando detalhes importantes no estudo dessa temática. Cf. SCOVILLE, André Luiz Martins Lopes de. **Literatura das Secas: Ficção e História**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2011. pp. 55 – 100.

<sup>162</sup> BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação**. São Paulo : EdUSP, 2009. p. 238.

<sup>163</sup> Cf. SILVA, Luiz Sergio Duarte da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia**. 2.ed. Goiânia : Editora UFG, 2010. p.52.

absorvidos pelos autores brasileiros posteriores, desde então. Viajantes estrangeiros conjuntamente com a iniciativa técnica-científica de brasileiros como Caminhoá e Teodoro Sampaio, produziram uma literatura de viagem científica, fornecendo imagens, descrições da terra, da flora e fauna, e do costume das gentes que povoavam o país: “Os viajantes em seus relatos sobre o Brasil, utilizavam-se de métodos avançados e universalizadores de descrição geográfica, biológica e etnológica(...), essa fala se constituiu em *status* de autoridade, do qual os sucessores, concordando ou não – não podiam a princípio escapar”.<sup>164</sup>

A princípio, não designa um região específica, mas todo o interior, definido como tal a partir do ponto de observação. Desta forma, remete a uma ideia de margem, fronteira ou limite da região conhecida, invocando uma noção de distância. A partir da historiografia nacional do século XIX, o sertão torna-se o lugar onde se forma a essência do país. A cartografia segue a ótica do colonizador, o portador da civilização. A partir do litoral começa a história brasileira, que se efetiva no seu interior. Como em Capistrano de Abreu, o sertão é o espaço da representação das entradas e bandeiras como atos de conquista e ocupação do território, com as quais ocorre o encontro do português com o índio e com o africano.<sup>165</sup>

Desde a perspectiva do século XIX, o espaço nacional viu-se a partir de uma ética binária: a oposição civilização e barbárie. Esta desdobra-se na oposição do litoral ao sertão, e por fim, do moderno ao tradicional. Segundo Custódia Selma Sena, assumindo as características de um mito fundador, o sertão torna-se o espaço referencial a partir do qual se narra a conquista da civilização pela nação brasileira. Logo, o sertão transforma-se em metáfora que remete ao centro, onde se encontra a essência de um povo específico destinado ao futuro nacional. Nesta ótica, o sertão é onde a civilização não chegou, o lugar que se deve alcançar. Como paisagem o sertão é um deserto que demanda a travessia. No dito do colonizador é o lugar onde não se quer estar. A travessia do deserto é rememorada como epifania fundante (como no Êxodo dos hebreus, a

---

<sup>164</sup> BARTELT, Dawid Danilo. *Op. Cit.* p. 239.

<sup>165</sup> ABREU, João Capistrano de. *O Sertão In: Capítulos de História Colonial. 1500-1800.* Rio de Janeiro : M. Orosco, 1907. Disponível em « <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00157600> » Acesso em 02/10/2012.

travessia do deserto sela o pacto sobrenatural instituindo o sentido da comunidade), o caminho que leva a terra prometida.

Segundo Selma Custódia Sena, o mito civilizatório brasileiro tem como terra prometida a nação moderna e civilizada. A posição de fronteira marca a reivindicação da nação brasileira à modernidade.<sup>166</sup> O sertão torna-se seu símbolo, o processo é a formação do país - a civilização para efetivar-se na nova terra tem que derrotar a barbárie. Como explica Luiz Sergio Duarte,

existem vários sertões.(...) Para os habitantes do litoral, o centro, o eixo das significações, designa o ignoto, o hostil, o distante. O lugar selvagem que precisa ser civilizado para que a nação se concretize. Para os sertanejos, o sertão forja sua autoimagem, sua identidade, e também uma ideologia. Visto do litoral, o sertão é o lugar onde, cansado de civilização, o herói encontra a natureza e se realiza nela. Os limites entre a realidade e a representação mitificada (relato orientado instituidor e justificador) passam a ser fluidos.<sup>167</sup>

Segundo Luiz Sergio Duarte da Silva, sertão é o extremo do ocidente, região simbolizada como fronteira, onde a existência se põe a prova, e uma retórica de limiaridade define a situação da América frente a Europa. Portanto, o pensamento sertanejo caracteriza-se pela superposição e compressão da herança ibérica com as culturas indígenas e africanas, assim definindo um projeto de afirmação de identidade que passa pelo inventário da especificidade da experiência americana. Nas palavras do autor, “reserva da especificidade nacional o significante sertão tem seus significados dependente de uma ontologia substancialista e de uma epistemologia historicista”.<sup>168</sup> Isto é, uma ontologia substancialista, que localiza o cerne da nacionalidade no interior, o lugar de confluência da conquista do espaço; uma epistemologia historicista, que ressalta a especificidade da experiência nacional pela representação de sua história. Desta forma, a formação de identidade é a narrativa do contato que se da no sertão entre a península ibérica e o Novo Mundo.<sup>169</sup> Antes de ser conquistado ele é a margem, a

---

<sup>166</sup> SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. In: **Avá: Revista de Antropologia**. n.17, julho-deciembre, Universidad Nacional de Misiones, Argentina, 2010. Disponível em « <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=169020996005> » Acesso em 27/09/2012.

<sup>167</sup> SILVA, Luiz Sergio Duarte da. *Op. Cit.* p.52.

<sup>168</sup> *Ibidem*, p. 172.

<sup>169</sup> *Iidem*.

região ignota. Com a conquista, a margem torna-se o centro, marca que remete a fundação do novo povo, do novo país, e um futuro novo.<sup>170</sup>

A região ignota torna-se palco de uma aventura – a conquista do centro. Portanto, desde meados do século XIX, sua representação passa a servir tanto ao discurso nacionalista, como narrativa da conquista do território, como ao um problema antropológico, explorado na literatura sertaneja, a narrativa do encontro do homem consigo mesmo. Em ambos os casos, uma aventura precisa ser realizada. Para a construção da nação, a empresa colonizadora, penetrando o território com entradas e bandeiras, conquistando e submetendo terras e gentios.<sup>171</sup> Para o homem, a aventura é a busca de si mesmo pelo processo da perda de si, abandonando seu lugar de origem em uma peregrinação pelo desconhecido dos ermos, pondo a prova sua existência, para enfim revelar seu sentido e seu lugar sobre a terra.<sup>172</sup>

Na literatura, com características que se definem desde o romantismo, o sertão consolida-se como forma simbólica de um mito. Desta forma, como demonstrou o crítico Fernando Cristóvão, o espaço sertanejo torna-se elemento de uma poética que põe em causa uma visão sobre o destino do homem. Segundo Cristóvão, a literatura sertaneja, desde o *Ermitão de Muquém* (1869), do escritor Bernardo Guimarães, assume a forma mítica de um embate entre paraíso, purgatório e inferno. O modelo é a *Divina Comédia* de Dante, numa recriação onde a região interiorana, ultrapassando a significação do dado geográfico e do inventário dos costumes de suas gentes, torna-se palco de uma simbolização estética do drama humano. Mesmo que a literatura sertaneja refira-se a regiões reais – a zona mediterrânea pastoril - sua realidade de base é transfigurada pela literatura: “há um só sertão, concretizado em muitos sertões”.<sup>173</sup> Relendo a tradição da literatura sertaneja a partir de *Grande Sertão: Veredas* (1956) , de

---

<sup>170</sup> As palavras assinadas por Juscelino Kubitschek na Praça dos Três Poderes em Brasília podem evidenciar a remissão ao futuro que o sertão assimilado, no caso o planalto central, provê: “ Deste planalto central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacional, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino. Brasília, 2 de outubro de 1956” Futuro, o amanhã do país, é antevisto quando a história chega ao sertão; sob a sombra do H do prédio do Legislativo, as palavras projetam a história do país.

<sup>171</sup> Cf. SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. Teses sobre sertão e cidades de fronteira: labirinto e barroco. In: **O público e o privado**. N.7, janeiro-Junho, 2006. pp.171-179.

<sup>172</sup> CRISTÓVÃO, Fernando. *Op. Cit.*

<sup>173</sup> *Ibidem*..p.45

Guimarães Rosa, o crítico acredita que desde a fortuna do romantismo o sertão pode ser entendido como o espaço da travessia do homem, metáfora de sua condição humana.

A travessia do sertão é a busca por uma sabedoria transfiguradora da vida. Como paraíso, no sertão vive-se uma idade de ouro, numa época fora do tempo, sem carência nem conflito; como inferno, o sertão é o paraíso perdido, onde se vive no meio de uma natureza hostil e entre o desespero dos condenados; como purgatório, o sertão é lugar de passagem, da ignorância à sabedoria, da perdição à salvação. “O sertão purgatório é o da passagem do sertão inferno ao sertão-paraíso que, depois de perdido, novamente se demanda”.<sup>174</sup> Sendo ora paraíso, ora inferno, e permanentemente purgatório, no sertão o protagonista é o viajante que se bate contra o deserto - “lugar onde o sagrado e o profano se encontram e defrontam, e onde a austeridade do meio aliado à ausência de coações psicológicas do grupo permitem uma reflexão serena e uma decisão amadurecida”.<sup>175</sup> Como alegoria da caminhada, entre a vida e a morte, cada destino humano é posto à prova de sua liberdade no interregno entre o Éden perdido e o prenúncio do retorno.

Atravessando diferentes momentos da literatura, essa forma mítica encontra-se, segundo Fernando Cristóvão, em todos os livros sobre o sertão.<sup>176</sup> Três vetores lhes são basilares: “(a) o das descrições da terra brasílica versus terra lusitana, (b) o do mundo rural versus mundo urbano, (c) e o do tempo passado versus tempo presente”.<sup>177</sup> Esses vetores sumariam a intenção de transfundir um sentido nacional à literatura, recorrendo ao mundo rural como depositário das verdadeiras tradições, evocado como origem da nação.

---

<sup>174</sup> *Ibidem*, p. 50

<sup>175</sup> *Idem*.

<sup>176</sup> Fernando Cristóvão distingue três fases: I) iniciada com o romantismo, o sertão é espaço da poesia de Álvares de Azevedo, Cassimiro de Abreu, Junqueira Freire, Castro Alves como do romance de Bernardo Guimarães, José de Alencar, Visconde de Taunay e Franklin Távora. II) Com *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, atinge, segundo o crítico, o ponto mais alto de um problema realista-naturalista. Refere-se com isto a utilização que Euclides faz das teorias evolucionistas, da antropologia racial, do determinismo do meio sobre a cultura, para a composição de sua obra. Nesta fase, ainda se inserem os romances de Graciliano Ramos e Jorge Amado. III) Na produção literária subsequente, a problematização social é proposta sob uma visão diferente, assumindo conscientemente aspectos míticos-poético da realidade, vertente na qual se inserem Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Ariano Suassuna. *Ibidem*. p. 44.

<sup>177</sup> *Ibidem*, p. 43.

Entre tais obras, a novidade estilística de *Os Sertões* reside em sua descrição analítica do meio e do homem sertanejo, devido a sua intenção de mimese histórica e científica.<sup>178</sup> Situa-se, portanto, no centro de uma produção simbólica sobre o espaço sertanejo, que o cristalizaria enquanto forma. Walnice Nogueira Galvão demonstra, em seu estudo sobre as tramitações formais do sertão, uma longa tradição na qual, depois de Euclides, o tema seria reatualizado. Assim, foi apropriado pelo romance regionalista de 30, pela literatura de Guimarães Rosa, novamente pelo Cinema Novo, e continua a inspirar uma produção literária, televisiva, cinematográfica e musical.<sup>179</sup> Ainda, no cenário internacional, inspiraria diretamente produções singulares, como *Um místico brasileiro* (1920), do escocês Cunningham Graham; *Le mage du sertão* (1952), do francês Lucien Marchal; *Verdicto em Canudos* (1970), do escritor húngaro Sándor Márai; e *A guerra do fim do mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa. Embora cada produção insira-se em seu contexto próprio, a permanência da forma chama a atenção para sua força representativa, mesmo em um contexto intercultural.

No pensamento social brasileiro, o livro de Euclides da Cunha influenciou como clássico decisivo. Desde *Os Sertões*, o pensamento sobre um projeto de nação brasileira passa a considerar a inclusão do território e atenção ao povo interiorano como fundamentais.<sup>180</sup> Embora, desta forma, possa ter sido apropriado por correntes políticas diversas, segundo Heloísa Starling, em Euclides da Cunha preponderava uma proposta de república. Esta era uma resposta a implantação da República de 1889. Com a Guerra de Canudos, a constatação era de que o país não era formado por párias. O republicanismo de Euclides passava pelo sertão, como única chance de modernidade política, pois significaria a incorporação do povo e efetivação da lei. Segundo Heloísa Starling, graças a Euclides da Cunha os intelectuais brasileiros passaram a redescobrir o país nos sertões.<sup>181</sup>

---

<sup>178</sup> LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**. A construção de Os Sertões. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997. pp. 20-25.

<sup>179</sup> GALVAO, Walnice Nogueira. Metamorfoses do sertão. In: **Estudos Avançados**.. 2004, vol.18, n.52, pp. 375-394.

<sup>180</sup> LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro : Revan : IUPERJ, UCAM, 1999. VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

<sup>181</sup> STARLING, Heloísa. A República e o Sertão. Imaginação literária e republicanismo no Brasil IN: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 82, Setembro 200. pp. 133-147.

Para Walnice Nogueira Galvão, Euclides da Cunha “viu-se obrigado a manejar uma teoria da história e explicitar por tentativas um quadro teórico que lhe permitisse a compreensão dos recentes acontecimentos, em duas vertentes”<sup>182</sup> O que a autora chama de teoria da história são as matrizes do pensamento historiográfico de Euclides, sendo a primeira vertente a influência determinista vinda de Buckle e de Taine, e a segunda derivada da concepção de heróis de Carlyle, que os concebia como encarnações do espírito divino que levavam adiante a história. Segundo Walnice, *Os Sertões* foi o primeiro grande livro, com êxito e divulgação, a trazer a tona do pensamento brasileiro a questão do atraso do interior do país. Assim, “a partir desse quadro teórico, ou apesar dele, *Os Sertões* coloca-se como um livro precursor, posto na raiz do desenvolvimento das ciências sociais brasileiras nos anos de 1930 e 1940.”<sup>183</sup> Neste pensamento social, coexistência de dois países, um litorâneo e moderno e outro interiorano e atrasado, seria o mote principal.<sup>184</sup>

Entretanto, seguindo a narração da guerra que Euclides da Cunha faz em *Os Sertões*, é curioso como se avulta o elemento temporal em que o sertão se vê sempre imerso. Observando esses aspectos,<sup>185</sup> despontam desde logo ambiguidades, que não permitem tomar o caso como uma exaltação da nação e do projeto de modernização. Ao contrário, tornam-se quase um lamento, por um mundo que deixa de existir, deixando apenas suas ruínas como sinal de uma época passada.

---

<sup>182</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclides da Cunha militante da república**. São Paulo : Expressão Popular, 2010. pp.18-19.

<sup>183</sup> *Idem*. p. 19.

<sup>184</sup> Darcy Ribeiro, no capítulo sobre o sertão de seu *O Povo Brasileiro*, de 1995, praticamente mimetiza em seu parágrafo inicial a mesma abertura do livro de Euclides da Cunha. Afora, os termos que em Euclides vem da antropologia racial são substituídos por conceitos culturais, o determinismo do meio substituído por um condicionamento social dos agentes, entre outras coincidências. E como evidencia do problema de tempo que essa dissertação se debruça, também Darcy Ribeiro recorre à imagem de um embate entre as forças modernas e o atraso sertanejo: “Nos últimos trinta anos, uma descoberta tecnológica abriu novas perspectiva de vida econômica. (...) Assim é que os cerrados estão sendo invadidos por grupos de fazendeiros sulinos, à frente de imensa maquinária, para o cultivo de cereais de exportação. Alguns poucos sertanejos estão aprendendo a ser tratoristas ou trabalhadores especializados das grandes plantações. Para a massa humana do sertão é que essa riqueza nova não oferece esperança alguma. Tenho em mente a imagem de uma fieira de nordestinos adultos e crianças, maltrapilhos, cabeça coberta com seus chapéus de palha e de couro, agachados, olhando pasmos as imensas máquinas revolvendo a velha terra do cerrado.” RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo : Companhia das Letras, 1995. p. 363.

<sup>185</sup> Já distinguido por Fernando Cristóvão nos três caracteres morfológicos da corrente literária sertaneja: a significação da nação, o rural contra o urbano, e o tempo passado contra o tempo presente. Constituindo o sertão como “lugar que, simultaneamente, se afirma e se nega, tempo sobretudo de outros tempos, reino do fantástico e do mítico”. CRISTÓVÃO, Fernando. *Op. Cit.* , p. 43.

Com isso Euclides da Cunha compartilhava algumas características da literatura sobre o sertão. O seguinte comentário de Machado de Assis esclarece esse sintoma. Em crônica de 14 de fevereiro de 1897, na coluna A Semana, da *Gazeta de Notícias*, comentando o conflito de Canudos, Machado de Assis aproveitava a oportunidade para resenhar o recente livro de Coelho Neto, *Pelo Sertão* (1896). Postulava, assim, uma familiaridade da literatura sertaneja com a guerra sertaneja de Canudos, designando da alçada de um escritor acostumado ao trato da terra interiorana o manejo de um relato importante sobre a guerra:

Um dia, anos depois de extinta a seita e a gente dos Canudos, Coelho Neto, contador de cousas do sertão, talvez nos dê algum quadro daquela vida, fazendo-se cronista imaginoso e magnífico deste episódio que não tem nada de fim-de-século. Se leste o *Sertão* (...) que ele nos deu agora, concordarás comigo. Coelho Neto ama o sertão, como já amou o Oriente, e tem na palheta as cores próprias de cada paisagem. Possui o senso da vida exterior. Dá-nos floresta, com os seus rumores e silêncios, com os seus bichos e rios, e pinta-nos um caboclo que por menos que os olhos estejam acostumados a ele, reconhecerão que é um caboclo.(...)

Os costumes são rudes e simples, agora amorosos, agora trágicos, as falas adequadas às pessoas, e as ideias não sobem da cerebração natural do matuto. Histórias sertanejas dão acesso não sei que gosto de ir descansar, alguns dias, da polidez encantadora e alguma vez enganadora das cidades. Varela sabia o ritmo particular desse sentimento; Gonçalves Dias, com andar por essas Europas fora, também conhecia; e, para só falar de um prosador e de um vivo, Taunay, dá vontade de acompanhar o Dr. Cirino e Pereira por aquela longa estrada que vai de Sant'Anna de Paranaíba a Camapuama, até o leito da graciosa Nocência. Se achardes no *Sertão* muito sertão, lembrai-vos que ele é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros. Os que parecem outros um dia é que estavam escondidos em si mesmos. Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos, talvez haja nela um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura do Messias. Outro Coelho Neto, se tiver igual talento, pode dar-nos daqui a um século um capítulo interessante, estudando o fervor dos bárbaros e a preguiça dos civilizados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais fácil tê-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, relíquia dos Canudos, celebre o centenário dessa finada seita.<sup>186</sup>

Machado de Assis, desta forma, elencava algumas características com que se simbolizava o sertão no final do século XIX. Primeiramente, era um quadro de uma vida “que não tem nada de fim-de-século”, estabelecendo, assim, uma antinomia fundamental – o sertão era o estrangeiro, uma alteridade radical da vida moderna que se

---

<sup>186</sup> ASSIS, Machado de. A Semana, 14 de fevereiro de 1897. *Gazeta de Notícias*. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, Vol. III, 1994.

levava na capital fluminense.<sup>187</sup> A paisagem sertaneja era de natureza, de floresta, riacho e bicho, onde o homem vivia com simplicidade, com seus rudes costumes. Lugar da autenticidade da vida, cujas histórias davam ao homem da cidade descanso de suas tribulações e enganos. E por fim, lugar do encontro dos civilizados com o reino bárbaro, o sertão “é infinito”, local de encontro do homem consigo mesmo.

Essa representação do sertão, lembrado o contexto de fim de século onde a emergência do ideal moderno comandava as perspectivas, torna-se uma espécie de antinomia. A sua natureza talvez possa ser buscada no desconforto com o ambiente que se criava com a modernização. Sobretudo dentro da posição de engenheiro, profissão por excelência da modernidade, Euclides da Cunha vislumbrava o teor das mudanças que ocorriam no seu tempo. Decorre daí um arranjo ambíguo, quase contraditório, entre o empenho modernizador, crença no progresso, realização da humanidade pela tutela da ciência, e de outro lado, um anti-modernismo, desejo de fuga para regiões longínquas no tempo e no espaço. O primeiro artigo de Euclides publicado pela imprensa, jornal da agremiação estudantil da Escola Militar da Praia Vermelha, revela neste sentido suas hesitações:

A primavera cinge, no seio azul da mata, um colar de flores e o sol oblíquo, cálido, num beijo ígneo, acende na fronte granítica das cordilheiras uma auréola de lampejos... por toda parte a vida...; contudo uma ideia triste nubla-me este quadro grandioso – lançado para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza...

Uma ruga sim!... Ah ! Tachem-me muito embora de antiprogredista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: - o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade não vive sem ela. Sim, meus colegas, não será dos céus que há de partir o grande “Basta”(botem *b* grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida; mas sim de Londres; não finar-se-á o mundo ao rolar a última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra...<sup>188</sup>

A perspectiva de uma calamidade provocada pelo avanço civilizatório, capaz de findar a comédia humana, demonstra o impacto das mudanças. Sendo a cidade o centro irradiador da modernização, o campo torna-se imagem de seu contrario, reduto

---

<sup>187</sup> SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2003. pp. 36-94.

<sup>188</sup> Em Viagem. *O Democrata*, 4. Abr. 1884. CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Vol. 1. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. p. 804.

onde se abriga do desassossego da civilização.<sup>189</sup> Como dizia Machado de Assis, na crônica acima referida, “histórias sertanejas dão acesso não sei que gosto de ir descansar, alguns dias, da polidez encantadora e alguma vez enganadora das cidades”<sup>190</sup>. Em um poema chamado *As Catas*, datado de 1895 (portanto dois anos antes de ir como repórter cobrir a Guerra de Canudos), Euclides da Cunha desenhava a situação de uma “alma moderna” entre a cidade e o sertão.

Que outros adorem vastas capitais / Aonde, deslumbrantes, / Da Indústria e da Ciência as triunfais / Vozes se erguem em mágico concerto; / Eu não, eu prefiro antes / As catas desoladoras do deserto / Cheias de sombra, de silêncio e paz... / Eu sei que a alma moderna – alta, e feliz, / E grande, e iluminada, / Não pode sofrer estes febris / Assomos curiosos que a endouecem / De ir ver, emocionada, / Os milagres da Indústria em Gand ou Essen / E a apoteose do século – em Paris! / Não invejo, porém, os que se vão / Buscando, mar em fora, / De outras terras a esplêndida visão... / Fazem-me mal as multidões ruidosas / E eu procuro nesta hora, cidades que se ocultam majestosas / Na tristeza solene do sertão.<sup>191</sup>

Tal relação antinômica entre a cidade e o sertão, além de espacial é também temporal. O sertão é o lugar do tempo de antes, do qual só restam ruínas.<sup>192</sup> Essencialmente sinal de distância, no tempo e no espaço, estas características serão encontradas também em *Os Sertões*. Contudo, passam a demonstrar peça chave para o sentido da narrativa da guerra. O embate entre a República contra os sertanejos de Canudos foi, desta forma, entendida por Euclides da Cunha como um drama histórico, no qual o passado – o sertão – encontrava o futuro – a civilização.<sup>193</sup>

---

<sup>189</sup> No poema *Tiradentes*, de Euclides da Cunha, há uma imagem exatamente neste sentido. “(...) **Foi lá nesses sertões, virgens ainda / Do beijo frio e torvo do Progresso** / Foi lá, onde se sente – grande e belo - / Vago – indizível – o mistério enorme / E formidável do Primeiro Dia... (...)” CUNHA, Euclides da. *Tiradentes...* In: CUNHA, Euclides da. **Poesia Reunida**. Org. Leopoldo M. Bernucci, Francisco Foot Hardman. São Paulo : Editora UNESP 2009. pp. 92-98.

<sup>190</sup> ASSIS, Machado de. *Op. Cit.*

<sup>191</sup> *As Catas* (II). In: CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, 2009. pp. 272-275.

<sup>192</sup> Na continuação do poema, as cidades do sertão são apresentadas como necrópoles, sítios abandonados, ruínas das catas de mineração, pelas quais passaram os bandeirantes “nas marchas triunfais pelos sertões”. p. 272-275. Cf. HARDMAN, Francisco Foot. *Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides*. In: **Vingança Da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazonia e a literatura moderna. São Paulo: Ed. Unesp, 2009. pp. 113-130.

<sup>193</sup> Sintetizando a produção discursiva sobre a guerra de Canudos, Dawid Danilo Bartelt atesta a ambivalência do valor simbólico do espaço sertanejo, capaz de criar um distanciamento que possibilita a reflexão ética. “Nesta ambivalência constitutiva do sertão para as concepções de nação, há um ponto de apoio para futuras pesquisas comparativas. Pois é provável que a maioria dos Estados-nação conheça ou tenha conhecido um *hinterland* que durante a construção do Estado-nação desempenhou uma função dupla: como espaço de (difícil) homogeneização e modernização, paradigmático para o avesso da nação ideal; e como espaço mítico, depósito de símbolos de uma autenticidade pré-moderna e da crítica do processo de construção do Estado-nação. Um espaço em que se encontram outras culturas, mal

## A NOSSA VENDÉIA

O primeiro pronunciamento público de Euclides da Cunha sobre a guerra de Canudos foi por meio de dois artigos homônimos intitulados *A nossa Vendéia*, publicados no Estado de São Paulo em 14 de março e 17 de julho de 1897. Neles encontramos interesses por temas e perspectivas semelhantes com o futuro livro de 1902. De modo que estes artigos formam uma espécie de protótipo de *Os Sertões*, já esboçando uma caracterização do sertanejo que será mantida no livro.

A ideia que dá título aos artigos postulava uma equiparação entre a revolta de Vendéia, ocorrida durante a Revolução Francesa, e o conflito no interior da Bahia. Os atores seriam semelhantes, camponeses que defendiam a monarquia, e assim representavam uma ameaça contra-revolucionária para a República. A comparação com a revolta francesa será, com efeito, encontrada dentro do livro posterior, e indica, por si, um pensamento histórico no qual Euclides situava a proclamação da República brasileira como um evento revolucionário, que marcava a entrada histórica do país nos rumos políticos e institucionais modernos. Como vimos, o ideal de progresso e desenvolvimento era parte de suas concepções. O conflito Canudos era interpretado, em princípio, como obstáculo para a consolidação de um país civilizado.

É notório que nos dois artigos fale o homem de ciências. Subtraindo o comentário de pormenores da guerra, o autor prefere discorrer em termos das ciências geofísicas sobre as características da região onde ocorria o conflito. Como que mediando para o público leitor de jornal o alto saber da ciência, o raciocínio levava em conta os fatores climáticos, geológicos, botânicos, na tentativa de esclarecer os fatos da guerra. Os problemas que as tropas republicanas enfrentavam no combate eram, desta forma, explicados pelas características do terreno. Em suas próprias palavras, em que fica evidente a linguagem do técnico a emitir um juízo crítico, a aridez da zona da caatinga explicava o estorvo que abatia os soldados:

---

conhecidas e mal explicáveis; um espaço de regime de tempo diferente; um espaço que a organização de poder não segue as letras da constituição. Um espaço em que se revela o lado ‘bárbaro’ do observador que se crê estar no centro do progresso.” BARTELT, Dawid Danilo. *Op. Cit.* p. 346.

Pertencente ao sistema huroniano ou antes erigindo-se como um terreno primordial indefinido entre aquele sistema e o laurenciano, pela ocorrência simultânea de quartzitos e gnaisses graníticos característicos, o solo daquelas paragens, arenoso e estéril, revestido, sobretudo nas épocas de seca, de vegetação escassa e deprimida, é, talvez mais do que a horda dos fanatizados sequazes de Antônio Conselheiro, o mais sério inimigo das forças republicanas.<sup>194</sup>

Valia-se também dos conhecimentos topográficos, levantados por Teodoro Sampaio, e recorria aos cientistas viajantes que já haviam percorridos os sertões da Bahia, Saint-Hilaire, José C. de Carvalho e Joaquim Monteiro Caminhoá, para incrementar seu artigo.

Após a descrição da terra, examinava os costumes dos homens que a habitavam. O *vaqueiro* era seu tipo, por excelência. A prática da vaquejada definia a feição da vida naquela região. Assim, a terra e o homem do sertão de Canudos, vindo a tona por ocasião da guerra ganhavam contornos de um estudo com pretensão científica:

É sobre estes tabuleiros, recortados por inúmeros vales de erosão, que se agitam nos tempos de paz e durante as estações das águas, na azáfama ruidosa e álcacre das *vaquejadas* os rudes sertanejos completamente vestidos de couro curtido – das amplas *perneira* ao chapéu de abas largas – tendo a tiracolo o laço ligeiro a que não escapa o garrote mais arisco ou rês alevantada, e pendente, à cinta, a comprida *faca de arrasto*, com que investe e rompe intrincados cipoais.<sup>195</sup>

O autor sublinha os termos regionais, *vaquejadas*, *perneira*, *faca de arrasto*, demonstrando serem objetos tanto estranhos como elementos do típico que cabia distinguir. O homem estava ligado à terra; esta o moldava à imagem de suas características:

Identificados à própria aspereza do solo em que nasceram, educados numa rude escola de dificuldades e perigos, esses nossos patrícios do sertão, de tipo etnologicamente indefinido ainda, refletem naturalmente toda a inconstância e toda a rudeza do meio em que se agitam.<sup>196</sup>

O meio em que viviam determinava as características do homem, o cenário particular dava forma a um homem que se lhe assemelhasse. A descrição dos costumes do sertanejo é determinada pelos fatores ambientais em que vive:

---

<sup>194</sup> CUNHA, Euclides da. *A nossa Vendéia*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 de março, 1897. In. CUNHA, Euclides da. **Obra Completa**. V.II, 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. p.498.

<sup>195</sup> *Ibidem*, pp. 499-500.

<sup>196</sup> *Ibidem*, p. 500.

Vestido de couro curtido, das alparcatas sólidas ao desgraçoso chapéu de abas largas e afeiçoado aos arriscados lances da vida pastoril, o *jagunço* traiçoeiro e ousado, rompe-os, atravessa-os, entretanto, em todos os sentidos, facilmente, zombando dos espinhos que não lhe rasgam sequer a vestimenta rústica, vingando célere como um acrobata as mais altas árvores, destramando, destro, o emaranhado dos cipoais. Não há persegui-lo no seio de uma natureza que o criou à sua imagem – bárbaro, impetuoso e abrupto.<sup>197</sup>

Os comentadores concordam em atribuir tal concepção determinista às leituras de Herbert Spencer e, especialmente, Hippolyte Taine, que na sua *História da Literatura Inglesa (Histoire de la littérature anglaise)* de 1864, defendia o determinismo do meio sobre as formações sociais e culturais.<sup>198</sup> Enfim, depois de definidos o meio e os costumes, surgia o sentido histórico do conflito. Canudos era a Vendéia brasileira:

O homem e o solo[sertanejos] justificam assim de algum modo, sob um ponto de vista geral, a aproximação histórica expressa no título deste artigo. Como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império.<sup>199</sup>

A comparação cria um nexu histórico entre o passado e o presente. Ao comparar com o evento de 1793, a revolta de Vendéia, temporalizava-se o evento presente, colocando-o sob perspectiva histórica. O conflito presente, ao ser referido ao conflito passado, assumia seu sentido histórico.<sup>200</sup> A Revolução Francesa, que marcava a queda do Antigo Regime e o início uma nova era. A República de 1889 representava a revolução brasileira, abandono de seu antigo quadro monárquico, colonial, e inserção do país no novo modelo político. Tal como a grande Revolução enfrentara obstáculos, o novo regime brasileiro encontrava os seus.

---

<sup>197</sup> *Ibidem*, p. 502.

<sup>198</sup> BERNUCCI, Leopoldo M. **A Imitação dos Sentidos: Prógonos, Contemporâneos e Epígonos de Euclides da Cunha**. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

<sup>199</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* v. II, 2009, p. 500.

<sup>200</sup> Havia, ademais, o eco de um romance histórico informando o autor. *Noventa de Três*, de Victor Hugo, também relacionava a revolta de Vendéia com o meio ambiente, no caso uma floresta. Hugo escrevera: “A Vendéia é a revolta-padre. Essa revolta teve como auxiliar a floresta” HUGO, Victor. **Noventa e Três**. Lisboa : Amigos do Livro editores, [s.d]. Figurando no romance de Vitor Hugo como revolta fundamental para se entender a história da Revolução Francesa, Leopoldo Bernucci defende que o livro influenciou a visão histórica de Euclides quanto a guerra de Canudos. Cf. BERNUCCI, Leopoldo. *Op. Cit. p.* O trabalho de Raimundo Nonato analisa extensivamente a influência do imaginário da Revolução Francesa em Euclides da Cunha, concluindo que o autor não apenas hauriu de Victor Hugo mas dos clássicos da historiografia francesa do século XIX, como Henri Martin, Jules Michelet, Thiers, Thierry, Taine. Cf. MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **E Canudos era a Vendéia... O imaginário da Revolução Francesa na construção da narrativa de Os Sertões**. São Paulo : Annablume, 2009.

A mesma coragem bárbara e singular e o mesmo terreno impraticável aliam-se, completam-se. O *chouan* fervorosamente crente ou o *tabaréu* fanático, precipitando-se impávido à boca dos canhões que tomam a pulso, patenteiam o mesmo heroísmo mórbido difundido numa agitação desordenada e impulsiva de hipnotizados.

A justeza do paralelo estende-se aos prósperos reveses sofridos. A Revolução Francesa que se aparelhava para lutar com a Europa, quase sentiu-se impotente para combater os adversários impalpáveis da Vendéia – heróis intangíveis que se escoando céleres através das charnecas prendiam as forças republicanas em inextricável rede de ciladas...

Entre nós, como vimos, sob um outro aspecto embora, presta-se aos mesmos fins.

Este paralelo será, porém, levado às últimas consequências. A República sairá triunfante desta última prova.<sup>201</sup>

O processo histórico francês era o modelo da constituição do novo regime. A história fornecia o sentido aos fatos presentes. A guerra e a suposta vitória do exercito Republicano significavam um passo na trilha da história nacional, o fortalecimento dos laços pátrios, do sentimento de pertencimento a uma nação.<sup>202</sup> Estado e nacionalidade forneciam perspectivas do que se deveria constituir. A guerra, que era entendida como um obstáculo a ser superado, assumia seu significado histórico ao ser entendida em relação ao futuro. Esse futuro era assim prognosticado:

Mas, amanhã, quando forem desbaratadas as hostes fanáticas do Conselheiro e descer a primitiva quietude sobre os sertões bahianos, ninguém conseguirá perceber, talvez, através das matas impenetráveis, coleando pelo fundo dos vales, derivando pelas escarpas íngremes das serras, os trilhos, as veredas estreitas por onde passam, nesta hora, admiráveis de bravura e abnegação – os soldados da República.<sup>203</sup>

Os soldados da república, voltando triunfantes do conflito, simbolizavam a consolidação do regime, e destino histórico para a consolidação da nação. As colunas do general Arthur Oscar podiam ser comparadas também com a movimentação de outras nações, em expansão colonialista na África e Oriente. Era o auge do Imperialismo, e Euclides da Cunha certamente tinha seu contexto em consideração.<sup>204</sup>

---

<sup>201</sup> CUNHA, Euclides da. *A nossa Vendéia*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 de março, 1897. In: *Op. Cit v. II*. p.500.

<sup>202</sup> Desse modo, Euclides escrevia, num arroubo de fascínio pela paisagem da Bahia, “é a admiração perene e intensa pela nossa natureza olímpica e fulgurante, prefigurando na estranha majestade e grandeza da nossa nacionalidade futura”. Reportagem de guerra, Bordo do Espírito Santo, 7 de agosto de 1897. Para o Estado de São Paulo. In: *Op. Cit v. II*. p. 505.

<sup>203</sup> CUNHA, Euclides da. *A nossa Vendéia [II]*. O Estado de São Paulo, São Paulo, 17 de julho, 1897. In: *Op. Cit v. II*. p.504.

<sup>204</sup> Como se demonstra pelo trecho a seguir, a comparação com as nações europeias tinha seu sentido – era a luta contra a barbárie. “Esquecemo-nos de exemplos modernos eloquentíssimos. A Inglaterra enfrentando os zulus e os afgãs, a França em Madagáscar e a Itália recentemente, às arrancadas com os abissínicos, patenteiam-nos entretanto reveses notáveis de exército regulares aguerridos e bravos e

Haurindo do passado o modelo de interpretação dos fatos presentes, estes tomavam sentido na história. A civilização era o futuro almejado, trilha que parecia estar sendo percorrida pelas nações modernas.

Por fim, cria-se um distanciamento histórico em relação ao sertanejo. Em uma frase lançada no artigo *A nossa Vendéia*, de 17 de julho de 1897, situa-se, assim, o sertanejo no passado: “O jagunço é uma tradução justalinear quase do *iluminado* da Idade Média”<sup>205</sup>. Ao que segue a equiparação das qualidades do jagunço com o místico medieval: “O mesmo desprendimento pela vida e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo”. A princípio, a comparação do sertanejo com o homem medieval tem sentido depreciativo. Seu sentido só se completa tendo em vista um modelo de homem correto, prudente, contido e sensato nos termos da ordem civilizada – seu termo antitético. A contraparte do bárbaro poderia encontrar seu melhor exemplar no soldado disciplinado na organização moderna do exército. De fato, tanto nas reportagens como em *Os Sertões*, a Guerra de Canudos, assume o sentido de um embate entre um projeto civilizador e um entrave pré-moderno, avesso ao tipo de sociedade que se constituía.

A contraposição é de ordem histórica. Os refratários contra a ponta de lança da História. Essa capacidade de criar uma representação que temporaliza o sertanejo é o interessante. A historicidade atribuída ao jagunço pode ser lida como sintoma da consciência histórica do autor. E esta, por sua vez, é responsável pela representação que Euclides faz do sertanejo. A lógica é circular. O passado é lido tendo em vistas as preocupações do presente com o futuro; com o futuro que se almeja recorre-se ao passado para se explicar o presente – nesse procedimento da consciência histórica o sentido histórico cumpre a função de orientar o presente.<sup>206</sup>

---

subordinados a uma disciplina incoercível, ante os guerrilheiros inexpertos e atrevidos, assaltando-os em tumulto, desordenadamente e desaparecendo, intangíveis quase, num dédalo impenetrável de emboscadas.” *Ibidem*, p.501

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 503.

<sup>206</sup> Segundo Jörn Rüsen, esta lógica é característica do pensamento histórico moderno, nas palavras do autor “o passado está vivo por causa do seu significado histórico para os projetos de futuro do presente; e o presente, por sua vez, está vivo porque a apropriação cognitiva do passado resulta numa interpretação histórica da emergência do presente (Gewordensein)” RÜSEN, Jörn. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história. In: SALOMON, M. (org.) **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC : Argos, 2011. p.270.

Esta relação histórica permanecerá central em *Os Sertões*. O encontro em termos espaciais, entre a cidade e o sertão, transfunde-se em termos temporais, entre o passado e o presente. Entre o moderno e o sertão, colocava-se em causa os problemas do homem, questionando sua finalidade e lugar sobre a terra.

### CAPÍTULO 3 - O SERTÃO ARCAICO - NARRATIVA, TEMPO E HISTÓRIA.

Entraremos agora propriamente na tessitura narrativa de *Os Sertões*, após ter estudado no primeiro capítulo o contexto histórico do autor e seu papel diante da modernização brasileira no final do século XIX; no segundo capítulo, o lugar do sertão como espaço simbólico de representação do conflito entre o antigo e o moderno, e a primeira atribuição de sentido histórico feita por Euclides da Cunha à Guerra de Canudos, nos dois artigos publicados sob o título de *A Nossa Vendéia*. Esses dois vetores de abordagem – o moderno e o sertão, estudados nos capítulos anteriores, devem ser agora entrelaçados. *Os Sertões*, portanto, deve ser entendido como uma obra em que se juntam o contexto de modernização brasileira com o olhar para o interior, espaço do desconhecido, da evasão, e do antigo. No centro da obra, o acontecimento, o conflito no interior da Bahia, deu ensejo à reinterpretação da história brasileira que a obra propõe.<sup>207</sup> O objetivo deste capítulo é entender a função narrativa de prover sentido a experiência do tempo, estudando como história e tempo convergem no livro de Euclides da Cunha.<sup>208</sup>

No texto de *Os Sertões*, identificamos os elementos constituintes de sentido histórico, selecionando analiticamente àqueles que explicitam a ordenação do tempo no seu constructo linguístico. O argumento central do livro, desde o início, é uma resposta\reação ao conflito no interior dos sertões da Bahia, a Campanha de Canudos. O livro surge como reelaboração dos artigos escritos enquanto o autor servia como correspondente de guerra ao jornal *O Estado de São Paulo*.<sup>209</sup> Entre o fim do conflito o

---

<sup>207</sup> ZILLY, Berthold. Uma construção simbólica da nacionalidade num mundo transnacional: *Os Sertões* de Euclides da Cunha, cem anos depois. In: CUNHA, Euclides da. **Obra Completa**: volume 1. Organizado por Paulo Roberto Pereira, 2ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. pp. LXX – XC.

<sup>208</sup> Cf. RÜSEN, Jörn. A Constituição narrativa do sentido histórico. (Apêndice à edição brasileira). In: **Razão histórica**: teoria da história. Fundamentos da ciência histórica. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 2001. pp. 149 – 174. RÜSEN, Jörn. **História Viva**: teoria da história. Formas e funções do conhecimento histórico. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2007.

<sup>209</sup> Nomeados como *Diário de uma expedição* a coleção que reúne os telegramas e reportagens enviadas ao Jornal O Estado de São Paulo, e *Carderneta de Campo*, uma caderneta remanescente utilizada para os

ano da publicação do livro, 1897 – 1902, o autor revisou sua visão previamente estudada, em uma narrativa mais complexa. O intuito do autor era esclarecer as causas do conflito, para efeito de superação dos entraves na construção do futuro.<sup>210</sup> Há, assim, em todos os momentos, passando como que sub-repticiamente ao texto, o entrelaçamento do presente, passado, e futuro.

## POSIÇÃO DO NARRADOR

A posição que o narrador assume no começo do livro é extremamente reveladora da ordem narrativa predominante em todo o livro. Logo em sua *Nota Introdutória*, Euclides expõe como sua tarefa a narração da guerra de Canudos, explicando sinteticamente todos as teses subjacentes à obra que se segue. É difícil não atentar para a definição de sua posição como narrador da história.

Não é mero acaso que o tradutor da obra *História*, de Heródoto, Mario da Gama Kury, faz uma comparação entre o autor grego e o livro aqui estudado. Segundo Kury, os enredos são similares pela dimensão que o conflito dentro de cada obra assume. No caso de Heródoto, o conflito entre o Império Persa e toda a Hélade é o fio que gera as histórias. Nas palavras de Kury, “temos entre nós um exemplo comparável, mantidas as proporções: a arte de Euclides da Cunha transformou a história de um acontecimento secundário – o fanatismo e a rebeldia de Antônio Conselheiro – numa obra prima.”<sup>211</sup>.

---

esboços e anotações, contendo trechos utilizados tanto nas reportagens como pensamentos aproveitados na escrita do livro. CUNHA, Euclides da. **Obra Completa**: volume 2. Organizado por Paulo Roberto Pereira, 2ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. pp. 497 - 759.

<sup>210</sup> Cf. a Nota Introdutória, em todos os casos bastante reveladora das intenções que presidem o restante da obra. CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo : Brasiliense, 1985. [1902]. Pp. 85 – 86.

<sup>211</sup> HERÓDOTOS. **História**. Livro I. Trad. Mario da Gama Kury. 2.ed. Ed. Universidade de Brasília, 1988. p. 16.

Nos *Sertões*, especificamente na nota à sua segunda edição, publicada em 1903, não é a Heródoto que Euclides da Cunha recorre, mas à Tucídides. Nesta nota, ele esclarece sua posição como narrador, revelando-se como crítico da conjectura de seu presente e como um narrador histórico que seguia a verdade, sem falsificar os testemunhos que lhe serviram de informação, conforme os ensinamentos do historiador grego da guerra do Peloponeso:

Não tive o intuito de defender os sertanejo porque este livro não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque.<sup>212</sup>

Ataque franco e, devo dizê-lo, involuntário. Nesse investir, aparentemente desafiador, com os singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticuezas, obedeci ao rigor incoercível da verdade. Ninguém o negará.

E se não temesse envidar-me em paralelo que não mereço, gravaria na primeira página a frase nobremente sincera de Tucídides, ao escrever a história da guerra do Peloponeso – porque eu também, embora sem a mesma visão aquilina, escrevi

“sem dar crédito as primeiras testemunhas que encontrei nem às minhas próprias impressões, mas narrando apenas os acontecimentos de que fui espectador ou sobre os quais tive informações seguras” 27-04-1903. Euclides da Cunha<sup>213</sup>

Afirma-se, assim, o compromisso com a verdade, enquanto o narrador parece eximir-se de qualquer pretensão à ficcionalidade ou literatura. Parece, antes, que assegura sua posição como narrador da história de Canudos, fazendo os votos de apresenta-la com “a mesma visão aquilina” de Tucídides. De fato, essa nota vem, na segunda edição, reforçar a posição pretendida desde o início da obra e de sua primeira edição. Intenção que é explicitada na sua *Nota Introdutória*, ao definir seu mister como esboço dos traços “atuais” das “sub-raças sertanejas do Brasil”, porque defronte a tantos fatores a causar-lhes instabilidade, tornar-se-iam “talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização(...)”<sup>214</sup>.

Se voltarmos à comparação com Heródoto, podemos entender que o livro parece especialmente interessado em registrar os desaparecimento dos sertanejos e a ruína de um mundo, o sertão ignoto. Assim, a história que se conta é destinada a salvar os desaparecidos – relembrando uma tópica que se encontra na abertura da *História*,

---

<sup>212</sup> O “ataque” seria contra a ordem e rumo da República, que participara no conflito de Canudos como “mercenários”, em favor da causa da civilização, que Euclides da Cunha interpretava como ingerência de padrões externos aplicados às gentes e coisas da terra.

<sup>213</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, 1985. pp.583-584.

<sup>214</sup> *Ibidem*, p. 85.

“para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo”<sup>215</sup>. Nesse sentido, a narrativa de Euclides tem a função de guardar os feitos dos homens do esquecimento. Guardar o mundo que existia antes que a guerra arrasasse o cenário, deixando apenas os mortos e as ruínas no chão. Francisco Foot Hardmann dedicou um estudo a esse tema, mostrando como a poética narrativa de Euclides da Cunha busca registrar os momentos, ao mesmo tempo que prefigura seu desaparecimento eminente, pela passagem inexorável do tempo.<sup>216</sup> Tanto em *Os Sertões*, como em poemas líricos e artigos, encontra-se presente esta tópica para o autor, que Hardman chama de poética das ruínas.<sup>217</sup> O sentido último desta, pois, seria, a tarefa de reencontrar, ou, representificar o passado perdido.

Os sertões são o espaço de uma história, e essa história é a da Campanha de Canudos. Pois, seu desígnio de escrever a história de Canudos é coroado com uma citação de Hippolyte Taine, com que fecha a Nota Explicativa, como que expondo seu próprio método e subscrevendo sua posição como narrador –

E tanto quanto o permitir a firmeza do nosso espírito, façamos jus ao admirável conceito de Taine sobre o narrador sincero que encara a história como ela o merece:

... “il s’irrite contre les demi-verités qui sont des demi-faussetés, contre les auteurs qui n’altèrent ni une date, ni une généalogie, mais dénaturent les sentiments et les moeurs, qui gardent le dessin des événements et em changent la couleur, qui copient les faits et défigurent l’âme: il veut sentir em bárbare, parmi les barbares, et, parmi les anciens, en ancien.”<sup>218</sup>

Euclides da Cunha, São Paulo – 1901.<sup>219</sup>

Conquanto Hippolyte Taine fosse um conhecido positivista, o trecho extraído de seu *Essai sur Tite Live*, diz mais sobre um narrador empático, quase como numa atitude antropológica que se desvia do etnocentrismo.<sup>220</sup> Embora tal empatia do narrador

---

<sup>215</sup> HERÓDOTOS. *Op. Cit.* Livro I, p. 19.

<sup>216</sup> HARDMAN, Francisco Foot. **Vingança Da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

<sup>217</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Os Sertões* como poética das ruínas. In: *Op. Cit.* pp. – 131 – 138.

<sup>218</sup> Tradução. “Ele se irrita contra as meias verdades que são meias falsidades, contra os autores que não alteram nem uma data, nem uma genealogia, mas desnaturam os sentimentos e os costumes, que conservam o desenho dos acontecimentos mudando-lhes a cor, que copia os fatos desfigurando a alma: quer sentir como bárbaro entre os bárbaros e, entre os antigos, como antigo.”

<sup>219</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, 1985. p. 86.

<sup>220</sup> Cf. Segundo Lévi-Strauss, essa posição antropológica, a que o extrato de Taine se assemelha, é uma corrente que se origina de Rousseau. LEVI-STRAUSS, Claude. Jean Jacques Rousseau, fundador das

esteja presente quando o caso for o sertanejo e seus costumes<sup>221</sup>, seria um exagero considerá-la a luz da crítica etnocêntrica feita pela antropologia acadêmica no século XX. Os *Sertões* permanece marcado pelas teorias raciais, sociologia positivista, diagnoses psiquiátricas, típicas do contexto intelectual do final do século XIX.<sup>222</sup> No caso da citação de Taine, aparenta-se eximir-se à fidelidade aos fatos em favor de uma empatia narrativa, como se mais importante do que seguir rigorosamente os dados, fosse a posição cordial do autor em relação ao *outro*. Advertência, ademais, que lembra ao leitor que embora tal empatia ocorra, ele o autor, continua como o observador sincero da história.

Consideramos, assim, apenas o elemento temporal, mas é significativo que as ruínas, o deserto, o caminho do sertão, tragam o elemento espacial para o conjunto. Constitui-se, portanto, uma narrativa “necessariamente melancólica da contemplação das ruínas, ou na viagem como método de pesquisa estética, arqueológica, antropológica, histórico-natural e humana, ‘ecológica’, (...) e toda essa experiência não separada dos fragmentos cósmicos de Humboldt”.<sup>223</sup> Esse amalgama de contemplação do espaço e lamento pela passagem do tempo resulta no texto do livro, considerado em seu todo como “tensão não resolvida entre o núcleo ensaístico-dissertativo-explicativo e o acervo de imagens literárias comuns a vários escritores românticos brasileiros que lhe foram antecessores.”<sup>224</sup>

Durante a narrativa, percorre-se como um viajante os sertões, numa espécie de travessia do espaço, durante a qual o narrador se depara com uma guerra.<sup>225</sup> O relato

---

ciências do homem. In: Antropologia Estrutural Dois. 4. Ed. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1993. pp. 41 – 51.

<sup>221</sup> O trecho mais significativo é certamente III parte de *O Homem*, em que o narrador descreve as cenas dos serões sertanejos, da vida do vaqueiro quando encontra-se com outros nas vilas, quando, então acontecem as cantigas e rodas de desafios dos violeiros. Nesta parte, Euclides da Cunha, inclui pedaços de cantigas sertanejas, anota regionalismos e seus significados, assemelhando-se, portanto, a uma descrição etnológica do homem do sertão. CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* 1985. pp. 179 – 205.

<sup>222</sup> Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** : cientistas, instituições e questão racial no Brasil : 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>223</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* 1985. p. 131. HARDMAN, Francisco Foot. *Op. Cit.*

<sup>224</sup> *Idem.*

<sup>225</sup> Francisco Foot Hardman lembra o débito de Euclides da Cunha com Humboldt e com os viajantes e relatos de ciência do século XIX, caracterizando na narrativa euclidiana a posição de um observador, enquanto um estrangeiro que tanto atravessa o terreno quanto os acontecimentos. *Idem.* A isso concorre um estratagema de composição verbal, percebido por Walnice Nogueira Galvão, no ensaio que acompanha a edição crítica de *Os Sertões*: no decorrer das emendas feitas, pelo autor, nas edições

narrativo é o fio que ata os diversos fragmentos discursivos das ciências a que o autor recorre. Ou seja, é a narrativa que unifica o hibridismo dos discursos sociológicos, antropológicos, psiquiátricos, geográficos, mesológicos, e historiográficos. Tal unidade narrativa deve ficar mais clara quando adentrarmos o núcleo propriamente histórico do livro, para mostrar como o acontecimento da guerra demandou uma explicação que recorreu a diversas ciências para tecer uma história.<sup>226</sup> Não há clara a distinção entre história narrada e história vivida, e em grande medida tal distinção não ocorre para Euclides da Cunha. Nos *Sertões* elas se confundem, como se o escrito poético e a realidade se misturassem. Isso é extremamente interessante, e não merece ser desprezado para tentar se encaixar o autor no esquema científico de representação da história. O composto de narrativa\realidade, portanto, torna-se quase um delírio, no qual as fronteiras entre a escrita e o real se dissolvem. Isso, estranhamente, o levaria, como percebeu Roberto Ventura, a assemelhar-se à Antônio Conselheiro, pois, Euclides articularia a palavra com um tom profético de quem anuncia um sonho revelado.<sup>227</sup> Nesse sentido, a voz profética de Conselheiro teria encontrado a voz racional do engenheiro Euclides da Cunha, assemelhando-se ambos. Ficaria no texto do livro as

---

posteriores, o participio passado é substituído pelo gerúndio. “Esta transformação implica uma opção quanto ao aspecto verbal, categoria que diz respeito à duração. No participio passado, a ação ou estado está terminada, enquanto no gerúndio ela se apresenta em continuidade. É, portanto, no sentido de uma presentificação do epos que esta emenda opera: tudo está acontecendo no momento da leitura, e não no passado.” A composição ortográfica assim, contribui para a mimética do observador que atravessa o espaço e os fatos, e tal travessia se faz justamente na narrativa, enquanto presentes que se sucedem. Diz ainda, Walnice Nogueira Galvão: “assim, esta emenda contribui, e em larga medida, para o efeito de ler-se o processo enquanto ele está ocorrendo, o que é também uma estratégia de envolvimento do leitor. Quando associamos esta emenda às imagens dinâmicas, ou de movimento, tão características do Autor, e à metamorfose de elementos inanimados em sujeitos a que se atribuem sentimentos e iniciativas, percebemos o quanto esta emenda concorrer fortemente para esse efeito global.” GALVÃO, Walnice Nogueira. *A emendatio euclidiana*. In: CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* 1985. p. 79.

<sup>226</sup> Seguimos, aqui o modelo da consciência histórica de Rüsen. Nas palavras do autor, “o homem necessita estabelecer um quadro interpretativo do que experimenta como mudança de si mesmo e de seu mundo, ao longo do tempo, a fim de poder agir nesse decurso temporal, ou seja, assenhorar-se dele de forma tal que possa realizar as intenções de seu agir.” RÜSEN, Jörn, *Op. Cit.* 2001. p. 58. Logo, a consciência histórica é articulada em forma de narrativas históricas, que são constituições do sentido da experiência do tempo. Cf. *Ibidem*, pp. 59;. 155. O tempo é o lugar onde ação e paixão se dão: “O tempo é experimentado, aqui, como perturbação de uma ordem de processos temporais na vida humana prática, como perturbação de uma ordem no qual o homem tem de pensar seu mundo e sua vida, para poder orientar-se corretamente. O conceito-síntese de tal perturbação, que só pode ser controlada mediante esforço próprio de interpretação, é a contingência.” *Ibidem*, p. 60.

<sup>227</sup> Vale dizer, semelhante à figura de Antônio Conselheiro representada em seu próprio livro. Roberto Ventura levanta a tese de ser a figura do Conselheiro um alter ego de Euclides da Cunha, e compara o fato da vida dos dois, estranhamente coincidentes em suas desventuras. VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003. Pp. 287 – 298.

marcas do conflito entre a racionalidade e a demência, ou entre a facticidade positiva e a fantasia.

Isso se encontra com o próprio método de composição formal, que o autor conscientemente utiliza durante o livro. Sem incorrer numa dicotomia entre veracidade\ficcionalidade, como tenta Luiz Costa Lima encontrar no texto euclidiano<sup>228</sup>, a composição resolve-se, no entender de Euclides, como o consorcio de ciência e arte.<sup>229</sup> No texto da conferência pronunciada na ocasião de sua recepção como membro da Academia Brasileira de Letras, em 1906, Euclides da Cunha discorre sobre um método historiográfico, que lança muita luz sobre os procedimentos de sua composição em *Os Sertões*. Trata-se, segundo Euclides, de superar o status em que se encontrava a historiografia brasileira, que a rigor, no entender do autor, sequer existia. “Temos anais como os chineses, e não história”. O seguinte trecho lançará luz sobre está questão:

Porque assim como não temos uma ciência completa da própria base física da nossa nacionalidade, não temos ainda uma história. Não aventuro um paradoxo. Temos anais, como os chineses. À nossa história, reduzida aos múltiplos sucessos da existência político-administrativa, falta inteiramente a pintura sugestiva dos homens e das coisas, ou os travamentos de relações e costumes que são a imprimadura indispensável ao desenho dos acontecimentos. (...).

É talvez certa, torturantemente certa no fixar não sei quantas datas e lugares, ou compridos nomes de bispos e governadores, mas fala-nos tanto da alma brasileira como a topografia nos fala das paisagens. Lendo-a e relendo-a, acode-me sempre o pensamento de Macaulay no demarcar nesta esfera literária um domínio comum da fantasia e da razão, destinado aos eleitos que sejam ao mesmo passo filósofos e poetas; - porque se tivemos um Porto Seguro e um Robero Shouthey para relacionarem causas e efeitos e respigarem nos velhos acontecimentos algumas regras de sabedoria política, certo ainda não tivemos um Domingos Sarmiento ou um Herculano que nos abreviasse a distância do passado e, num evocar surpreendente, trouxesse aos nosso dias os nossos maiores com os seus caracteres dominantes, fazendo-nos compartilhar um pouco as suas existência imortais...<sup>230</sup>

Assim, a citação do narrador sincero de Hippolyte Taine, na Nota Explicativa, vem ao encontro do que nesta conferência, Euclides da Cunha chama de “domínio comum da fantasia e da razão.” Essa esfera, pelo que se desprende do texto, é justamente a tarefa de reelaboração narrativa do passado, “que nos abreviasse a

---

<sup>228</sup> LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**. A construção de Os Sertões. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997. pp. 15 – 24.

<sup>229</sup> *Ibidem*, pp. 127 – 135.

<sup>230</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit. v. 1, 2009*. pp. 116 – 117.

distância do passado”, trabalhada com a arte da poética, sem prescindir do guia da filosofia. E no caso, filosofia e razão são quase sinônimos da ciência positiva, ou do chamado cientificismo característico do final do século XIX.<sup>231</sup> Em termos estritos, é a aderência ao fato positivo, capaz de ser observado e registrado sob forma de experiência empírica. O autor compõe sobre o dado empírico o discurso fantasista, encarregado de criar a estética representacional. A fantasia é correlacionada à arte literária de Sarmiento e Alexandre Herculano – dois escritores cuja literatura trata de recriações de fatos e temas históricos.

Os pontos sempre giram em polaridades: litoral e sertão; progresso do sul e atraso do norte; razão científica e fantasia poética; fato e sonho. Isso é esclarecedor a respeito de uma narrativa onírica, que parece acompanhar o leitor de *Os Sertões*, evidenciando-se, nos momentos apoteóticos da guerra ou na circularidade entre a seca e a afluência das chuvas no sertão, como imagens fantásticas. Um exemplo, entre muitos, extraídos de *A Terra*, numa descrição do espaço quando na época da chuva e de uma cena em que passam o campeiro e boiada:

E o sertão é um paraíso...

Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das caatingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tiguerras, num estrídulo estrepitar de maxilas percutindo, os queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de sob as asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balsedos, à fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente retilíneo, pela caatinga, derribando árvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares na lutas dos fragedos, pulam, alegres, nas macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilhos desgarrados...

Sucedem-se manhãs sem par, em que o irradiar do levante incendiado retinge a púrpura da eritrinas e destaca melhor, engrinaldando as umburanas de casca arroxeadas, os festões multicores das bignônias. Animam-se os ares numa palpitação de asas, céleres, ruflando. – Sulcam-nos notas de clarins estranhos. Num tumultuar de desencontrados voos passam, em bandos, as pombas bravas que remigram, e rolam as turbas turbulentas das maritacas estridentes... enquanto feliz, deslebrado de mágoas, segue o campeiro pelos *arratahores*, tangendo a boiada farta, e entoando a cantiga predileta...

Assim se vão os dias.<sup>232</sup>

---

<sup>231</sup> Sobre o cientificismo no Brasil nesta época, cf. COSTA, Angela Maria da.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo : Companhia das Letras, 2000. pp. 125 – 146.

<sup>232</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, 1985. p. 127.

No caso da guerra, a composição se dá pela leitura das “ordens do dia”, registro oficial das atividades do exército, e das próprias observações do autor no campo, para então as reconstruir narrativamente, com a liberdade do sonho fantástico. No caso das descrições geográficas, o mesmo procedimento, das observações e registros do meio físico para a narrativa da natureza. Em certo momento, pela experiência do deserto, o narrador chega perto de um delírio admitido, nomeando-o, por sinal, de “um sonho de geólogo”<sup>233</sup>, e outrora de “fenômenos óticos bizarros”.<sup>234</sup>

Tal método de composição traduz, na realidade, a preocupação de Euclides da Cunha em forjar uma síntese entre os padrões da ciência racional, produto europeu, e o seu lugar como escritor americano, que está à margem da civilização. Isto é, se o conteúdo de *Os Sertões* busca o entendimento de um episódio da história brasileira, entendido como luta entre a civilização e a barbárie, entre o moderno e o atrasado, com vistas a identificar fatores de formação e identidade nacional capazes de orientação, em seu próprio método de composição se procede buscando a síntese entre a razão e a fantasia. Esta síntese, portanto, se traduziria na junção da ciência racional europeia com a mentalidade da terra, gerando a estética almejada pelo autor. Isto é nos revelado pela carta de Euclides da Cunha à Osório Duque Estrada, onde o autor de *Os Sertões* comenta:

Eu planeei, embora numa síntese imperfeita, caracterizar o contraste até certo ponto providencial entre os dois aspectos preponderantes do espírito brasileiro – a refletir-se no binário constituído, de um lado, pela inteligência do Sul – mais bem aparelhada de um conceito orgânico da realidade; e de outro, pela fantasia poderosa dos nortistas, de onde lhes advém, essencialmente, o gênio poético incomparável(...) Há, na verdade, um abismo entre as tábuas de logaritmos, ou os cálculos massudos das coordenadas astronômicas e as rimas encantadoras dos nossos patrícios sertanejos; e até materialmente, as vistas abreviadas na contemplação dos

---

<sup>233</sup> Trata-se da tese de que no sertão do norte, houvera um mar na era terciária: “E por mais inexperto que seja o observador – ao deixar as perspectivas majestosas, que se desdobram ao Sul, trocando-as pelos cenários emocionantes daquela natureza torturada, tem a impressão persistente de calcar o fundo recém-sublevado de um mar extinto, tendo ainda estereotipada naquelas camadas rígidas a agitação das ondas e das voragens...” *Ibidem*, p. 103.

<sup>234</sup> Como que confirmando a hipótese de um mar terciário ter existido outrora na região, a miragem desértica produz a imagem fantástica de tal fato: “Do topo da Favela, se a prumo dardejava o Sol e a atmosfera estagnada imobilizava a natureza em torno, atentando-se para os descampados, ao longe, não se distinguia o solo. \ O olhar fascinado perturbava-se no desequilíbrio das camadas desigualmente aquecidas, parecendo varar através de um prisma desmedido e intáctil, e não distinguia a base das montanhas, como que suspensas. Então, ao norte da Canabrava, numa enorme expansão dos plainos perturbados, via-se um ondular estonteador; estranho palpar de vagas longínquas; a ilusão maravilhosa de um seio de mar, largo irisado, sobre que caísse, e refrangesse, e ressaltasse a luz esparsa em cintilações ofuscantes...” *Ibidem*, p. 113.

traços quase apagados dos velhos mapas cegam-se, ofuscadas diante dos esplendores daquela natureza deslumbrante.<sup>235</sup>

O tema de uma historicidade atribuída ao jagunço e ao sertão, trabalhado no segundo capítulo, aqui se encontra novamente com o par de oposições entre a modernização no sul do país, centro da racionalidade, da inteligência, e mentalidade capaz de se adaptar à civilização, e o gênio poético do sertanejo, homem por certo sobrevivente do passado, cuja mentalidade seria incompatível com as abstrações da ciência. Isso coloca Euclides da Cunha no centro de seu contexto histórico, como “intelectual” da chamada Geração de 1870, que segundo Nicolau Sevcenko, estava “comprometida com uma plataforma de modernização e atualização das estruturas “ossificadas” do Império baseando-se nas diretrizes científicas e técnicas emanadas da Europa e dos Estados Unidos.”<sup>236</sup> A base de apoio desses intelectuais estava no poder econômico e político, gerado pela fortuna do café no Sudeste do Brasil.<sup>237</sup> Inserindo-se o país num ritmo de mercado ditado pela Segunda Revolução Industrial, gerou-se um conjunto de transformações sociais que, segundo Sevcenko, desestabilizaram a sociedade e a cultura enraizadas. O episódio de Canudos é entendido, por Sevcenko, como o sintoma “mais nítido e mais excruciante” do processo de modernização dessa fase.<sup>238</sup> Euclides da Cunha, portanto, situa-se na posição de um “intelectual” entre o passado e o futuro, ou seja, entre o modo de ser enraizado no sertão, herdado da colonização, e o projeto de transformação do homem brasileiro na imagem da civilização industrial. Em sua obra, buscou encontrar a síntese dessa posição. Antonio Mitre chamou tal posição de dilema do centauro, “isto é, da História irremediavelmente cindida entre sua ancestral metade ideográfica e seu flanco moderno, fertilizado pelo ímpeto nomológico do Oitocentos.”<sup>239</sup> A sua posição como narrador, podemos assim entender, como característica do “intelectual” americano, que opera no híbrido entre o

---

<sup>235</sup> CUNHA, Euclides. *Op.cit.* v.1, 2009. p. 1062.

<sup>236</sup> SEVECENKO, Nicolau Introdução. O Prelúdio Republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo : Companhia das Letras, 1998. p. 14.

<sup>237</sup> *Ibidem*, p. 16.

<sup>238</sup> *Idem*.

<sup>239</sup> MITRE, Antonio. **O Dilema do Centauro**. Ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2003. p. 9.

modo de viver concreto de sua própria terra e o projeto universalista e abstrato da civilização moderna.<sup>240</sup>

## HISTÓRIA E TEMPO

Vimos como a forma narrativa de Euclides da Cunha em *Os Sertões* lida, em sua natureza, com o dilema entre o facticidade e sua reconstrução poética. O resultado é a própria narrativa, a tessitura do enredo e das palavras do livro.<sup>241</sup> Veremos a seguir o núcleo constitutivo do argumento histórico do livro, estudando a representação do lugar atribuído ao sertanejo no tempo da História.

Primeiramente, cabe entender que Euclides da Cunha compartilha com seu contexto cultural uma ideia evolutiva de civilização, que se traduz como a grande narrativa da História rumo ao progresso e auto-realização da humanidade. Por herança positivista, tal evolução obedeceria a sucessão de estágios históricos ascendentes, da barbárie primitiva ao topo da civilização alcançado pela modernidade europeia.<sup>242</sup> O autor opera um hibridismo das teorias científicas de seu tempo, porém para Frederic Amory ressalta-se a influência de Herbert Spencer.<sup>243</sup> De toda forma, a grande História

---

<sup>240</sup> Na bibliografia sobre a questão, geralmente trate-se de falar no hibridismo dos autores latino-americanos, expressada sobretudo no ensaísmo americano “Equilibrando-se entre a intuição poética e a reflexão filosófica, o ensaio, de longa tradição na cultura ocidental, repassa trajetória, insinua caminhos, mas não chega a percorrê-los plenamente, e é assim que, fiel à sua vocação mediana, acaba por tornar-se, nas palavras de Picón-Salas, ‘uma ponte entre o mundo das imagens e dos conceitos’”. MITRE, Antonio. *Op. Cit.* p. 9. Cf. também WEINBERG, Liliana. **El ensayo, entre el paraíso y el infierno**. México : Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo de Cultura Económica, 2001.

<sup>241</sup> Sobre a tessitura do enredo, ou intriga, Paul Ricoeur a entende como “unidade de sentido”, que conjunta os fatores heterogêneos em causa e os coordenados num todo coerente. cf. RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP.: Ed. Unicamp, 2008. p. 255.

<sup>242</sup> Marcio Guedes Veneu, em um artigo sobre tempo e história em Euclides da Cunha definiu da seguinte maneira a influência da ideia do progresso: “O que desejamos ressaltar é que a ideia de progresso disseminada na época, e reforçada pelo positivismo, remete a uma forma específica de conceber o tempo, numa associação que toma conta da mentalidade ocidental com a ideologia iluminista e a revolução industrial: um tempo linear, cronológico, proposto como referência única para a duração de todas as atividades humanas, no qual os diferentes momentos sucedem-se uns aos outros numa escala evolutiva ascendente em direção à realização do ideal de progresso.” VENEU, Marcio Guedes. **A Cruz e o Barrete: Tempo e história em Euclides da Cunha**. In: Fundação Casa Rui Barbosa. Disponível em < [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br) >. Acesso, em 04/07/2011.

<sup>243</sup> Segundo Amory, “o pêndulo oscilante da crítica de nosso escritor era ativado por uma reorientação intelectual na teoria da evolução e nas ciências sociais, das quais Spencer era o eminente divulgador nas

é essa trilha rumo ao progresso social, à superação dos males da humanidade, em vistas da plena emancipação política e científica.<sup>244</sup>

Essa perspectiva dá ensejo à projeção da ruína do sertão, e desaparecimento da vida dos sertanejos. Euclides, desde a *Nota Introdutória*, alerta: “o jagunço destemeroso, o *tabaréu* ingênuo e o *caipira* simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescente, ou extintas. (...) Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo”.<sup>245</sup> Essa é a primeira projeção do sertanejo ao passado, devendo sua situação histórica a um anacronismo no tempo. Além disso, esse anacronismo é uma situação estática, de atavismo, pois o modo de vida do sertão parece não comportar o futuro projetado pelo progresso; no caso, o único futuro que esperam é o do fim do mundo, anunciado pela insanidade de Antônio Conselheiro.<sup>246</sup> A “marcha dos povos neste século”<sup>247</sup>, característica do caminho do progresso da civilização encontrava o obstáculo do atavismo histórico sertanejo, tipificado na figura do Antônio Conselheiro “Era o profeta, o emissário das alturas, transfigurado por ilapso estupendo, mas adstrito a todas as contingências humana, passível do sofrimento e da morte, e tendo uma função exclusiva: apontar aos pecadores o caminho da salvação”.<sup>248</sup>

---

Américas. (...) Como outros intelectuais brasileiros, procurava em Spencer outro credo social e científico que fosse mais consoante com as incipientes industrialização e urbanização do Brasil do que com o velho positivismo de Comte.” AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha**: Uma Odisseia nos Trópicos. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2009. pp. 76 – 78.

<sup>244</sup> Sobre a tese clássica do progresso, Alan Touraine explicita sua essência: “o que predomina é a unidade das práticas de produção da sociedade e da cultura em uma nação inteiramente empenhada na sua modernização. A ideia de modernidade triunfa e não deixa que mais nada subsista ao seu lado. Momento central da nossa história este em que nós nos pensamos inteiramente em termos históricos. (...) A razão principal desta transformação é a Revolução Francesa e não a revolução industrial. Enquanto esta última reforça um pensamento evolucionista e mesmo positivista, é a Revolução Francesa que faz entrar na história e no pensamento a ideia do ator histórico, do encontro de um personagem ou de uma categoria social e do destino, da necessidade histórica. (...) A ideia de progresso ocupa um lugar intermediário, central, entre a ideia de racionalização e a de desenvolvimento. Este dá primazia à política, aquela ao conhecimento; a ideia de progresso afirma a identidade entre políticas de desenvolvimento e triunfo da razão; ela anuncia a aplicação da ciência à política e por isso identifica uma vontade política como uma necessidade histórica. Acreditar no progresso é amar o futuro ao mesmo tempo inevitável e radioso.” TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. Petropolis, RJ : Vozes, 1994. p. 72.

<sup>245</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* 1985. p. 85.

<sup>246</sup> A projeção do apocalipse é atribuída à Antônio Conselheiro, na parte *O Homem*: “Era truanesco e era pavoroso. \ Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse.” *Ibidem*, p. 221.

<sup>247</sup> *Ibidem*, p. 85.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 208.

Portanto, Canudos assume seu significado na História como o momento do embate entre dois mundos, que são dois mundos em relação diversa com o tempo. De um lado o sertão, com seu catolicismo popular e sua escatologia apocalíptica, e de outro a modernidade e sua escatologia moral e civilizatória. Desta forma, Euclides da Cunha observava que entre a civilização e o sertão, antepunha-se a distância do tempo:

A campanha de Canudos tem por isto a significação inegável de um primeiro assalto, em luta talvez longa. (...). Além disto, mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo. Aquela campanha lembra um refluxo para o passado.<sup>249</sup>

Esse é o núcleo da tese histórica que o autor apresenta, e a partir da qual lê o conflito de Canudos e seu sentido para a história brasileira. Pois, a narrativa da guerra aproveita-se de uma orfandade do sentido da nação, que será encontrada no sertão. Aqui, a busca depara-se tanto geograficamente como historicamente com “o cerne de uma nacionalidade”<sup>250</sup>. Porém, há um problema, uma “coordenada histórica” que não permite ser incorporada simplesmente à marcha da nação. O sertão e o jagunço estão como que à margem do progresso civilizacional, e por esta situação de incompatibilidade entre dois mundos históricos houve a guerra.

A busca do sentido nacional determina o olhar para o sertão a partir das turmas de povoadores e da conquista da terra desde o século XVI. Esse, por sinal, é o nódulo da tese do atavismo sertanejo. O início da formação étnica do homem do sertão se dá com as entradas e bandeiras. As linhas de penetração do sertão, a importância do Rio São Francisco, e os obstáculos oferecidos pelo terreno, marcam uma intersecção da mesologia com a história. O olhar do narrador, percorrendo uma estrada que corre pela borda de um planalto, comenta:

Calca, de fato, estrada três vezes secular, histórica vereda por onde avançaram os rudes sertanistas nas suas excursões para o interior. Não a alteraram nunca. Não a variou, mais tarde, a civilização, justapondo aos rastros do bandeirante os trilhos de uma via férrea.<sup>251</sup>

---

<sup>249</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, 1985. p. 86.

<sup>250</sup> *Ibidem*, p. 559.

<sup>251</sup> *Ibidem*, p. 98.

Portanto, disso advém que o isolamento por fatores mesológicos resultou no isolamento histórico das vilas sertanejas, fundadas por bandeirantes ou oriundas de reduções jesuíticas, significando que elas permaneceram estáticas no tempo, num lugar onde a civilização relegou à margem.

Ao adentrar a parte *O homem*, a noção de história humana encontra-se agora com a morfogênese da terra. A procura pelo tipo étnico brasileiro, formação do homem nacional, seria o resultado da confluência do meio e da história de povoamento. O mestiço sertanejo é seu resultado, amalgama dos selvícolas, que Euclides considera autóctones da América, dos negros, e do português.<sup>252</sup> A diferenciação do homens do Norte e do Sul do país, conseqüentemente, seriam decorrência da variabilidade do meio. Não é um determinismo simples, mas uma resposta do homem em luta pela vida na face da Terra. Mudada as condições dessa luta, muda o curso da espécie ou da raça. “A nossa história traduz notavelmente estas modalidades mesológicas”.<sup>253</sup> Essa junção da mesologia e da história desemboca na tese do atavismo do sertanejo do norte: “Preso no litoral, entre o sertão inabordável e os mares, o velho agregado colonial tendia a chegar ao nosso tempo, imutável, sob o emperramento de uma centralização estúpida, realizando a anomalia de deslocar para uma terra nova o ambiente moral de uma sociedade velha.”<sup>254</sup>

No presente em que o autor escreve, permaneceria, segundo sua visão, no Norte a moral da sociedade medieval ibérica, transplantada a uma nova terra pela empresa colonizadora. Contrapõe-se, de outro lado, o Sul, como empresa dos aventureiros bandeirantes, herdeiros da aventura do Reino pela África adentro.<sup>255</sup> Ou pelo menos, tal é a dicotomia pretendida, e no último caso, a diferença dá-se pelas condições mesológicas, menos adversas no Sul, e logo, para Euclides, mais propícias ao desenvolvimento.

O isolamento geográfico e a permanência no tempo dão margem à construção da imagem do sertanejo como um homem de outra era, que subitamente se encontra, no conflito, com o moderno. Assim, há inúmeras passagens que constroem figuras e

---

<sup>252</sup> *Ibidem*, pp. 141 – 162.

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 153.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 154.

<sup>255</sup> *Idem*.

imagens de retardatários da História. Sobre o vaqueiro, encourado em seu traje para vencer a caatinga, Euclides diz ser “a forma grosseira de um campeador medieval desgarrado em nosso tempo”.<sup>256</sup> Também em seus costumes, destaca o aferro às mais remotas tradições. Novamente, é o anacronismo de três séculos a figura utilizada para caracterizar as tradições do sertão:

Seguem para as vilas se por lá se fazem festas de cavalhadas e mouramas, divertimentos anacrônicos que os povoados sertanejos reproduzem, intactos, com os mesmos programas de há três séculos. E entre eles a exótica *encamisada*, que é o mais curioso exemplo do aferro às mais remotas tradições. Velhíssima cópia das vetustas quadras dos fossados ou arrancadas noturnas, na Península, contra os castelos árabes, e de todo esquecida na terra onde nasceu, onde a sua mesma significação é hoje inusitado arcaísmo, esta diversão dispendiosa e interessante, feita à luz de lanternas e archotes, com os seus longos cortejos de homens a pé, vestidos de branco, ou à maneira de muçulmanos, e outros a cavalo em animais estranhamente ajaezados, desfilando rápidos, em escaramuças e simulados recontros, é o encanto máximo dos matutos folgazãos.

Esta tese do atavismo é utilizada largamente para composição de outras imagens, relativas a tudo o que se possa referir ao sertanejo. Quanto a sua religiosidade, Euclides da Cunha diz: “Ali estão, francos, o atropismo do selvagem, o animismo do africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior, na época do descobrimento e da colonização.”<sup>257</sup> Segundo Euclides, o catolicismo ibérico, antecedente do messianismo identificado ao arraial de Canudos, estagnados ambos em uma Idade Média trevosa, assomado ao sebastianismo, transplantou-se ao sertão e lá permaneceu intacto até o fim do século XIX:

Uma grande herança de abustões extravagantes, extinta na orla marítima pelo influxo modificador de outras crenças e de outras raças, no sertão ficou intacta. Trouxeram-na as gentes impressionáveis, que afluíram para a nossa terra, depois de desfeito no Oriente o sonho miraculoso da Índia. (...) E da mesma que após Alcácer-Quibir, em plena 'caqueixia nacional', segundo o dizer vigoroso de Oliveira Martins, procurava, ante a ruína iminente, como salvação única, a fórmula superior das esperanças messiânicas. (...)<sup>258</sup>

Esta justaposição histórica calca-se sobre três séculos. Mas é exata, completa, sem dobras. Imóvel o tempo sobre a rústica sociedade sertaneja, despeada do movimento geral da evolução humana, ela respira ainda na mesma atmosfera moral dos iluminados que encalçavam, doudos, o Miguelinho ou o Bandarra.

---

<sup>256</sup> *Ibidem*, p. 182.

<sup>257</sup> *Ibidem*, p. 199.

<sup>258</sup> *Idem*.

Nem lhe falta, para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo.<sup>259</sup>

“Estigmas atávicos” e “herdeiros infelizes de vícios seculares” são as preposições que jogam ao tempo passado as manifestações presentes dos costumes e crenças sertanejas. Essa razão histórica preside, de igual, modo, a caracterização de Antônio Conselheiro, como “documento vivo de atavismo”.<sup>260</sup> Seu estado mental não seria desvendado pela patologia psiquiátrica, ou pela antropologia das raças degeneradas, mas pela razão evolutiva da história: “Evitada a intrusão dispensável de um médico, um antropologista encontrá-lo-ia normal, marcando logicamente certo nível da mentalidade humana, recuando no tempo, fixando uma fase remota da evolução”<sup>261</sup>. O líder de Canudos era, para Euclides, um gnóstico típico dos primeiros séculos do cristianismo, sobrevivendo em pleno século XIX:

Renan faz ressurgir, pelo galvanismo do seu belo estilo, os adoidados chefes de seita dos primeiros séculos. (...) Não há desejar mais completa reprodução do mesmo sistema, das mesmas imagens, das mesmas fórmulas hiperbólicas, das mesmas palavras quase. É um exemplo belíssimo da identidade dos estados evolutivos entre os povos. O retrógrado do sertão reproduz o fácies dos místicos do passado. Considerando-o, sente-se o efeito maravilhoso de uma perspectiva através dos séculos...<sup>262</sup> (...) Está fora do nosso tempo.<sup>263</sup>

E em sua manifestação bélica, o sertanejo também era um retrógrado. “Por fim as armas - a mesma revivescência de estádios remotos: o facão jacaré, de folha larga e forte; a parnaíba dos cangaceiros, longa como uma espada; o ferrão ou guiada,(...); as bestas e as espingardas.”<sup>264</sup> Euclides da Cunha concluía, desta forma, que o jagunço “está na fase evolutiva em que só é conceptível o império de um chefe sacerdotal ou guerreiro”.<sup>265</sup>

---

<sup>259</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>260</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>261</sup> *Ibidem*, p. 207.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 221.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p. 222.

<sup>264</sup> *Ibidem*, p. 233.

<sup>265</sup> *Ibidem*, p. 248.

Portanto, o sertão é o lugar do arcaico. Isto, porém, redundava em ser o sertão o lugar da origem do verdadeiramente brasileiro.<sup>266</sup> Busca-se a inteligibilidade da complexidade racial, geográfica e histórica, para prover o sentido da nacionalidade. Assim, o episódio de Canudos transforma-se, para Euclides da Cunha, no evento em que esses três vetores de definição nacional confluem, tornando-se a ocasião por excelência para compreensão da situação do país na virada do século XIX para o XX. Ele encontrou, na guerra de Canudos, um veio de sentido para a interpretação do país, que traduziu numa tese histórica de encontro entre dois mundos, o antigo e o moderno:

Insistamos sobre esta verdade: a guerra de Canudos foi um refluxo em nossa história. Tivemos, inopinadamente, ressurrecta e em armas em nossa frente, uma sociedade velha, uma sociedade morta, galvanizada por um doudo. Não a conhecemos. Não podíamos conhecê-la. Os aventureiros do século XVII, porém, nela topariam relações antigas, da mesma sorte que os iluminados da Idade Média se sentiriam à vontade, neste século, entre os *demonoplatas* de Verzeznis ou entre os *Stundistas* da Rússia. Porque essas psicoses epidêmicas despontam em todos os tempos e em todos os lugares como anacronismos palmares, contrastes inevitáveis na evolução desigual dos povos, patentes sobretudo quando um largo movimento civilizador lhes impele vigorosamente as camadas superiores.<sup>267</sup>

O recurso a uma filosofia da história evolucionista ordenava temporalmente o lugar do jagunço e do homem civilizado, um cabia ao passado destinado ao desaparecimento, e o outro destinado ao futuro prometido pela civilização. Essa explicação do sentido histórico encontrado é reforçada outra vez dentro do próprio livro:

Vivendo quatrocentos anos no litoral vastíssimo, em que pelem reflexos da vida civilizada, tivemos de improviso, como herança inesperada, a República. Ascendemos, de chofre, arrebatados na caudal dos ideais modernos, deixando na penumbra secular em que jazem, no âmago do país, um terço de nossa gente. Iludidos por uma civilização de empréstimo; respigando, em faina cega de copistas, tudo o que de melhor existe nos códigos orgânicos de outras nações, tornamos, revolucionariamente, fugindo ao transigir mais ligeiro com as exigências da nossa própria nacionalidade, mais fundo o contraste entre o nosso modo de viver e o daqueles rudes patrícios mais estrangeiros nesta terra do que os imigrantes da Europa. Porque não no-los separa um mar, separam-no-los três séculos...<sup>268</sup>

Essa posição era reafirmada por Euclides da Cunha, em um trecho de sua conferência *Castro Alves e seu Tempo*, no qual apresentava sua própria explicação de seu livro.

---

<sup>266</sup> Vide dessa dissertação o Capítulo 2.

<sup>267</sup> *Ibidem*, p. 248.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p p. 248 – 249.

Sem uma idade antiga, nem média, fomos compartilhar as primícias da idade moderna: o efeito foi que as nossas idades antigas, média e moderna, confundiram-se, interserindo-se dentro das mesmas datas. Há um livro, que é simples historiúnda desse drama obscuro. A luta de 1897, nos sertões baianos, a despeito de sua data recente foi um refluxo do passado; o choque da nossa pré-história e da nossa modernidade; uma sociedade a abrir-se nas linhas de menor resistência, e mostrando, em plena luz, as suas camadas profundas, irrompendo devastadoramente, a exemplo das massas candentes de diábase que irrompem e se derramam por vezes sobre os terrenos modernos, extinguindo a vida e incinerando os primores da flora exuberante.<sup>269</sup>

Essa articulação, sobre um presente que carece de um passado que lhe garanta as bases da civilização futura, funciona como o núcleo do argumento histórico racional do livro. Torna-se, desta maneira, o centro de seu posicionamento no contexto cultural de seu tempo. Pois, trata-se de com sua obra, de desvendar o sentido da evolução histórica do Brasil, a partir do acontecimento de 1897 no sertão baiano, provendo a unidade interpretativa da nação com vistas ao seu desenvolvimento futuro. Segundo Maria Alice Rezende de Carvalho, essa é uma atitude típica da *intelligentsia* dos países periféricos ao processo de modernização capitalista, porque a partir de um cenário fragmentado e disperso, portam-se como enunciadores da unidade nacional. “Daí se dizer que o principal problema a que se entregam aqueles intelectuais é sempre o da relação entre o andamento universal e o descompasso da sua ‘aldeia’ – evidente, por exemplo na tentação idealista de representar a sociedade nacional como um todo”<sup>270</sup>. Desta forma, atuam legitimando o discurso sobre o sentido nacional e sua própria posição enquanto “intelectuais”, “fornecendo às suas respectivas sociedades uma compreensão de si e uma plataforma unitária de engajamento na História maiúscula, universal”<sup>271</sup>. A obra de Euclides, portanto, atua em favor de um projeto modernizador, fornecendo uma interpretação capaz de sintonizar a situação dos habitantes do interior do território brasileiro com o progresso da civilização.

A representação do sertanejo como espécime do passado torna-se possível a partir da perspectiva de uma História universal, que marca o ritmo de um tempo outro

---

<sup>269</sup> CUNHA, Euclides da. Castro Alves de Seu Tempo. Conferência no Centro XI de Agosto, Rio de Janeiro, em 1907. In: *Op. Cit.* v.. p. 569.

<sup>270</sup> CARVALHO, M. A. R. de. Apresentação In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil:** intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro : Revan : IUPERJ, UCAM, 1999. P. 9.

<sup>271</sup> *Idem.*

que o do sertão. Não é à toa que o cerne do conflito revolve-se, para o autor, numa discrepância de coordenadas históricas, “mal unidos àqueles extraordinários patrícios pelo solo em parte desconhecido, deles de todo nos separa uma coordenada histórica – o tempo.”<sup>272</sup> Nesse aspecto, é elucidativo um ensaio de Reinhart Koselleck sobre a diferença entre as previsões apocalípticas de fanáticos iluminados pré-modernos e a esperança no progresso da filosofia moderna da história. Koselleck parte comparando a enunciação apocalíptica da Sibila Tiburtina, do século IV d.C, e o texto do engenheiro elétrico Werner von Siemens, de 1886.<sup>273</sup> A princípio, constata-se uma semelhança formal, na medida em que ambos falam do futuro e apresentam prognósticos do tempo. Mas, entre a concepção apocalíptica do tempo e a moderna ideia de progresso da história encontra-se profundas modificações na ordem da experiência da vida, que tornaram-se drásticas a partir do século XVI, e radicalizaram-se com a Revolução Francesa no final do XVIII. Euclides da Cunha, do ponto de vista historicista, acerta ao encontrar nos surtos apocalípticos atribuídos por ele à Antônio Conselheiro e aos sertanejos um tempo pré-moderno. A posição do autor frente a história de Canudos torna-se a posição do homem moderno frente ao tempo. Pois, segundo Koselleck a diferença básica entre os dois tipos de tempo é que o apocalíptico toma o tempo como natural e extra-histórico, não dependente do homem, pois é de alçada divina; enquanto para o moderno, o tempo é regulado por uma lei (Newton), que o caracteriza enquanto intervalos sucessivos de uma mesma medida sempiterna, dentro do qual ação humana produz a história. No primeiro caso, o futuro é esperado como encurtamento do sofrimento humano pela advinda do fim do mundo (ou o fim do tempo); no segundo, o futuro é esperado como auto realização do homem e libertação de toda dominação no curso da história (ou a realização da História)<sup>274</sup>.

Trata-se de um assunto que envolve a construção do estado moderno. Segundo Koselleck, na modernidade ocorre uma secularização das perspectivas escatológicas judaico-cristãs, que passam à filosofia da história enquanto perspectivas de realização moral da humanidade: “A doutrina dos dois mundos [St.Agostinho], como última palavra de legitimação da ação política e do comportamento social, é substituída pela

---

<sup>272</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* 1985. p, 86.

<sup>273</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Acortamiento del Tiempo y Aceleración. un estudio sobre la secularización.* In: **Aceleración, Prognosis, Secularización. Valencia** : Pre-Textos, 2003.

<sup>274</sup> *Ibidem*, pp. 40; 46.

noção de história e tempo histórico, invocados e mobilizados, de agora em diante, como instância última de fundamentação dos planos político e do comportamento social”<sup>275</sup>. Nesse sentido, o projeto de construção da nação brasileira resolve-se no debate sobre o curso de sua história, e é esse o curso que *Os Sertões* almeja decifrar.

Trata-se, como para os outros ensaístas interpretes da nação, de dotar um meio amorfo, herdeiro da empresa colonial, de uma espinha dorsal moderna, isto é, um projeto de transformação que ponha a nação no ritmo da modernidade.<sup>276</sup> Segundo Paulo Arantes, na tentativa de acertar os ponteiros locais com a hora do mundo, os escritores e ensaístas brasileiros buscaram no passado as possibilidades de futuro, isto é, o exame da formação nacional, o curso de sua história, forneceria as linhas evolutivas ou orgânicas passíveis de orientar as ações de construção do futuro. A partir do fundo do passado reconstituído, integrava-se a nação e a cultura brasileira no espírito moderno. Do ponto de vista temporal, esse espírito moderno é a ideia da grande história da humanidade, todavia ditado pelo ideal europeu de civilização.

## Dois Desvios

Tratamos do núcleo racional do argumento histórico presente no livro. Esse núcleo revela a explicação da pergunta inicial deste trabalho, ou seja, o que permitia

---

<sup>275</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>276</sup> “São ensaios que de fato procuram registrar tendências reais na sociedade, apesar da atrofia congênita que timbra em abortá-las; no mais das vezes, porém, traduzem, antes o propósito coletivo de dotar o meio amorfo — cujo indiferentismo enerva, como dizia o dr. Pereira Barreto — de uma espinha dorsal moderna que o sustente. Para ficar nos mais conhecidos deles: formação econômica do Brasil; formação do Brasil contemporâneo; formação política do Brasil; formação da literatura brasileira, etc. Como se vê, nossa ‘formação’ (à qual Nabuco deu um cunho pessoal e auto-complacente) é perseguida como um ponto de honra nacional, e com tanto mais denodo quanto raramente parece dar certo, a começar pela esfera intelectual que nos interessa mais de perto. Nada soma, não há ‘seriação’ (Silvio Romero), os surtos inconclusivos são a regra. Corre por esse trilho o desabafo de Mário de Andrade; ‘a nossa formação nacional não é natural, não é espontânea, não é, por assim dizer, lógica’. Naturalidade, espontaneidade e lógica estão evidentemente do outro lado do oceano. Diante da ‘barafunda’, da ‘imundície de contrastes’ que somos (ainda Mário de Andrade), não há dúvida que o ideal de harmonia e inteireza só pode ser a vinculação relativamente consistente que na tradição europeia associa a vida do espírito ao conjunto da vida social.” ARANTES, Paulo Eduardo. Cruz Costa, Bento Prado Jr. e o problema da Filosofia no Brasil - uma digressão. In: ARANTES, Paulo. Et.all. (orgs.) **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: EDUC, 1993. p. 24.

Euclides da Cunha representar o sertanejo como homem situado no tempo passado. A resposta está na própria fundamentação de sua interpretação, que almeja a incorporação do sertão na linha evolutiva da História da civilização, assegurando a particularidade da formação nacional brasileira. Ao fazer isso, ele utiliza da concepção moderna do tempo, segundo a qual o futuro é esperado enquanto auto-realização do homem pelo caminho de suas próprias ações, isto é, por sua história. O episódio de Canudos assume, assim, seu significado numa linha evolutiva, representando o momento de encontro entre duas concepções de tempo, uma arcaica e a outra moderna. O futuro em face do qual o passado é lido, passa pela construção do estado brasileiro e organização moral da sociedade segundo o ritmo da modernização industrial. No entanto, na narrativa de Euclides da Cunha, encontramos dois desvios, próprios, agora, não à argumentação racional, mas à poética de sua composição. Ou seja, a narrativa profundamente marcada pela poética, resvala por, pelo menos, dois caminhos que subvertem a leitura da história contada. Eles são, por um lado, um desvio alegórico e mítico, e por outro, um desvio psiquiátrico, que toma o discurso histórico com a função de corrigir a loucura.

No decorrer da narrativa, o narrador assume a ironia frente ao lado civilizado, mostrando como, quando no sertão, a civilização portou-se tal como os bárbaros. Isso rescinde o tom de defesa da civilização, passando para o lado de um questionamento do sentido racional do devir. Ocorre, por exemplo, quando ao fim da parte *O homem*, anuncia-se a luta que irá se suceder, revelando-lhe porém a faceta do exército nacional de restaurar o mesmo procedimento dos bandeirantes. Isto significaria, também retroceder a um estágio anterior da História:

E quando pela nossa imprevidência inegável deixamos que entre eles se formasse um núcleo de maníacos, não vimos o traço superior do acontecimento. Abreviamos o espírito ao conceito estreito de uma preocupação partidária. Tivemos um espanto comprometedor ante aquelas aberrações monstruosas; e com arrojo digno de melhores causas, batemo-los a cargas de baionetas, reeditando por nossa vez o passado, numa *entrada* inglória, reabrindo nas paragens infelizes as trilhas apagadas das bandeiras...<sup>277</sup>

É neste sentido que o autor revela Canudos como um palco da reencenação de mitos, alegorias, e demências. Em seu dizer, Canudos está como que em outro plano, tanto do espaço quanto da História: “Ademais, não havia temer-se o juízo tremendo do

---

<sup>277</sup> CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.* 1985. p. 249.

futuro. A História não iria até ali.”<sup>278</sup> Segue o autor, reconhecendo o caráter extraordinário do cenário, no que alude ao significado da campanha como um retrocesso, um encontro da civilização com a humanidade primitiva, com a diferença de portar, desta vez, a espada, e as armas modernas, rifles e canhões estrangeiros:

Canudos tinha muito apropriadamente, em roda, uma cercadura de montanhas. Era um parêntese; era um hiato; era um vácuo. Não existia. Transposto aquele cordão de serras, ninguém mais pecava. Realizava-se um recuo prodigioso no tempo; um resvalar estonteador por alguns séculos abaixo.

Descidas as vertentes, em que se entalava aquela furna enorme, podia representar-se lá dentro, obscuramente, um drama sanguinolento da idade das cavernas. O cenário era sugestivo. (...)

A animalidade primitiva, lentamente expungida pela civilização, ressurgiu, inteiriça. Desferrava-se afinal. Encontrou nas mãos ao invés do machado de diorito e do arpão de osso, a espada e a carabina. Mas a faca lembrava-lhe melhor o antigo punha de sílex lascado. Vibrou-a. Nada tinha a temer. Nem mesmo o juízo remoto do futuro.<sup>279</sup>

Como que correspondente a essa ironia frente a atuação do exército nacional, e da racionalidade no meio do deserto, temos um desvio alegórico na forma e mítico no conteúdo. O livro funciona como uma alegoria da história, na articulação trinária de suas três partes: *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*. Se trata de uma alegoria na qual o destino da vida é marcado pela *luta*, primeiramente, reescrevendo um mito de origem, entre a terra e o céu; depois, a luta da vida em face ao inorgânico; e finalmente a luta do homem contra o homem, caracterizado pela vingança de sangue e luta entre famílias, clãs ou nações.<sup>280</sup> A história é assim a *Luta*, do *Homem*, e da *Terra*. Seu conteúdo, no entanto, é a de um mito, de uma guerra que se encontra no caminho, onde Canudos se torna o “mais lendário dos vilarejos”<sup>281</sup>, a “Jerusalém de taipa”<sup>282</sup>, e o recurso a uma série de imagens míticas povoa a construção dos fatos: “Como as rodas dos carros de Shiva, as roda dos canhões Krupp”<sup>283</sup>. Mito e alegoria que recorrem a um tom profético,

---

<sup>278</sup> *Ibidem*, pp. 237 – 238.

<sup>279</sup> *Ibidem*, p. 538.

<sup>280</sup> O modelo da luta é obra do sociólogo Gumpłowicz, *A Luta de Raças*, segundo o qual o motor da história é a luta entre raças. Mas Euclides da Cunha parece traduzir para a luta sertaneja, no qual é típico a vingança de sangue perpetrada por uma família contra a outra, num círculo vicioso, até a desgraça total. O tópico foi explorado por Walter Sales, em sua película *Abril despedaçado* (2001). O filme foi baseado no romance homônimo de Ismael Kadaré.

<sup>281</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>282</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>283</sup> *Ibidem*, p. 291.

como que incorporando o discurso sertanejo como forma de sua própria voz enunciativa. Neste sentido, Walnice Nogueira Galvão expõe que

Euclides tomou ainda emprestada dos canudenses milenaristas e messianistas – que ali se concentraram para esperar o Juízo Final anunciado pela chegada do novo século, numa vida de oração e penitência para salvar a alma – a visão escatológica. E mostra como, através da inversão demoníaca das imagens bíblicas que presidem à crença salvacionista, é possível aderir ao ponto de vista deles. Isso se efetiva através da mimese do grande sintagma narrativo da *Bíblia*, por meio do qual é traçado do arco que vai da criação do arraial de Canudos, o “Gênesis” bíblico, até seu aniquilamento pelo fogo, o “Apocalipse”, em conjunção com as profecias das sagradas escrituras.<sup>284</sup>

De outro lado, como eco auto crítico desse desvio alegórico, mítico e profético, ocorre um desvio da narrativa para a mimese de um diagnóstico psiquiátrico. Aqui, a história torna-se o lugar do hospício humano.<sup>285</sup> De Antônio Conselheiro diz que foi “para a história como poderia ter ido para o hospício. Porque ele para o historiador não foi um desequilibrado.”<sup>286</sup> A posição de um narrador historiador seria então a do diagnóstico da loucura humana, recorrente durante o livro, a perpassar tanto os fatos do lado dos sertanejos quanto o lado do exército nacional. Assim, pôde fechar o livro com a frase de uma inconclusão da história enquanto não houver o seu grande psiquiatra: “É que ainda não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...”<sup>287</sup>

Mas, como a posição narrativa de Euclides da Cunha é um misto de fantasia e razão, e como demonstrado por Walnice Nogueira Galvão, seu discurso incorpora o tom profético escatológico dos canudenses, chega-se à uma narrativa que parece no, último caso, despertar para que loucura de loucuras, tudo é loucura; ou de outro lado, não haver loucura, a não ser daquele que a encontra. Neste sentido, não pode-se precisar se o psiquiatra messiânico se posicionará fora ou dentro do hospício, se virá para trancafiar o homem no grande hospício da história, ou se fará como o Alienista, de Machado de

---

<sup>284</sup> GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclides da Cunha militante da república**. São Paulo : Expressão Popular, 2010. p. 78.

<sup>285</sup> Por exemplo, quando mencionando outros casos de fanatismos pelos sertões brasileiros diz “A aura de loucura soprava também pelas bandas do Sul: o Monge do Paraná, por sua vez, aparecia nessa concorrência extravagante para a história e para os hospícios.” CUNHA, Euclides da. *Op. Cit.*, 1985. p. 378.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 206.

<sup>287</sup> *Ibidem*, p. 573.

Assis, retirará todos de dentro do hospício enquanto tranca-se, por fim, a si mesmo lá dentro.

Esse discurso da loucura foi percebido pelo escritor húngaro Sándor Márai, quando em 1968 lia *Os Sertões*. Marai encontrou em Canudos uma experiência protótipo do Maio de 1968 francês. O paralelo histórico foi permitido pela crítica da sociedade tecnocrática empreendida pela geração de 68, e pela percepção de que em *Os Sertões* a racionalidade e a técnica não escapavam da ironia de seu autor. Sua leitura de *Os Sertões* resultou na composição de sua própria versão da guerra sertaneja, o romance *Veredito em Canudos*, escrito em húngaro e lançado em 1971. Nele, Sándor Márai vislumbrava em Euclides da Cunha o juízo escatológico, no qual o fim do mundo era o fim da loucura do mundo, pelo triunfo da razão e a subsequente prevalência da ordem:

Mais tarde relembrei que no instante tenso, opressivo, súbito em que se fez silêncio, experimentei um pesar inocente que provinha da alma como se ingênuo lamentasse o fim da Loucura. E a um tempo sentia tristeza e medo, como se naquela hora temesse a manifestação do Juízo - o que também poderia ser perigoso. Porque a Loucura é terrível mas contém algo de humano, de uma Desordem viva. Tudo o que tinha início com a chegada do marechal não passava de vigência da Ordem.<sup>288</sup>

Esses desvios que cabem à poética de *Os Sertões* não deixam intocável o sentido da experiência do tempo. Pois, se com a argumentação histórica ele prevalece sendo a linha evolutiva da sociedade dos tempos antigos para os tempos modernos, no plano estético a experiência do tempo se subverte num enigma, no caso da alegoria, e num círculo, no caso do mito, onde as ações humanas se repetem perenes. Ainda, no caso do discurso psiquiátrico assemelhado ao discurso do historiador, cria-se uma esperança de redenção dúbia, ou, no último caso, desgraçada. Sintoma, portanto, de um pessimismo, e tradução da melancolia ou certo *spleen*<sup>289</sup> do engenheiro com os tempos de construção da modernidade em que vivia e para a qual, com seu trabalho, contribuía. Pela composição narrativa, entre fantasia e razão, todavia permanece a esperança de se dominar a passagem do tempo. Neste sentido, é preciosa a observação de Roberto González Echevarría, segundo a qual, em *Os Sertões*, “o tempo de Canudos expande-se

---

<sup>288</sup> MÁRAI, Sándor. **Veredito em Canudos**. Companhia das Letras, 2002. p. 31.

<sup>289</sup> O termo se refere a experiência sentida pelo artista moderno, como exposto por Baudelaire. Evidentemente, trata-se de um paralelo possível, e não de uma categoria que define o escritor brasileiro. GRABOWSKI, Franciele do Couto. **Baudelaire: Um crítico de Arte**. Universidade Federal do Paraná. (Monografia). Curitiba, 2010.

ao infinito, marcado pela asincronia da violência convulsiva. (...)o tempo aparece como único no *sertão* porque é construído como sendo o tempo da origem”. Depois da destruição da guerra, Canudos torna-se memória no contar de sua história. O sertão, ou deveríamos dizer a narrativa do sertão, trasmuda-se no espaço da busca da origem perdida. O reencontro é o próprio ato de narrar, e a narrativa é o caminho do retorno, que é vívido pela memória.<sup>290</sup>

---

<sup>290</sup> Rösen chamou, por sinal, de “arcaísmo da narrativa” o núcleo da tessitura temporal operada pela narrativa histórica: “A história possui começo, meio e fim. O fim é o momento presente da situação narrativa. O começo está no ponto em que a vida humana gozava de condições cuja falta no presente exige a interpretação do tempo atual. O meio mostra a sequência dos acontecimentos desse início até o presente, de maneira que pareça plausível um futuro em que as condições atuais da vida possam ser mudadas e em que, de certo modo, se retorne ao começo. (...)São ‘arcaicos’ no sentido do termo grego para ‘origem’, que significa simultaneamente algo muito antigo, algo duradouro no tempo e algo válido para todos os tempos.”. RÜSEN, Jörn. *Op. Cit*, 2001. p. 159.

## CONCLUSÃO

*Ansiando pelos tempos antigos e lastimando-me pelo presente, meu coração está exausto.  
Pela manhã o velho vizinho veio à minha cabana coberta de colmo.  
Perguntou-me por que o livro estava molhado.  
Quis falar mas não o fiz, pois estava profundamente embaraçado;  
A mente de tal modo angustiada, foi impossível dar qualquer explicação.  
Deixei cair minha cabeça um instante, e deparei com algumas palavras.  
“Na noite passada a chuva entrou e ensopou minha estante”.*

Ryokan – Lendo o Registro de Eihei Dōgen.

Neste trabalho, no primeiro capítulo, expomos a situação de Euclides da Cunha como engenheiro de obras públicas no Estado de São Paulo. Enquanto atuava profissionalmente, construindo a modernidade nacional, ocupava-se também com a escrita, colaborando nos periódicos com debates sobre a nação. O tema da modernidade situa o fundo sociocultural que permite entender a produção literária de Euclides da Cunha. No segundo capítulo, estudamos a figura do sertão como espaço de contraposição ao meio urbano moderno, fornecendo ao homem da cidade, cansado de civilização, um lugar de evasão. Por esta tópica sertaneja, foi construída uma maneira de se interpretar a história nacional, lendo a geografia do país como cisão do litoral com o vasto interior. Este figura como lugar de mistério e aventura a que se pode lançar. O sertão torna-se o símbolo do plano conquista da nação, e sua narrativa a epopeia do desenvolvimento rumo ao progresso ou à civilização. No terceiro capítulo, penetramos propriamente no texto de *Os Sertões*, buscando entender porque a região e o sertanejo são narrados como pertencentes ao passado. Encontramos o sentido histórico pretendido pelo autor, como eixo linear de desenvolvimento, que vai do tempo antigo ao tempo moderno. E, finalmente, o desvio mitológico que surge, no decorrer da narrativa, quando o exército nacional percorre o caminho para o interior sertanejo. Neste momento, o sertão escapa do tempo, e torna-se o lugar das múmias, ruínas, e da eterna guerra humana, sempre entre dois exércitos, pela posse da terra.

Atribuiu-se a Euclides da Cunha a busca pela mãe como mote psicológico capaz de explicar sua personalidade literária.<sup>291</sup> Embora se possa levantar críticas a essa psicologia, como se um fato por si fosse capaz de explicar toda a produção literária do autor, o tema da orfandade todavia pode ser aproveitado. Desta forma, a orfandade como condição da busca, que se tem em *Os Sertões*, em vários níveis: pelo sentido histórico da nação, pelo sertão arcaico, busca pelo deserto, busca pela origem. Depois de encontrado, na forma de um mito, que traduz a condição humana segundo sua presença na *Terra*, enquanto sua *Luta*, a busca volta-se à esperança, como única saída ou salvação. Pois, o livro foi dedicado aos “futuros historiadores”<sup>292</sup>.

Entretanto, é difícil precisar se o futuro que Euclides pensava, no qual os historiadores volveriam o olhar para a Canudos retratada em seu livro, seria um futuro redimido ou um futuro desesperançado. De um lado, ele nunca abandona de todo a confiança no futuro, como o lugar que a humanidade corrigirá os seus erros, e tornar-se-ia, por assim dizer, melhor. De outro, nunca abandonou um profundo sentimento de desgraça, como uma espécie de culpa originária, carregada pelo homem sobre a face da terra. No primeiro caso, os historiadores do futuro seriam os herdeiros da história realizada; no segundo, seriam os herdeiros do fim do mundo, pois só haveria esperança para os ressuscitados: “nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacientemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo”<sup>293</sup>.

Em *Os Sertões*, o episódio de Canudos transforma-se no lugar de interpretação de toda a história. No centro, uma guerra entre os homens, oriunda de uma luta de clãs ou nações, que devem exterminar-se uma a outra para conseguir lograr a sobrevivência do mais forte. A tragédia que o autor vislumbra recorre às forças da natureza como condicionante do sentido histórico. Impessoais e implacáveis, elas transcorrem castigando a vontade da vida com sua força vigorosa, gerando as secas que martirizam tanto os sertanejos como a flora, a fauna, e o solo. Dependente, pois, de um

---

<sup>291</sup> VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003. pp. 37 – 38.

<sup>292</sup> CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo : Brasiliense, 1985. [1902]. p. 85.

<sup>293</sup> CUNHA, Euclides da. Judas Ashverus. In: **Obra Completa**, v. 1. Org. Paulo Roberto Pereira, 2. Ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. p. 175.

condicionante maior que ele próprio, o homem vê-se subjugado pelo destino. Advêm suas próprias misérias, a demência, e sua vontade de salvação pela esperança do redentor ou do psiquiatra.

O autor não é anunciador de um futuro melhor, mas da observação de seu presente, tornava-se profeta da decadência, da ruína e do fim. Em carta para Coelho Neto, em 1905, quando esperava de sua viagem à Amazônia compor um livro intitulado *Um Paraíso Perdido*, descrevia-se como Jeremias: “Decididamente nasci para Jeremias destes tempos. Faltam-me apenas umas longas barbas brancas, emaranhadas e trágicas.”<sup>294</sup> O autor se identificava, assim, com o profeta do Velho Testamento que anuncia a ruína e a destruição de Judá pela ira divina, por causa dos pecados cometidos pelos hebreus. Na correspondência do autor, encontra-se frequentemente a queixa quanto a sua profissão de engenheiro. Ele dizia esperar escapar da monotonia do seu cotidiano, enfurnado nos cadernos de cálculo, ao calçar a bota de sete léguas, e percorrer o exílio no deserto. Ele sentia anseios de evasão da civilização, que para ele tornavam o sertão o lugar de busca de algo às vezes incomunicável.<sup>295</sup> Então o mundo era o sertão, e o sertão era o sonho do homem.

A discussão com o paradigma narrativista de teoria da história permitiu entender a elaboração narrativa de *Os Sertões* como resgate da experiência do tempo. Depois de destruído pela guerra, depois de conquistado pela civilização, o sertão sobrevive apenas como memória, preservada pela narrativa. Local do sentido perdido, como se de uma infância esquecida a que se quer voltar, o tempo passado, o sertanejo arcaico, a região onde se podia acreditar na transcendência do existente – a experiência mística -, o sertão transfigura-se em o espaço de uma memória, que tem como seu ponto de fuga o próprio passado. A travessia do sertão figura como a busca da origem, e sua narrativa funciona como o caminho do retorno ao tempo perdido. Tudo que se tem é memória.<sup>296</sup>

---

<sup>294</sup> CUNHA, Euclides da. A Coelho Neto. Manaus, 10 de março de 1905. In: **Obra Completa**, v. 2. Org. Paulo Roberto Pereira, 2. Ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. p. 977.

<sup>295</sup> “Rezo, sem palavras, no meu grande panteísmo, na perpétua adoração das coisas; e na minha miserabilíssima e falha ciência sei, positivamente, que há alguma coisa que eu não sei...” CUNHA, Euclides da. Carta a Coelho Neto, Lorena, 22 de novembro de 1903. In: *Op. Cit.* v. 2. 2009. p. 914.

<sup>296</sup> Rûsen formula algo que pode ser entendido nesse sentido: “a história não faz faiscar, como a utopia, a esperança de um inteiramente outro, mas provoca apenas a fagulha histórica da memória de que tudo foi

Nesse sentido, a referência à infância como lugar da idade de ouro, e a orfandade da condição do presente, que busca a origem perdida, pode ser entendida como a matriz de sentido com que o tempo é deglutido em *Os Sertões*. José de Sousa Martins, em um ensaio sobre a infância de colonos e posseiros do sertão, formula perfeitamente o sentido de tal experiência do tempo:

o passado é fonte da esperança, a matriz da utopia, porque é uma referência concreta e uma experiência vivida. Já não é sobrevivência e anacronismo pura e simplesmente. É a recusa de ser privado daquilo que encheu a vida de poesia e de sentido, que tem animado a busca demorada, sofrida e paciente de um novo lugar. Na prática dessa recusa, o tempo se transfigura. Já é *outro tempo*, embora pareça o mesmo.<sup>297</sup>

Embora o futuro pressentido por Euclides da Cunha seja tenebroso, é o ato de narrar que carrega toda carga utópica, isto é, a possibilidade de transcender as limitações do presente em busca do inteiramente outro, que alenta as carências sofridas. Extrapolando a análise de *Os Sertões* para os outros livros que tratam de o sertão, assim não se afigura à toa que a infância seja o lugar privilegiado de observação, ocupado pelo narrador.<sup>298</sup> Também não é por acaso que o futuro se torne o mais das vezes escuro, pois demarca cada vez que se avança a distância maior da infância deixada para trás. Em Euclides da Cunha, essa condição assume ares alegóricos e mitológicos, capazes de narrar a condição humana como a queda do homem do paraíso e como guerra perpétua entre nações, desde sempre.

Este estudo tentou analisar o livro a partir do paradigma narrativo da teoria da história. Encontramos, todavia, um desvio para fora da história, quando o exército nacional percorre a entrada para o sertão, como se, nesse momento, o exílio no espaço se acompanhasse de um caminho para fora do tempo. Neste lugar, a civilização

---

diferente, outrora” RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história. Formas e funções do conhecimento histórico.** Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 2007. p. 141.

<sup>297</sup> MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano.** São Paulo : Contexto, 2009. p. 128. Fica ainda a se investigar a relação da infância com a história. Segundo Agamben, toda história é uma fuga para as regiões da infância. AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História – destruição da experiência e origem da História.** Belo Horizonte: UFMG, 2008. Seria nesse sentido possível entender Rügen, quando este diz “São os grandes historiadores, com efeito, que se distinguem por uma determinada sensibilidade para esse anseio e para as mudanças no horizonte experiencial de seu tempo, mas se caracterizam sobretudo por sua capacidade de interpretar essas mudanças por contraposição ao passado. É nessa transposição das expectativas e intenções quanto ao futuro para a experiência do passado que consiste, afinal, a função orientadora da história.” RÜSEN, Jörn. *Op. Cit.* p. 144.

<sup>298</sup> Por exemplo, em *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego.

retornaria à barbárie, e contra os fanáticos de Canudos, reencenariam um velho tema mítico, a guerra entre dois exércitos pela posse da terra. Nesse ponto, não haveria mais História universal, senão uma sempre eterna guerra entre nações, condenadas ao sangue e à morte. Canudos é narrado como estando fora da História. É o lugar do mito. Mas em grego o mito era a história. Em Canudos, Euclides vê a guerra entre duas nações, que no mito epopeico hindu também se dá. Não exploramos afundo esse tema por exigir uma discussão sobre mito mais complexa que a permitida pela dimensão de uma dissertação.

Em *Os Sertões*, suas três partes - *A Terra, o Homem, A Luta* - formam uma alegoria circular e eterna, enquanto não se escapar da roda da vingança. Escapar da roda, no sertão, se traduz nas tentativas dos retirantes de chegarem ao mar. Mas a profecia é terrível, o mar virará sertão e o sertão virará mar. O caminho para fora desse círculo vertiginoso desaparece, o mundo torna-se a grande prisão da ordem, da demência e da guerra. À sua imagem e semelhança. A narrativa onírica do autor confunde o plano do real com o plano do fantástico, arrematando o sentido para a região do sonho.<sup>299</sup> Contudo, sua visão da guerra de Canudos, talvez como pudesse se esperar, é um pesadelo. Dizer que tal é a história do homem é, sem dúvida, de enorme gravidade. Antes, como fim desse estudo, pode-se lembrar de que o sonho diz muito da história de quem o escreve, sendo sempre possível o sonho ser sonhado novamente ou a história ser reescrita. A dedicatória que ele fez aos historiadores do futuro pode ter essa interpretação, um pesadelo foi lançado àqueles que têm como tarefa fazer do passado uma história melhor<sup>300</sup>. Ou seja, diluir os traumas históricos, evidentes no caso da guerra sangrenta de Canudos, para que o futuro não seja assombrado pelo remorso das ações passadas e, desta forma, construir o presente como um dia melhor. Aproveitando a matéria, pode-se dizer de outra forma. No sertão é comum encontrar cantadores e poetas populares que cantam sobre o mar, sem nunca o terem visto. O sertão é onde o andar revela o passado. A vontade de encontrar o caminho para o mar é como a vontade

---

<sup>299</sup> Por outro lado, Rösen denomina as utopias de sonhos da consciência histórica. Se o sertão for considerado como terra utópica, onde o órfão percorre seu caminho pelo constructo narrativo, encaixa-se com esse trabalho a formulação do professor alemão: “Utopias funcionam como sonhos da consciência histórica sempre que se trata de articular conscientemente (despertas), como orientadoras do agir, representações de circunstâncias de vida desejáveis. As utopias são, pois, sonhos que os homens têm de sonhar com toda a força de seu espírito, para conviver consigo mesmos e com seu mundo, sob a condição da experiência radical da limitação da vida”. RÜSEN, Jörn. *Op. Cit.* p. 138.

<sup>300</sup> Cf. RÜSEN, Jörn. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história. In: SALOMON, M. (org.) **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC : Argos, 2011.

do retorno, para no fim principiar. No mito sertanejo, o mar é o fim da história. Alento.  
O mar é onde sentamos e percebemos que o tempo e o vento são impermanentes.

## **OBRAS DE EUCLIDES DA CUNHA CONSULTADAS:**

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões:** edição crítica por Walnice Nogueira Galvão. São Paulo : Brasiliense, 1985. [1902].

CUNHA, Euclides da. **Poesia Reunida.** Org. Leopoldo M. Bernucci, Francisco Foot Hardman. São Paulo : Editora UNESP 2009.

CUNHA, Euclides da. **Obra Completa:** volume 2. Organizado por Paulo Roberto Pereira, 2ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009.

Onde as seguintes coleções:

**Canudos Diário de uma Expedição.** pp. 495 - 602.

**Caderneta de Campo.** Pp. 603 – 760.

**Correspondência Ativa.** 1890 – 1909. pp. 771 – 1112.

CUNHA, Euclides da. **Obra Completa:** volume 1. Organizado por Paulo Roberto Pereira, 2ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009.

Onde as seguintes coleções:

**Contrastes e Confrontos.** pp. 3 – 128.

Heróis e bandidos; O Marechal de Ferro; O Kaiser; A Arcádia da Alemanha; A vida das estátuas; Anchieta; Garimpeiros; Uma comédia histórica; Plano de uma cruzada; A missão da Rússia; Transpondo o Himalaia; Conjecturas; Contrastes e confrontos; Conflito inevitável; Contra os caucheiros; Entre o Madeira e o Javari; Solidariedade sul-americana; O Ideal americano; Temores vãos; A Esfinge; Fazedores de desertos; Entre as ruínas; Nativismo provisório; Um velho problema; Ao longo de uma estada; Civilização; Academia Brasileira de Letras.

**À Margem da História.** pp. 129 - 310

Na Amazônia – Terra sem história; Rios em abandono; Um clima caluniado; Os caucheiros; Judas-Ashverus; “Brasileiros”; Transacriana; Vários estudos; Martín García; O primado do Pacífico; Da Independência à República; Estrela indecifráveis.

**Outros Contrastes e Confrontos.** pp. 511 – 624.

Instituto Politécnico; Instituto Politécnico II; Estudos de higiene; O Brasil mental; História da viação pública de São Paulo; Discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Castro Alves e seu tempo; Antes dos versos; O Inferno verde; Numa volta ao passado; Última visita; A verdade e o erro; A ideia de Ser; A última entrevista.

**Crônica: Artigos Dispersos na Imprensa.** Pp. 689 – 800.

[Noviciado na Imprensa] A pátria e a dinastia; Questões sociais; Atos e palavras; [Do Rio para a Província] Da corte; Homens de hoje; Definamo-nos; [No jornal Democrata] o Ex-Imperador; Sejamos Francos; Divagando; Resposta à Confederação Abolicionista; Amanhã; Da Penumbra; 15 de março de 1892; 17 de março de 1892; 19 de março de 1892; Dia a Dia; 29 de março de 1892; 31 de março de 1892; 1 de abril de 1892; 2 de abril de 1892; 3 de abril de 1892; 5 de abril de 1892; 6 de abril de 1892; 7 de abril de 1892; 8 de abril de 1892; 10 de abril de 1892; 13 de abril de 1892; 17 de abril de 1892; 20 de abril de 1892; 24 de abril de 1892; 27 de abril de 1892; 1 de maio de 1892; 8 de maio de 1892; 11 de maio de 1892; 15 de maio de 1892; 18 de maio de 1892; 22 de maio de 1892; 5 de junho de 1892; 12 de junho de 1892; 19 de junho de 1892; 22 de junho de 1892; 29 de junho de 1892; 3 de julho de 1892; 6 de julho de 1892; Atos e Palavras; Rio; 17 de abril de 1893.

**Fragmentos e Relíquias.** pp. 801 – 844.

Notas de leitura; Em Viagem; Heróis de ontem; Críticos; O argentaurum; Programa de O Proletário; Mensagem aos trabalhadores; O Quarto Centenário do Brasil; Os vulcões; Viajando; Fragmentos; Documentário; Sucedeu em Curanjá; Parecer sobre Fernando Augusto Geollette.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, João Capistrano de. O Sertão In: Capítulos de História Colonial. 1500-1800. Rio de Janeiro : M. Orosco, 1907. Disponível em « <http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00157600> » Acesso em 02/10/2012.

ABREU, João Capistrano de. **Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil**. [1899] In: PAIM, Antonio (org.) Capistrano de Abreu. Descobrimento do Brasil e Povoamento. [s.l.] : Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro [s.d] Disponível em « [http://www.cdpc.org.br/capistrano\\_de\\_abreu%5B1%5D.pdf](http://www.cdpc.org.br/capistrano_de_abreu%5B1%5D.pdf) » Acesso em 02/05/2012.

ABREU, Regina. **O Enigma de Os Sertões**. Rio de Janeiro : Funarte : Rocco, 1998.

AB'SÁBER, Aziz. **Os Domínios de Natureza no Brasil**. Potencialidades Paisagísticas. São Paulo : Ateliê Editorial, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História** – destruição da experiência e origem da História. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

AL-AZMEH, Aziz. History, Culture, and the Quest for Organism. IN: RÜSEN, J. (org.) **Time and History: The Variety of Cultures**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2007. pp. 109 – 134.

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez Editora. 4.ed, 2009.

ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **O Tempo, o Vento, o Evento: história, espaços e deslocamentos nas narrativas de formação do território brasileiro**.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995.

AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995. p. 145-151.

AMARAL, Vasco Botelho de. **Glossário Crítico de Dificuldades do Idioma Português**. Porto : Editorial Domingos Barreira, 1947. pp. 476-481.

AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: Uma Odisséia nos Trópicos**. Cotia, SP : Ateliê Editorial, 2009.

ANDRADE, Olímpio de Souza. **Historia e Interpretação de Os Sertões**. 4.ed. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 2002.

ANKERSMIT, Frank. **Truth in Literature and History**. Cultura Histórica, 2009. disponível em «

[http://www.culturahistorica.es/ankersmit/truth\\_in\\_literature\\_and\\_history.pdf](http://www.culturahistorica.es/ankersmit/truth_in_literature_and_history.pdf) » Acesso em 31/03/2012.

ANKERSMIT, Frank. R Language and Historical Experience. IN: RÜSEN, J. (org.) **Meaning and Representation in History**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2006. pp. 137 – 155.

ANKERSMIT, Frank. R. Historical Representation. IN: **History and Theory**, v. 27, pp. 205-228, 1988.

ANKERSMIT, Frank. The Three Levels of "Sinnbildung" in Historical Writing. IN: RÜSEN, J. (org.) **Meaning and Representation in History**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2006. pp. 108 – 122.

ARANTES, Paulo Eduardo. Cruz Costa, Bento Prado Jr. e o problema da Filosofia no Brasil - uma digressão. In: ARANTES, Paulo. Et.all. (orgs.) **A filosofia e seu ensino**. São Paulo: EDUC, 1993.

ARINOS Filho, Afonso. Euclides da Cunha e o Itamarati. In: **Revista Brasileira**, n. 61, Ano XVI, Outubro-Novembro-Dezembro 2009. pp. 21-42.

ASSIS, Arthur. A teoria da história como hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 59, 2010. p. 91-120.

ASSIS, Machado de. A Semana, 14 de fevereiro de 1897. Gazeta de Notícias. In: **Obra Completa**. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, Vol. III, 1994.

ASSMANN, Aleida. Flights from History: Reinventing Tradition between the 18th and 20th Centuries. IN: RÜSEN, J. (org.) **Meaning and Representation in History**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2006 pp. 155 – 168.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. A representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 5.ed., 2007.

Aziz Al-Azmeh. History, Culture and The Quest for Organism. IN: RÜSEN, J. (ed.) **Times and History: The Variety of Cultures**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2007. pp. 109 – 134.

BARTELT, Dawid Danilo. **Sertão, República e Nação**. São Paulo : EdUSP, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo : Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte; São Paulo: Ed. UFMG: Imprensa Oficial do Estado de Sao Paulo, 2006.

BERNUCCI, Leopoldo M. **A Imitação dos Sentidos**: Prógonos, Contemporâneos e Epígonos de Euclides da Cunha. São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

BERNUCCI, Leopoldo. Vargas Llosa y la tradición bíblica: La guerra del fin del mundo. In: **Revista Iberoamericana**. Vol. LIII, Núm. 141, Octubre-Diciembre 1987. pp. 965-978.

BLOCH, Ernst. **O Princípio Esperança**. v.1 Rio de Janeiro; Contraponto, Ed.UERJ, 2005.

BOLLE, Wille. *grandesertão.br*: o romance de formação do Brasil. São Paulo: Duas cidades, Ed. 34, 2004.

BONATO, Tiago. **O sertão, Os sertões**: a construção da região Nordeste do Brasil a partir da interface entre história e literatura IN: *História: Debates e Tendências* – v. 8, n. 1, jan./jul. 2008, publ. no 1o sem. 2009. pp. 195-214.

BRADBURY, Malcom; MCFARLANE, James Walter. (orgs.). **MODERNISMO**: guia geral, 1890-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRAGA, Udineia Braga. CANUDOS, uma guerra muitas mulheres. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** . São Paulo, julho 2011.

BRANDÃO, Luís Alberto. Espaços literários e suas expansões. In: **Aletria**. Jan-Jun, v.15. 2007. pp. 207-220. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/poslit>

BURKE, Peter. **A cultura popular na idade moderna**: Europa, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CÂNDIDO, Antônio. Estrutura Literária e Função Histórica. In: **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro : Ouro Sobre Azul, 2006.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. V. 4. Rio de Janeiro : Edições O Cruzeiro, 1962.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de; REVEL, Jacques;; JULIA, Dominique. A beleza do morto: o conceito de 'cultura popular '. IN: REVEL, Jacques. **A invenção da Sociedade**. Rio de Janeiro; Lisboa [Portugal]: Bertrand Brasil: DIFEL, 1989. pp. 49-75.

CESAR, Guilhermino. A visão prospectiva de Euclides da Cunha. In: CESAR, Guilhermino; SCHULER, Donaldo; CHAVES, Flavio Loureiro. **Euclides da Cunha**. Porto Alegre: UFRS, 1966.

CHARTIEER, Roger. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995. pp. 179-192.

CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás**. Da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia : Editora UFG, 2010.

COSTA, Angela Maria da.; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **1890-1914: no tempo das certezas**. São Paulo : Companhia das Letras, 2000.

COSTA, Emília Viotti da **Da monarquia à república: momentos decisivos** – 6.ed. – São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CRISTÓVÃO, Fernando. “A transfiguração da realidade sertaneja e a sua passagem a mito (A *Divina Comédia* do Sertão)”. **Revista da USP**, nº 20, dez./jan./fev. 1993-1994.

DECCA, Edgar de.; GNERRE, Maria L. A. Trauma e história na composição de *Os sertões*. IN: NASCIMENTO, J. L. do. (org.) **Os sertões de Euclides da Cunha: releituras e diálogos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

FACIOLI, Valentim A. **Euclides da Cunha: A Gênese da Forma**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1990.

FERNANDES, Rinaldo de. **O clarim e a Oração**. São Paulo : Geração Editorial, 2002.

FITCHNER Marília Papaléo. *Os Sertões: memória, imagem, representação visual*. .In: GOMES, Gínia Maria. **Euclides da Cunha: literatura e história**. Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclides da Cunha militante da república**. São Paulo : Expressão Popular, 2010.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Euclides: Cartas do ano da guerra. In: HARDMAN, Francisco Foot. (org.) **Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Unesp, 1998. pp.97-110.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana**. Ensaios sobre Euclides da Cunha. São Paulo Companhia das Letras, 2009.

GALVAO, Walnice Nogueira. Metamorfoses do sertão. In: **Estudos Avançados**.. 2004, vol.18, n.52, pp. 375-394.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **No calor da hora: a guerra de Canudos nos jornais: 4. expedição**. 3. ed. São Paulo: Atica, 1994.

GALVÃO, Walnice Nogueira. Sob o signo de Euclides – um depoimento. In: **Revista Brasileira**. Fase VII, Ano XVI Nº 62, Janeiro-Fevereiro-Março, 2010.

GÁRATE, Miriam Viviana. **Civilização e barbárie n'Os Sertões: entre Domingo Faustino Sarmiento e Euclides da Cunha**. Campinas, SP; São Paulo: Mercado das Letras: FAPESP, 2001.

GOMES, Gínia Maria. (org.) **Euclides da Cunha**: literatura e história. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2005.

GRABOWSKI, Franciele do Couto. **Baudelaire: Um crítico de Arte**. Universidade Federal do Paraná. (Monografia). Curitiba, 2010.

GRAHAM, Richard. **Britain & the onset of modernization in Brazil 1850-1914**. Cambridge University Press, Cambridge, 1968.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma história nacional. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. n. 1, 1988. pp.5-27.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Modernização dos Sentidos**. São Paulo : Ed. 34, 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. (org.) **Morte e progresso**: cultura brasileira como apagamento de rastros. São Paulo: Unesp, 1998.

HARDMAN, Francisco Foot. A poética das ruínas n' *Os Sertões*. In: BERNUCCI, L.M. (org.) **Discurso, Ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: EdUSP, 2008.

HARDMAN, Francisco Foot. Brutalidade antiga: sobre história e ruína em Euclides. In: **Estudos Avançados**, 10 (26). 1996.

HARDMAN, Francisco Foot. **Vingança Da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazonia e a literatura moderna. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

HATOUM, Milton. Expatriados em sua própria pátria. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Vol. 1. 2.ed. Rio de Janeiro : Nova Aguilar, 2009. pp. CLV-CLXXII.

HERÓDOTOS. **História**. Livro I. Trad. Mario da Gama Kury. 2.ed. Ed. Universidade de Brasília, 1988.

HOBSBAWM, E. J. **A era dos impérios**: 1875-1914. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

HOPKIN, David. Introduction: Folklore and the historian. In: **Voices of the people in nineteenth-century France**. Cambridge, United Kingdom, 2012. pp. 1-29.

HORKHEIMER, Max. ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar ed., 2006.

HUGO, Victor. **Noventa e Três**. Lisboa : Amigos do Livro editores, [s.d].

IANNI, Octávio. Tendências do pensamento brasileiro. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 12(2): 55-74, novembro de 2000.

IANNI, Octávio. Tipos e Mitos do Pensamento Brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 17, Nº49, 2002. p. 5-10.

IANNI, Otávio. "Estilos de pensamento". in BASTOS, E. R & MORAES, J. Q. de (orgs.). **O pensamento de Oliveira Vianna**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. pp. 429-38.

KOEHLER, Jaqueline. **Lugar sertão se divulga**: é onde a cidade carece de fechos. Dissertação Letras. Universidade Federal do Paraná, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. A Response to Comments on the *Geschichtliche Grundbegriffe*. In: LEHMANN, Hartmut; RICHTER, Melvin. **The meaning of historical terms and concepts new studies on begriffsgeschichte**. Washington, D.C. : German Historical Institute, 1996. pp. 59-70.

KOSELLECK, Reinhart. Acortamiento del Tiempo y Aceleración. un estudio sobre la secularización. In: **Aceleración, Prognosis, Secularización**. Valencia : Pre-Textos, 2003. pp. 37-71.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, Puc Ed-Rio, 2006.

KUTZINSKI, Vera M.; ETTE, Ottmar. Inventories and Inventions: Alexander von Humboldt's Cuban Landscapes. In: HUMBOLDT, Alexander von. **Political Essay on the Island of Cuba**. A critical edition.

LEITE, Sylvia Helena Talarolli de Almeida. O pré-modernismo em São Paulo. **Revista de Letras**, Vol. 35 (1995), pp. 167-184.

LEONZO, Nanci. Oliveira Lima: O Dramaturgo da Independência. In: **Revista da SBPH**, nº 2, São Paulo, 1984/85. pp. 53-58.

LEVI-STRAUSS, Claude. Jean Jacques Rousseau, fundador das ciências do homem. In: **Antropologia Estrutural Dois**. 4. Ed. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1993. pp. 41 – 51.

LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota**. A construção de Os Sertões. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1997.

LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: Intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro : Revan : IUPERJ, UCAM, 1999.

MACHADO, Ronald. A narrativa da história em *Os Sertões*. In: GOMES, Gínia Maria. **Euclides da Cunha**: literatura e história. Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2005.

MACHADO, Ronaldo. A narrativa da história em *Os Sertões*. In: GOMES, Gínia Maria. (org.) **Euclides da Cunha**: literatura e história. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2005. pp. 93-107.

- MÁRAI, Sándor. **Veredito em Canudos**. Companhia das Letras, 2002.
- MARTINS, Estevão de Rezende. Atualidade e Relevância da Teoria da História. Um debate contemporâneo. In: **Revista da SBPH**, nº 1, São Paulo, 1989. pp. 49- 58.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo : Contexto, 2009.
- MARTINS, Wilson. **História da Inteligência Brasileira**. Vol. V. 1897-1914. São Paulo : Cultrix : Ed.Usp, 1977-78.
- MARTIUS, Karl Friedrich Von. Como se deve escrever a Historia do Brasil. In: **Revista de História de América**, No. 42 (Dec., 1956), pp. 433-458. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20137096>. Acesso em 10\06\2012.
- MCFARLANE, James Walter. (orgs.). **MODERNISMO: guia geral, 1890-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- MENDILOW, Adam Abraham. **O tempo e o romance**. Porto Alegre: Globo, 1972.
- MITRE, Antonio. **O Dilema do Centauro**. Ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2003.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. **E Canudos era a Vendéia... O imaginário da Revolução Francesa na construção narrativa de Os Sertões**. São Paulo : Annablume, 2009.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. *Terra Ignota: sertão, memória e oralidade na obra de Euclides da Cunha*. In: **X encontro nacional de história oral**. Testemunhos: Histórica e Política, 2010.
- MÜLLER, Harro. Constructions of Time in the Literature of Modernity. IN RÜSEN, J. (org.) **Time and History: The Variety of Cultures**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2007. pp. 93 – 108.
- NETO, Coelho. Euclides da Cunha. (Feições do Homem). Conferência realizada na Biblioteca Nacional em 15 de agosto de 1918. Reproduzida em: **Revista Brasileira**, n. 61, Ano XVI, Outubro-Novembro-Dezembro 2009. pp. 115-162.
- OLIVEIRA, Maria da Glória de. Fazer história, escrever a história: sobre as figurações do historiador no Brasil oitocentista. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 30, n. 59, June 2010.
- ORTIZ, Renato. **Românticos e Folcloristas**. Cultura Popular. São Paulo: Olho D'Água, 1992.
- PAZ, Octávio. **Os filhos do barro: do romantismo a vanguarda**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, Ana Carolina B. **Que objetividade para a Ciência da História?** : o índio brasileiro e a revolução francesa à luz da teoria da história, de Rüsen a Hayden White. Dissertação (mestrado)—Universidade de Brasília, Departamento de História, 2007.

PRÓ, Diego F. Sarmiento y el historicismo romántico. In: **Cuyo**, Anuario de Historia del Pensamiento Argentino, tomo VIII, Universidad Nacional de Cuyo, 1972.

REALE, Miguel. **Face oculta de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro : Topbooks, 1993.

**Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro**. Rio de Janeiro : Tomo LXVI, parte II.

RIBEIRO, Cristina Betioli. Um norte para o romance brasileiro : Franklin Távora entre os primeiros folcloristas. Tese de Doutorado (Teoria e História Literária). Unicamp, Campinas, SP : 2008.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo : Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP.: Ed. Unicamp, 2008.

RODRIGUES, Antonio da Gama. Euclides da Cunha. Engenheiro de Obras Públicas no Estado de São Paulo. (1896-1904). São Paulo : 1956.

RODRIGUES, Helenice. Léxico e *Categoria O Intelectual*. Jornadas Linha Cultura e Poder, 2003.

RODRIGUES, José Honório. **História e Historiografia**. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

ROMERO, Silvio; CASCUDO, Luis da Câmara. **Folclore brasileiro** : cantos populares do Brasil. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia: EdUSP, 1985.

RÜSEN, Jörn (org.) **Meaning and Representation in History**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2006.

RÜSEN, Jörn. (org.) **Time and History: The Variety of Cultures**. New York, Oxford: Berghahn Books, 2007.

RÜSEN, Jörn. Conscientização histórica frente a Pós-modernidade: a história na era da “Nova Intransparência”. In: **História: Questões & Debates**. Curitiba, 10 (18-19): Jun-Dez, 1989. Pp. 303-328.

RÜSEN, Jörn. Criteria of historical judgment. In: SCHMIDT-GLINTZER, H.; MITTAG, A.; RÜSEN, J. (eds.) **Historical truth, Historical Criticism and Ideology**. Chinese Historiography and Historical Cultura from a New Comparative Perspective. Leiden, Boston : Brill, 2005. pp. 133 - 141.

RÜSEN, Jörn. Future-Directed Elements of A European Historical Culture. In; WANG, Q.E.; FILLAFER, F.L. **The Many Faces of Clio**. Cross-cultural Approches to Historiography. Berghahn Books, 2007. 163-175.

RÜSEN, Jörn. **História viva**: teoria da história. Formas e funções do conhecimento histórico. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 2007.

RÜSEN, Jörn. Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história. In: SALOMON, M. (org.) **História, verdade e tempo**. Chapecó, SC : Argos, 2011.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica**: teoria da história. Fundamentos da ciência histórica. Brasília : Editora da Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Teoria da História II: Os princípios da pesquisa histórica. Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2007.

SAMPAIO, Theodoro. **O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina**: trechos de um diário de viagem (1879-80). São Paulo : Escolas Profissionais Salesianas, 1905.

SAMPAIO, Theodoro. Recordando Euclides da Cunha. (No décimo aniversário de sua morte). In: CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido** : reunião de ensaios amazônicos . seleção e coordenação de Hildon Rocha. -- Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. pp. 85 – 93.

SANTANA, José Carlos Barreto. **Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais**. São Paulo : Hucitec, Feira de Santana : Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

SCHORSKE, Carl E. **Thinking with History**. Explorations in the Passage to Modernism. Princeton, New Jersey : Princeton University Press. 1998.

SCHORSKE, Carl E. **Viena fin-de-siecle**: política e cultura. Campinas, SP; São Paulo: Ed. da UNICAMP: Companhia das Letras, 1988.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** : cientistas, instituições e questão racial no Brasil : 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCOVILLE, André Luiz Martins Lopes de. **Literatura das Secas: Ficção e História**. Tese Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2011.

SENA, Custódia Selma. A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.1, n.1., 1998. pp. 19-28.

SENA, Custódia Selma. Uma narrativa mítica do sertão. In: **Avá: Revista de Antropologia**. n.17, julio-diciembre, Universidad Nacional de Misiones, Argentina, 2010. Disponível em « <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=169020996005> » Acesso em 27/09/2012.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2.ed. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. Periprinations, Visions and the City: From Canudos to Brasília, the Backlands become the City and the City becomes the Backlands. In: SCHELLING, Vivian (ed.). **Through the kaleidoscope: the experience of modernity in Latin America**. London, New York : Verso, 2000.

SEVECENKO, Nicolau Introdução. O Prelúdio Republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo : Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. Canudos e Caldeirão: Missões abreviadas. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** . São Paulo, julho 2011.

SILVA, Luiz Sergio Duarte da. **A construção de Brasília: modernidade e periferia**. 2.ed. Goiânia : Editora UFG, 2010.

SILVA, Luiz Sérgio Duarte da. Teses sobre sertão e cidades de fronteira: labirinto e barroco. In: **O público e o privado**. N.7, janeiro-Junho, 2006.

SKIDMORE, Thomas E.; HOLLOWAY, Thomas H. New Light on Euclides da Cunha: Letters to Oliveira Lima, 1903-1909. In: **Luso-Brazilian Review**. Vol. 8, no. 1 (Summer, 1971), pp. 30-55.

SOETHE, Paulo Astor. Espaço Literário, Percepção e Perspectiva. In: **Aletria**. Jan-Jun, v.15. 2007. pp.221-229. Disponível em: « <http://www.letas.ufmg.br/poslit> »

SOUZA, Natália Peixoto Bravo de. O papel dos euclidianos cariocas na monumentalização de Euclides da Cunha In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH** . São Paulo, julho 2011.

STARLING, Heloísa. A República e o Sertão. Imaginação literária e republicanismo no Brasil IN: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 82, Setembro 200. pp. 133-147.

SUAREZ, Mireya. Um personagem mítico. In **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.1, n.1., 1998. pp. 29-39.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade**. Petropolis, RJ : Vozes, 1994.

TURIN, Rodrigo. Os *antigos* e a nação: algumas reflexões sobre os usos da antiguidade clássica no IHGB (1840-1860). In: **L'Atelier du Centre de recherches historiques** [En ligne], 07 | 2011, mis en ligne le 17 avril 2011, consulté le 13 avril 2012. URL : <http://acrh.revues.org/3748>.

VALENTE, Luiz Fernando. *Os Sertões*: Entre a memória e a história. In: BERNUCCI, L.M. (org.) **Discurso, Ciência e controvérsia em Euclides da Cunha**. São Paulo: EdUSP, 2008.

VENEU, Marcio Guedes. **A Cruz e o Barrete**: Tempo e história em Euclides da Cunha. In: Fundação Casa Rui Barbosa. Disponível em < [www.casaruibarbosa.gov.br](http://www.casaruibarbosa.gov.br) >. Acesso, em 04\07\2011.

VENTURA, Roberto. Canudos como cidade iletrada: Euclides da Cunha na *urbs* monstruosa. **REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, SÃO PAULO, USP, 1997, V. 40 nº1. pp 165-182.

VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. In: **Estudos Avançados**. n.10, (26), 1996. pp. 275-291.

VENTURA, Roberto. *Op. Cit.*. p. 92. VENTURA, Roberto. Euclides da Cunha e a República. In: **Estudos Avançados**. n.10, (26), 1996. pp. 275-291.

VENTURA, Roberto. **Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha**. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

VICENTINI, Albertina. O sertão e a literatura. In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.1, n.1., 1998. pp. 41 - 54.

VIDAL E SOUZA, Candice. **A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro**. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

VIDAL E SOUZA, Candice. O Sertão Amansado. In: **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 13, n. 1., 2010. pp. 101 - 110.

VILHENA, Luís Rodolfo. **Projeto e missão**. O movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro.

VOLNEY, C. F.C de. **As Ruínas ou Meditação sobre a Revolução dos Impérios**. Typografia de Diziderio Marques Leão Lisboa : 1822. Disponível em: [www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br).

WALLS, Laura Dassow. **The Passage to Cosmos**. Alexander von Humboldt and the Shaping of America. Chigago, London : The University of Chicago Press, 2009.

WASSERMAN, Claudia. A historiografia latino-americana da questão nacional: nações inacabadas; inimigos da nação e a ontologia da nacionalidade. In: MALERBA, Jurandir.; AGUIRRE, Carlos Rojas. (orgs.) **Historiografia Contemporânea em perspectiva crítica**. Bauru, SP: Edusc, 2007.

WASSERMAN, Claudia. Nacionalismo: Origem e Significado em Sérgio Buarque de Holanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martinez Estrada. In: Revista UNIVERSUM, nº 18, Universidad de Talca 2003. pp. 305-321.

WEGNER, Robert. Sertões desvendados. In: **Dados**. 2000, vol.43, n.3, pp. 601-626.

WEINBERG, Liliana. **El ensayo, entre el paraíso y el infierno**. México : Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo de Cultura Económica, 2001.

ZILLY, Berthold. A guerra como painel e espetáculo. A historia encenada em *Os Sertões*. In: **História, Ciências, Saúde**: Manguinhos (Rio de Janeiro), v. 1, 1: 13-37, 1997.

ZILLY, Berthold. Um depoimento brasileiro para a História Universal: traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha. In: **Humboldt (Bonn)**, 72: 8-12, 1996.

ZILLY, Berthold. Um patriota na era do imperialismo: o brilho cambiante de *Os Sertões*. In: GOMES, Gínia Maria. (org.) **Euclides da Cunha**: literatura e história. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2005. pp. 27-51.